Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

SEGUNDA-FEIRA, 15 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18251 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

BOM TEMPO

OFENSIVAS ÁRABES NAS DUAS FRENTES

As forças árabes combinadas estavam hoje empenhadas em duas ofensivas contra os israelitas na frente do Sinai e da Síria. Ao mesmo tempo, Moshe Dayan, ministro da Defesa de Israel, considerou o Exército sírio como derrotado e afirmou que se preparava agora para atirar todo o peso das suas Forças Armadas contra o Egipto que ontem lançou uma nova ofensiva em toda a extensão do Canal.

A contra-ofensiva na frente Norte parece ter-se tornado possível devido à entrada da Arábia Saudita nesta quarta guerra israelo-árabe. Segundo se pensa, a estratégia árabe neste momento é impedir que os israelitas levem a cabo o que Dayan anunciou, isto é, impedir, através de uma contra-ofensiva no Norte, que Israel transfira tropas para a frente Sul. Nas batalhas de ontem, os egípcios teriam destruído — segundo eles — 150 tanques israelitas. Segundo os números fornecidos por Telavive, teriam sido os egípcios a perder 230 tanques. Ao decidir entrar no conflito, a Arábia Saudita tornou-se o décimo país árabe a participar activamente no combate contra Israel. Estão agora envolvidos o Egipto, a Síria, a Jordânia, a Arábia Saudita, o Iraque, a Tunísia, Marrocos, o Sudão, a Argélia e o Koweit. A Jordânia estaria a participar nos combates na frente Norte. Entretanto, a resistência palestiniana anunciou ter atacado uma fábrica de armamento israelita onde se fazem os aviões Arfa e mísseis Gabriel. Segundo o comunicado, a fábrica teria sofrido estragos importantes. O comunicado anunciou também um ataque a um comboio militar. Por outro lado, anunciou-se em Beirute que o presidente do Iraque esteve em Moscovo. (R/FP/UPI/ANI).

O general israelita Avram Mendler, cuja morte em combate foi ontem anunciada em Tel-Aviv. Onoficial comandava as forças blindadas de Israel na península do Sinai. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

Ponte aérea para Israel via Açores?

. BASE AÉREA DAS LAJES (Ilha Terceira), 15 (ANI) — Nas Lajes não se fala de outra coisa. Há quase 24 horas uma verdadeira ponte aérea está em curso, com destino oficialmente não revelado, sendo em número de muitas dezenas os aviões de diversos tipos que aterram e descolam no aeródromo norte-americano da Ilha Terceira, nos Açores.

Boeings 707, Galaxias, C-130 e Phantoms têm sido reabastecidos nas instalações que os Estados Unibos mantêm nas Lajes, partindo imediatamente.

Recuo dos conservadores nas eleições turcas

. ANKARA, 15 (F.P. e UPI-ANI) — Os resultados das eleições gerais de ontem na Turquia, tal como eram conhecidos esta madrugada dão a impressão de um avanço muito nítido do Partido Republicano Popular (Centro-Esquerda) e de um recuo, também sensível, do Partido da Justiça (conservador), que detinha a maioria absoluta no Parlamento desde 1965.

Segundo os observadores políticos de Ankara, essas formações terão entre 180 e 200 deputados cada uma, na nova Assembleia Nacional de 450 lugares, Por enquanto, é impossível saber quem ficará à frente e se será Blent Ecevit, radiante com o êxito, ou Suleyman Demirel, mais comedidod após oito anos de êxito quem formara o novo Governo.

Embora a situação ainda pareça incerta, Ismet Sezgin e Orhan Eyuboglu, falando em nome do Partido da Justiça e do PRP, mostraram-se convencidos de que os respectivos partidos alcançarão a maioria absoluta.

Mais de 16 milhões de turcos foram ontem à urnas, prevendo-se os resultados finais para logo à noite.

Ambos os grandes partidos prometeram um regresso à plantação legal do ópio e um forte Governo civil independente de influência militar, se acaso conseguirem domínio do Parlamento.

Os candidatos representavam oito partidos políticos.

EDIÇÃO 32 PÁGINAS INCLUINDO "EXCLUSIVO"

Abriu a caça...

Após vários dias de expectativa, ansiedade e preparativos, aconteceu finalmente o que todos desejavam: o País levantou-se em armas esta manhã. Abriu a caça aos coelhos e perdizes.

Um troar descontínuo ecoou pelos vales e recessos, tornando mais claros os primeiros alvores da manhã. Muitos milhares de armas, até aqui quietas e oleadas, começaram a fazer a sua função específica: vomitar fogo direito ao inimigo desprevenido, colhido pela surpresa. Exército numeroso, o que hoje despertou para a luta que se se prolonga até 15 de Janeiro. Uma guerra com data fixa, na qual podem legalmente participar 150 mil homens, tantos os que para ela se inscreveram, tantos os que possuem licença para matar «por desporto». Embora o grosso da matança seja privilégio de alguns, cada vez menos numerosos.

Nesta guerra a prazo, muitos «inimigos» cairão sem honra, alguns homens serão vítimas da imprudência dos companheiros: um ciclo que anualmente se repete, para gaudio de uns e tristeza de outros.

Causou 300 mortos a luta em Bangkok

BANGKOK, 5 (R.) — Foi anunciado que morreram cerca de 300 pessoas em violentos combates de rua durante o fim de semana na capital tailandesa, o que provocou a demissão do Governo.

Semanas de desassossego político eclodiram ontem em combates renhidos entre manifestantes e Forças do Exército e da Polícia, que dispararam balas e granadas de gases lacrimogéneos contra as multidões amotinadas.

Mais tarde, o rei Bhimibol Adulyadej anunciou pela televisão a nomeação do novo primeiro-ministro, Sanya Thammasak, reitor da Universidade de Thammasat.

Milhares de manifestantes continuam hoje à percorrer as ruas de Bangkok.

Um manifestante tailandês leva as mãos ao peito depois de ser atingido por tiros disparados por um soldado que não é visível na telefoto. Ao mesmo tempo, o soldado na torre do tanque segue com a sua metralhadora o manifestante desarmado. (UPI-Telimprensa-DL)

NA MATERNIDADE ALFREDO DA COSTA

Inaugurado esta manhã o equipamento de alto-risco

. O secretário de Estado da Saúde e Assistência dr. Assis dos Santos presidiu, esta manhã, na Maternidade Alfredo da Costa, à inauguração de um moderno equipamento de alto-risco, o qual coloca aquele estabelecimento de assistência hospitalar da capital ao nível das mais modernas instalações europeias do seu género. Sabe-se que 99 por cento das crianças falecidas em período perinatal provêm de gestação e de partos ocorridos em condições de alto-risco, o que será possível de futuro evitar naquela Maternidade. Depois da visita às instalações, realizou-se uma sessão solene em que discursaram o director da Maternidade, dr. Jorge Braz, um dos dois directores do serviço de obstetrícia, o dr. Tibério Antunes (o outro director é o dr. Elísio Montargil) e o secretário de Estado da Saúde e Assistência. Estavam presentes o dr. Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Gulbenkian (entidade que contribuiu com mais de 5 000 contos para a obtenção do equipamento) acompanhado pelos seus mais directos colaboradores, o director-geral dos Hospitais e outros altos funcionários.

Ao discursar, o dr. Jorge Braz afirmou, depois de saudar as entidades presentes: «Para dar uma ideia das modificações operadas nos últimos dez anos, basta dizer que o número de partos que, no início do ano de 63, era de cerca de 7 000, ascendia, já no fim do mesmo ano, a 8 100, para passar sucessivamente a 9 216, 10 979, 11 611 e, em fim, a cerca de 13 500 que é o número actual. Estamos, sem dúvida, em presença de uma grande maternidade, suponho que a terceira do Mundo em volume de partos, com um serviço de urgência permanente acolhendo sem limite de número as grávidas, as parturientes e as puérperas que a ele acorrem, o que obriga a um ritmo esgotante das actividades médica e de enfermagem e isto apoiado por serviços também permanentes de pediatria, de sangue, de análises clínicas, de raios X etc.»

. O dr. Jorge Braz disse que a maternidade dava assistência a 21 freguesias da área de Lisboa e cobria ainda a zona a Sul do Tejo até Sagres e Vila Real de St.º António e que ali decorrem 30 por cento dos partos atribuídos pela estatística ao distrito de Lisboa. Referiu-se ao serviço domiciliário que presta assistência a 3 000 mães saídas daquela maternidade e acrescentou: «Contudo, verificamos, ultimamente,

Continua na pag. 20

DL/NACIONAL

De ontem para hoje

MARCELLO CAETANO NO DISTRITO DA GUARDA

O Presidente do Conselho visitou ontem a Guarda, Manteigas, Pinhel, Trancoso, Celorico da Beira, Seia e mais uma dezena de freguesias rurais daquele distrito. O prof. Marcello Caetano, que iniciou o seu dia de trabalho cerca das 9 horas, foi recebido na Guarda pelos governador civil e presidente da Câmara da cidade, comandante do Regimento de Infantaria da Câmara da cidade, comandante do Regimento de Infantaria 12, presidentes das comissões distrital e concelhia da A. N. P. além de outras idnividualidades.

Após o almoço o che do Governo iniciou as visitas áquelas vilas do distrito onde apreciou alguns melhoramentos. Ao fim da tarde regressou a Lisboa.

FESTA NOS BOMBEIROS DE SINTRA

Para inauguração de diverso material, e outras cerimónias, os Bombeiros Voluntários de Sintra, estiveram ontem em festa. Entre as várias manifestações constante do programa houve, na visita á sede da Corporação, o descerramento de uma fotografia do comandante Edgar Soares, recentemente falecido, tendo-se realizado depois no Palácio Municipal a sua condecoração póstuma ás diversas cerimónias assistiram as entidades locais.

QUATRO MORTOS E QUINZE FERIDOS EM ACIDENTES

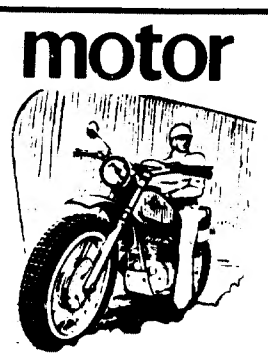
Num balanço que talvez não seja total, registam-se como corolário do fim-de-semana nas estradas do país, quatro mortos e quinze feridos, alguns dos quais em estado grave, isto apenas em três acidentes de viação de maior vulto.

Três dessas mortes tiveram lugar próximo de Cantanhede, estrada nacional 109, quando um carro conduzido por Américo Maria Rodrigues Andrade, de 28 anos, casado, emigrado no Luxemburgo, e que levava com ele mais cinco companheiros, se despistou, esmagando-se contra uns pinheiros de grande porte. Dos restantes ocupantes do veículo, entre os quais dois irmãos do condutor, José Maria Rodrigues Andrade e Júlio Maria Rodrigues Ansrade, de 38 e 32 anos, respectivamente, além de Manuel Rodrigues Jorge, de 18 anos, tiveram morte imediata. Américo Maria, que sofreu graves ferimentos recolheu a uma clínica da Figueira da Foz, enquanto Manuel Augusto de Oliveira, de 19 anos e Orlando dos Santos Lucio, de 37, ficavam hospitalizados também na Figueira da Foz com menos gravidade.

Na Av. Duarte Pacheco, em Lisboa, devido ao piso molhado, verificaram-se ontem dois acidentes, no mesmo local, e quase á mesma hora de que resultaram sete feridos.

O primeiro deu-se cerca das 13 horas, ficando feridos: dr. Alberto Jorge Ferreira Lemos, Junior, de 50 anos, economista, morador na Av. da Igreja e o mecânico Anibal Marques Soares, de 27 anos, morador em Tercena, Barcarena, além de um seu companheiro. Foram transportados ao Hospital de S. José onde se verificou que o estado do dr. Alberto Jorge é gravíssimo. O acompanhante do mecânico António Jose Pires, de 46 anos, sofreu contusões ligeiras.

Finalmente, em Évora, uma motoreta foi chocar com um automóvel, tendo o condutor morte imediata. Chamava-se Esperança Américo, de 38 anos, feitor agrícola. O automobilista e o seu companheiro Bernardino Miguel Picanço, de 51 anos e António Marques Benjamim, de 44, sofreram ferimentos sem importância.



Secretário da Juventude em Vila Real

O secretário de Estado da Juventude e Desportos, dr. Valadão Chagas, no prosseguimento da sua visita de trabalho aos distritos de Viseu e Vila Real, afirmou em Sernancelhe, durante a inauguração da cantina da Escola Preparatória dr. José da Gama e Castro e do Externato Infante Santo, que «desde meados de 1971, em que se iniciou a actividade do Instituto da Acção Social Escolar, até Setembro de 1973, foram dispendidas, em várias modalidades da acção escolar, cerca de 350 mil contos, sendo o gasto, por exemplo, em bolsas e subsídios de estudo, no mesmo período, na ordem dos 140 mil contos».

O dr. Valadão Chagas que se encontra hoje em Vila Real, efectuou algumas visitas a diversas agremiações e estabelecimentos de ensino, tendo concedido subsídios para a realização de obras destinadas ao fomento da prática desportiva.

DESCARRILAMENTO NA LINHA DO TUA

PORTO, 15 — Cerca das 16 horas de ontem na linha do Tua, ao quilómetro 38,300, entre Cachão e Vilarinho, descarrilaram a locomotiva e dois vagões de um comboio misto. Não houve desastres pessoais, tendo-se apenas registado danos na via e material circulante.

Os trabalhos de carrilamento e reparação da via iniciaram-se pouco depois e continuaram durante a noite e manhã de hoje.

Espera-se, que esta tarde, fique totalmente normalizado o tráfego.

Entretanto, o serviço de passageiros está a processar-se por meio de transbordo.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por João Prates Piteira — PAVIA

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Francisco Marques — GOLEGÃ

BONANÇA

COMPANHIA DE SEGUROS

FUNDADA EM 1808

INAUGUROU MAIS UMA

FILIAL

AGORA EM

MEM-MARTINS

RUA DE FANARES, 30-1.° ESQ,

TELEF. 2911886

companhia colonial de navegação S.A.R.L

RUA DE S. JULIÃO, 63 - LISBOA 2 - Tel. 36 96 21

AUMENTO DE CAPITAL SOCIAL DE 150 000 PARA 420 000 CONTOS, AUTORIZADO POR PORTARIA DE 28 DE SETEMBRO DE 1973, PUBLICADA NO «DIÁRIO DO GOVERNO» — III SÉRIE — N.º 232, DE 3 DE OUTUBRO DE 1973

Em Assembleia Geral Extraordinária realizada em 17 de Setembro de 1973, foi deliberado aumentar o capital social de 150 000 contos para 420 000 contos, mediante a emissão de 450 000 acções do valor nominal de 600$00 cada uma.

O AUMENTO DO CAPITAL EFECTUAR-SE-Á NAS SEGUINTES CONDIÇÕES:

1. a. 450 000 acções destinadas a serem subscritas pelos actuais accionistas na proporção das que possuírem, ao preço de 900$00 cada uma, acrescido do imposto de mais-valias de 66$25;

   b. O cálculo do número de acções a distribuir a cada accionista far-se-á multiplicando o número actual de acções por 1,8, arredondando por defeito, garantindo-se o mínimo de 2 acções;

   c. As acções eventualmente não subscritas serão rateadas pelos accionistas que, no acto da subscrição, declarem querer concorrer ao rateio, que será feito também na proporção das que possuírem;

   d. A subscrição é tomada firme pelos Banco de Fomento Nacional, Banco Nacional Ultramarino e Banco de Angola.

2. A subscrição realizar-se-á nos dias 17, 18 e 19 do corrente, na sede da Companhia, Rua de S. Julião, 63, em Lisboa e na Agência do Porto, Rua do Infante D. Henrique, 9, onde poderão ser obtidos os prospectos elucidativos do presente aumento de capital.

3. A liberação das acções será feita em 3 prestações:

   1.ª — 50 % no acto da subscrição, acrescidos do pagamento total do imposto de mais-valias;

   2.ª — 25 % seis meses depois da data da subscrição;

   3.ª — 25 % seis meses depois do pagamento da 2.ª prestação.

4. A entrega dos títulos definitivos efectuar-se-á no prazo de 60 dias a contar do pagamento da 3.ª prestação.

Lisboa, 13 de Outubro de 1973.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Ameaça energética

Em face da nova ameaça ao abastecimento de combustíveis dos EUA implícita na guerra do Médio Oriente, o presidente Nixon decidiu a semana passada elevar para cerca de mil milhões de dólares o orçamento dos meios energéticos, a fim de que se possa conseguir a autosuficiência neste vital sector.

«Uma grande nação não pode depender de outras nações em recursos essenciais ao seu progresso económico e social. O nosso objectivo tem, portanto, de ser a autosuficiência obtida através dos nossos próprios recursos» __ declarou Nixon, sublinhando:

. «Tomarei as medidas necessárias para esse efeito».

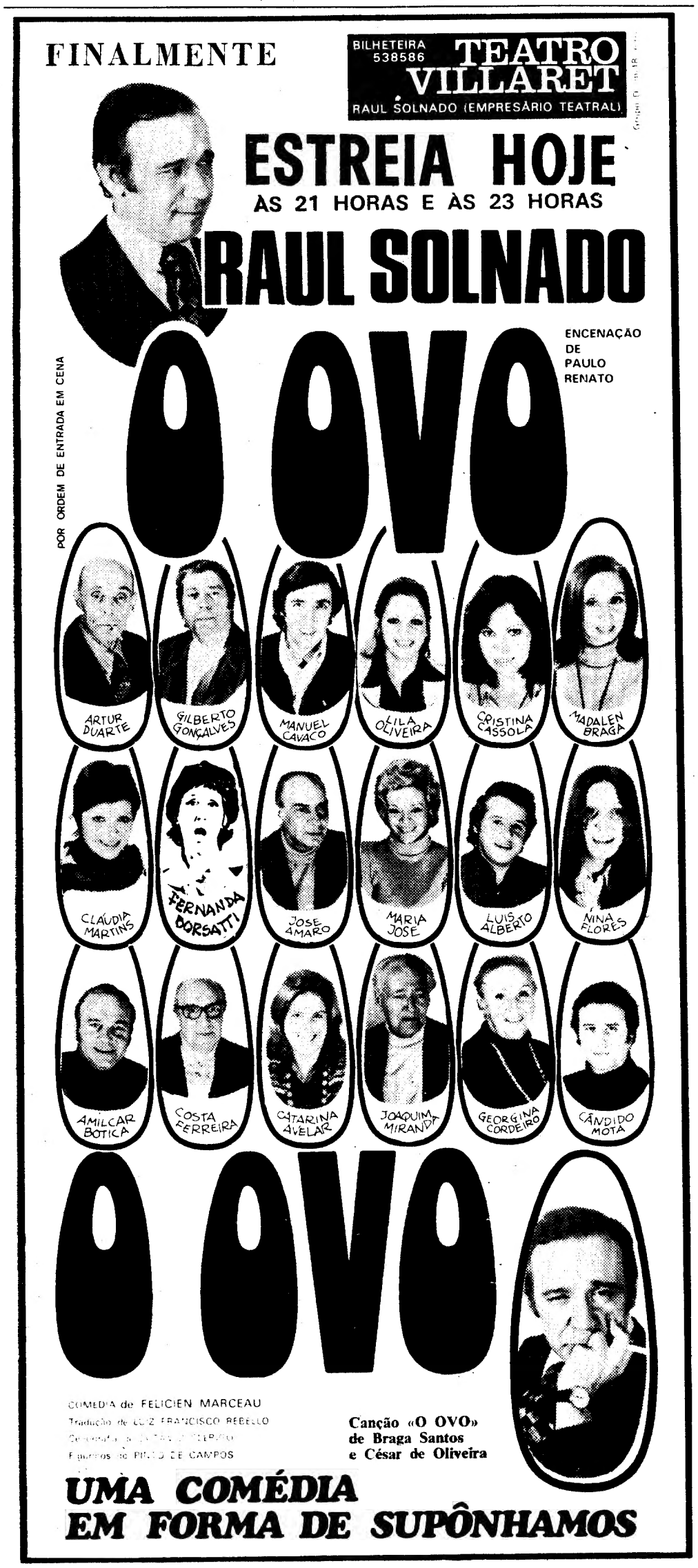
O orçamento em referência para o ano fiscal de 1974 é acrescido de 115 milhões de dólares, ficando em perto de mil milhões __ ou seja: mais 37 por cento do que o do ano fiscal de 1973.

Vantagem trabalhista

Os trabalhistas mantêm a vantagem alcançado sobre o Partido Conservador, voltando os liberais à terceira posição, a seguir às duas principais formações políticas britânicas __ revela uma sondagem efectuada por conta da Televisão particular inglesa e do «Times», publicada nesse jornal.

Segundo a presente consulta, efectuada depois de terminarem, em 6 do corrente, os trabalhos do congresso trabalhista, o partido de Harold Wilson tem a preferência de 39 por cento dos eleitores, os conservadores recolhem 32 por cento dos votos e os liberais 27 por cento.

Há uma semana os liberais tinham ultrapassado pela primeira vez os conservadores, figurando em segunda posição, logo a seguir aos trabalhistas, nas intenções de voto dos eleitores britânicos.



Por FRANÇOIS MARIE MONNET — Exclusivo «Le Monde»/«DL»

QUEBEQUE ÀS URNAS-1 O TIQUETAQUE

MONTREAL __ O declínio das posições de Pierre Trudeau em Otava, a sufocação da sua política de bilinguismo, que devia assegurar a manutenção da unidade nacional, abrindo verdadeiramente o Canadá inglês aos canadianos franceses há demasiado tempo contidos naquilo a que um jurista de Toronto chamava, ainda recentemente, a **«reserva quebequense»**, e praticamente privados dos seus direitos linguísticos nas outras províncias de maioria anglófona, formam o plano de fundo inquietante das eleições legislativas antecipadas da «bela província», que foram fixadas para 29 de Outubro.

É certo que Montreal já não vive, como durante os anos 60, ao ritmo das explosões das bombas da Frente da População do Quebeque __ essas explosões tinham, no entanto, um efeito importante para a compreensão mútua das duas comunidades linguísticas. Se se acreditar nos professores que ensinam o francês aos estudantes anglófonos __ cujas famílias representam 20 por cento da população do Quebeque __ os seus alunos não consentiram levar a sério os cursos de francês senão durante este período de actos de terrorismo limitado.

«O Quebeque é um pacote que faz tiquetaque entre as mãos de um surdo era o título, no Outono de 1970, apresentado pela revista soberanista **Prati Pris**. Em 1973, os canadianos ingleses fazem orelhas moucas, ou o tique-taque tornou-se, pelo contrário, menos audível?

. Quando das últimas eleições provinciais, na Primavera de 1970, apesar de uma vigorosa campanha antinacionalista, orquestrada pelos Governo federal e o **«establishment»** anglófono de Quebeque, o Partido Quebequense (P.Q.) defensor da independência, fundado em 1968, obteve perto de 24 por cento dos sufrágios, ou seja quase tantos votos francófonos como o Partido Liberal, nitidamente maioritário graças aos 20 por cento dos votos anglófonos incondicionalmente federalistas, isto é, contrários à secessão do Quebeque. Desde 1970, todos os observadores reconhecem que o Partido Quebequense aumentou a sua audiência, entregando-se a um programa social-democrata coerente e multiplicando os esforços para demonstrar a viabilidade de um Quebeque soberano, associado ao Canadá inglês por acordos económicos. Ninguém, no entanto, pensa que o P.Q. obterá a maioria dos sufrágios nas próximas eleições. Em contrapartida, poderia perfeitamente tornar-se o partido maioritário no caso dos francófonos, não podendo, então, a equipa liberal, federalista, possivelmente maioritária, manter-se no poder senão graças ao voto dos anglófonos.

Uma tal situação seria portadora do germe do drama de que ainda não saiu a Irlanda do Norte. A questão da unidade canadiana, que se resume ao conflito entre os dois **«povos fundadores»**, teria, então, o seu abcesso de fixação no Quebeque e deixaria de importunar o resto do Canadá anglófono. O espectro de um **«french power»** em Otava, de uma participação efectiva e sensível dos canadianos franceses na política federal, tal como Trudeau a havia introduzido de 1968 a 1972, poderia ser definitivamente conjurado. Para fazer uso do «slogan» nacionalista quebequense **«senhor em nossa casa»**, utilizado nos anos 60 pelo Governo liberal e federalista de Jean Lesage, os canadianos ingleses seriam inteiramente **«senhores em sua casa»**, ao passo que os quebequenses não o seriam.

Embora Trudeau seja ainda __ mas por quanto tempo? __ chefe do Governo canadiano, nada contesta que a sua visão «canadiana» tivesse ultrapassado a política partidária. Porém, esta visão não se concretizou absolutamente nada. Sublimando o facto fundamental da geografia política canadiana, que é a existência de uma maioria anglófona e de uma minoria francófona, fixada essencialmente na província de Quebeque, Trudeau fora triunfalmente eleito primeiro ministro em 1968. Comprometeu-se a quebrar o nacionalismo quebequense, a manter a província de que é oriundo na Confederação em troca da instauraçao, a todos os níveis da vida federal, de um bilinguismo verdadeiro que teria permitido aos quebequenses sentir-se em sua casa em todo o Canadá e trocar o seu apego à «bela província» por um apego ao Canadá em todo o seu conjunto: um Canadá renovado no qual teriam podido exercer plenamente os seus direitos de cidadãos sem ter de renunciar à sua identidade cultural.

Apresentado como o renovador do Canadá, Trudeau queria reunir todos os canadianos, sem distinção de origens, em redor do novo emblema nacional, a bandeira da folha de bordo, pela qual Lester B. Pearson acabara de substituir o pavilhão da marinha britânica, que [illegible] nos franceses não se reconheciam. Não apenas bilingue, o Canadá devia encorajar o multiculturismo, reconhecendo também determinados direitos como os ucranianos do Oeste. Apesar do risco aparente de **«babelização»**, tratava-se, isso sim, de centralizar as energias do país, de reforçar a autoridade do Governo federal, relegando para o passado os vínculos tradicionais dos dois grupos étnicos principais, inglês e francês, para os fundir num novo conjunto capaz de rivalizar com o grande vizinho americano, sem se confundir com ele.

UM SONHO DESENGANADO

Ao fazer isto, Trudeau colocava-se na linha direita da história canadiana inglesa que se conduz, desde as origens, por reacções sucessivas contra o americanismo, entremeadas por tentativas de unificação do país que se traduzem por um esforço de assimilação dos canadianos franceses. Não teria havido Canadá se os colonos britânicos do Ontário e alguns lealistas americanos, não tivessem decidido manter-se fiéis à sua aliança à coroa, em vez de ceder às instâncias dos «republicanos» do Sul. A fundação da Confederação Canadiana, em 1867, seguiu-se imediatamente à Guerra da Secessão. Ela respondia à necessidade de opor uma estrutura política coerente a um país que dispõe de um exército moderno, aguerrido para a luta que acabara de travar contra os Estados do Sul.

Porém, o tipo de sociedade que Trudeau propunha aos canadianos __ desaparecimento dos lealismos europeus, emblemas novos, centralização e desenvolvimento económico liberal __ levava a fazer do Canadá uma réplica dos Estados Unidos, dos quais tivessem sido separados, pela virtude do **«canadianismo»**, os inconvenientes tradicionalmente americanos da violência, do racismo, da poluição, etc..

Este grande esquema unificador tem resistido mal à prova das realidades canadianas: os tradicionalistas conseguiram evitar que os brasões reais não desaparecessem dos imóveis e dos veículos da polícia real do Canadá (curiosamente, este movimento manifestou-se sobretudo no Oeste do país, onde os novos emigrantes anglófonos, nem britânicos nem franceses, são maioritários). Trudeau, que anteriormente parecia desejar que o Estado canadiano tomasse uma forma republicana, teve recentemente, para manejar os lealistas, que declarar, através da rainha Isabel II, soberana do Canadá, que a coroa constituía o cimento da unidade do país e o símbolo da aliança de todos os seus grupos étnicos __ afirmação que o antigo primeiro ministro, John Diefenbaker, teria de bom grado feito sua.

Um nacionalismo económico anti-americano, nascido de uma consciência cada vez mais viva do domínio económico dos Estados Unidos, nunca deixou de se desenvolver no Ontário e na Colômbia Britânica, e de minar a credibilidade do nacionalismo canadiano de Trudeau, considerado demasiado brando; a presença de alguns ministros quebequenses brilhantes em lugares de destaque, no seio do primeiro gabinete de Trudeau, foi considerada em Otava como a preparação de um **French Power,** e conduziu ao **backlash**, ao choque de retorno anglófono das eleições de 30 de Outubro do ano passado (que não deram a maioria aos liberais em nenhuma das províncias anglófonas).

As medidas de «bilingualização», acolhidas com entusiasmo, pois, deviam aplacar o nacionalismo quebequense, esbarraram, na prática, com a passividade perseverante dos canadianos ingleses, que, não sem alguma lógica, não vêem a razão por que os obrigam a aprender o francês para ocupar determinados lugares administrativos num continente povoado por 220 milhões de anglófonos (os funcionários federais obtiveram, aliás, o direito de continuar a ser unilingues ingleses, mesmo que os lugares que ocupam sejam considerados bilingues). Finalmente, muito recentemente, quando da reunião anual da Associação do Foro Canadiano, um relatório sobre o bilinguismo na magistratura, foi enviado em comissão: recomendava que os advogados candidatos aos lugares de juízes do Supremo Tribunal fossem, **«pelo menos moderadamente bilingues»**. A assembleia rejeitou esta recomendação, sob o pretexto de que uma tal exigência afastaria uma quantidade de juristas perfeitamente aptos a ocupar assento no Supremo Tribunal do país. O mesmo relatório reconhecia que não se encontram senão no Canadá juízes de tribunais superiores capazes de presidir a causas indiferentemente em francês e em inglês.

Próximo artigo: UMA NOVA IRLANDA?

DL/GERAL

PORTO

CURSO SOBRE RELAXANTES MUSCULARES

O Serviço de Anestesiologia do Hospital Geral de Santo António, com o patrocínio da Sociedade Portuguesa de Anestesia e do British Council, vai efectuar em 16 e 17 de Novembro, um curso intensivo sobre relaxantes musculares.

No primeiro daqueles dias e dentro do programa já elaborado, efectuar-se-á às 9 horas a sessão de abertura, seguindo-se, às 9 e 15, a apresentação de uma comunicação sobre «Condução Neuromuscular — Mecanismos do Potencial de Membrana», pelo prof. Ian Crul, da Universidade Católica de Luanda; às 9 e 50, «Tipos de Bloqueio Neuromuscular e Possíveis Mecanismos de Acção», pelo dr. Stanley Feldman, da Escola Médica de Westminster de Londres; às 10 e 25, «Acção dos Relaxantes Musculares ao Nível de outras Estruturas Colinérgicas — Acção sobre o coração isolado», pelo dr. Valerie Goat, igualmente de Londres. Após um intervalo com discussão haverá, às 11 horas, nova palestra, em que intervirão o prof. Ian Crul, dr. Valerie Goat e dr. Stanley Feldman, sobre «Efeitos de Alterações do Meio sobre a Acção dos Relaxantes Musculares; — Alterações do PH, 2 Alterações do Débito Sanguíneo, 3 — Alterações da Temperatura»; às 2 horas, efectuar-se-ão demonstrações práticas; das 15 e 30 às 17 horas, haverá mais quatro palestras por aqueles professores estrangeiros.

No dia 17, às 9 e 30, realizar-se-á uma discussão em «panel» sobre o emprego clínico dos relaxantes musculares em que participarão além dos cientistas já apontados, os drs. Ribeiro dos Santos Filho e Silva Araújo.

MEDICINA NUCLEAR

Promovida pelo Laboratório de Radioisótopos da Faculdade de Medicina do Porto, com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura e a colaboração dos Laboratórios de Radioisótopos das Faculdades de Medicina de Coimbra, Lisboa e Lourenço Marques, e também do Laboratório «Abílio Lopes do Rego» do Instituto Português de Oncologia, vai efectuar-se, nesta cidade, em 9 e 10 de Novembro próximo a II Reunião Nacional de Medicina Nuclear.

As sessões científicas que constam de uma mesa-redonda sobre «Semiologia Hepática pelos Radionuclidos», conferência sobre problemas de actualização por investigadores portugueses e estrangeiros e apresentação de comunicações livres sobre temas de Biologia e Medicina Nucleares, realizar-se-ão na Faculdade de Medicina do Porto (Hospital Escolar de S. João).

SALÃO FILATÉLICO

No âmbito das comemorações da Aliança Luso-Britânica e integrado nas solenidades do 4.º aniversário da Associação Portuguesa de Filatelia Temática, foi inaugurado, na sede desta instituição, um salão filatélico, que estará patente ao público até ao dia 21.

Neste certame, não competitivo, participam colecções de Portugal e Grã-Bretanha e suas antigas e actuais parcelas territoriais.

Posteriormente haverá um jantar-convívio onde se reunirá grande número de associados.

CONGRESSO EM MADRID

A fim de participarem no III Congresso Internacional de Radiologia e Medicina Nuclear, partiu para Madrid a equipa do Laboratório de Radioisótopos do Hospital Escolar de S. João, constituída pelos drs. D. Isolete Amaral, Amadeu Campos e Manuel Macedo Pinto.

INICIAÇÃO TEATRAL

Na sede da Cooperativa «Arvore», estão abertas diariamente, até 22, das 16 às 19 horas, as inscrições para a frequência de um curso de iniciação teatral para jovens dos 10 aos 16 anos. Este curso será orientado pelo actor Alfredo Costa.

COIMBRA

PROBLEMAS DO MUNICÍPIO

Sob a presidência do eng.º Araújo Vieira, reuniu-se a Câmara Municipal de Coimbra, que se ocupou de vários assuntos, entre os quais a adjudicação, por 1.056.000$00, da estrada municipal do lugar de Assafarge ao Loureiro, a abertura de um concurso, com a base de licitação de 1.584.678$40, para a construção da estrada municipal das Carvalhosas ao Zorro, por Palheiros, tendo ainda sido aprovado o Plano de Actividades para o ano de 1974, que vai ser submetido à apreciação do Conselho Municipal a convocar oportunamente.

Sobre a aprovação do projecto de construção de um prédio na Estrada de Lisboa, com o necessários condicionamentos para interesse público, foi aprovada por unanimidade a seguinte proposta apresentada pelo vereador dr. Viriato Namora: «Que havendo construções em acabamento e outras em fase inicial, na mesma zona e em relação às q uais não foi garantida a integração do terreno sobrante, além das fachadas, no domínio público, sejam assumidas medidas urgentes, por forma a nular esse grave inconveniente para o futuro alinhamento daquela artéria».

Foi depois abordado o assunto do Natal na rua, tendo o presidente solicitado do vereador Miranda Veloso a entrada em contacto com elementos das diversas ruas para a constituição de comissões, de forma a realizar-se breve reunião para se assinalar o acontecimento ao nível dos anos anteriores.

A encerrar a sessão o dr. Viritato Namora solicitou do presidente a convocação para reunir o Grupo de Trabalho de Trânsito, a fim de apreciar problemas da execução da postura, quer na razão da experiência adquirida, quer pelas sugestões recebidas, submetendo posteriormente à Comissão Municipal de Trânsito o que foi julgado mais funcional, ao interesse da cidade.

CURSO DE BIBLIOTECÁRIO

Os exames de aptidão ao Curso de Bibliotecário Arquivista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, realizam-se nos dias 18 e 19, com o seguinte horário: Dia 18, ás 9 horas, Latim; às 11, Literatura Portuguesa; às 14, Francês; e às 16, Filologia Portuguesa. Dia 19 — às 9 hotas, Inglês, às 11, História Universal; às 14, Alemão; às 16, História de Portugal.

APTIDÃO Á UNIVERSIDADE

Já foram afixadas as pautas com os nomes e números dos candidatos ao exame de aptidão à primeira matrícula nas diversas Faculdades da Universidade de Coimbra, num total de 778, assim distribuídos: Faculdade de Letras, 122 (Licenciatura em Filologia Romanica, 19; em Filologia Germânica, 42; em História, 42; em Filosofia, 9; em Geografia, 10). Direito, 184. Medicina, 225. Ciências e Tecnologia, 155 (Licenciatura em Matemática 6; em Física, 1; em Química, 7; em Biologia, 6; em Geologia, 3; Engenharia Geográfica, 9; e Licinciatura em Engenharia, 123). Farmácia, 2. Economia, 90.

Em relação a mesma época do ano lectivo passado, verifica-se um aumento de 225 candidatos, pois o total foi de 553. O aumento maior foi: Letras, de 101 para 122; Direito, 146 para 184; Medicina 192 para 225; e Ciências, 109 para 155. Há ainda a nova Faculdade de Economia que teve 90 candidatos.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA

Sob a presidência do provedor, prof. dr. Bissaia Barreto, reuniu-se a mesa da Santa Casa da Misericordia. Foram tratados vários assuntos, entre os quais a aprovação de um contrato com uma professora de música e canto coral para a educacão musical dos educandos dos colégios da Santa Casa da Misericórdia.

PROVÍNCIA

EXPOSIÇÃO DE RODRIGUES NETO

FARO — Na sequência das exposições que se têm vindo a realizar no Posto de Turismo de Faro, organizadas pela Comissão Regional de Turismo do Algarve, é inaugurada hoje, às 18 horas, uma amostra dos trabalhos do pintor Francisco Rodrigues Neto.

Natural de Paderne (Albufeira) Rodrigues Neto apresenta quatro dezenas de óleos, desenhos e aguarelas na grande maioria focando aspectos da paisagem e vida da sua província-mãe.

BOMBEIROS DE SANTARÉM

SANTAREM, 15 — Foram inauguradas ontem as novas instalações dos Bombeiros Municipais de Santarém, tendo ao acto assistido o governador civil do distrito, o presidente do Município e outras entidades, bem como representações de todas as corporações de bombeiros do distrito.

CONFERÊNCIAS MÉDICAS

Promovidas pela Faculdade de Medicina de Lisboa, o prof. Harold O. Conn, da Universidade de Yale e presidente da «American Society for the Study of the Liver», profere amanhã e no dia 18, às 12 horas, no Hospital de Santa Maria, duas conferências subordinadas aos temas «To Shunt or Not to Shunt; A Critical Reappraisal» e «Intraarterial Vasoconstrictive Therapy in Gastrointestinal Hemorrhage», respectivamente.

em 3 linhas

E a Secretaria de Estado da Aeronáutica autorizada a celebrar contratos para aluguer de equipamento mecanográfico até à importância máxima anual de 4.500 contos, segundo decreto publicado na folha oficial.

////

Uma portaria, pela Presidência do Conselho e pelo Ministério das Finanças, fixa as gratificações a abonar aos capelães civis que desempenham as suas funções nos Serviços Sociais das Forças Armadas e nos seus órgãos de execução.

////

São criados, por portaria dos Ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Educação Nacional, cursos de ensino básico de Português na cidade de Antuérpia, Bélgica.

////

Uma portaria do Ministério da Economia torna pública as listas das castas de videiras e suas percentagens, a figurar nos vinhedos de cada região produtora. Outra portaria, pelo mesmo departamento, autoriza a Fima-Fábrica Imperial de Margarina, Ld.ª, a utilizar antioxidantes nas margarinas e nas gorduras plásticas.

A IMPORTAÇÃO DE VINHOS EM ANGOLA

LUANDA, (ANI) — As importações em Angola de vinhos da metrópole baixam em quantidade, mas aumentam em valor. Acontece que esta província tem estado a aumentar as suas aquisições dos tipos de marca, em prejuizo dos comuns, o que representou, nos primeiros sete meses deste ano, um acréscimo de 34.530 contos, no seu conjunto, em relação ao mesmo período do ano findo.

Enquanto as compras de vinhos comuns registam acentuadas baixas, verifica-se um aumento de 3.471 contos do valor do vinho do Porto, tanto mais de salientar se tivermos em conta que, em 1972, o valor da aquisição não foi além dos trezentos mil escudos.

ARTIGOS ESCOLARES

BRINDES

DE 15 DE SETEMBRO A 31 DE OUTUBRO

COMBOIOS ELÉCTRICOS E ACESSÓRIOS PARA OS MESMOS

DISCOS 45 r. p. m. e 33 r. p. m.

Por cada 50$00 de compras recebe uma senha Brinde de 1 PONTO.

Junte as senhas necessárias para perfazer a pontuação marcada nos artigos em exposição nas nossas montras.

ATENÇÃO: OS Livros Escolares não têm direito aos Brindes

10 % DE DESCONTO EM TODOS OS ARTIGOS ESCOLARES EXCEPTO EM LIVROS

PAPELARIAS EMÍLIO BRAGA

RUA DA MADALENA, 40 a 44
AVENIDA DE ROMA, 10-E

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 11-C
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 49

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63
Lisboa

TV

DL/ESPECTÁCULOS

canal da crítica

Por MÁRIO CASTRIM

O QUE NÓS QUEREMOS É BOLA!

Toda a gente sabia que a televisão ia dar a bola. Toda a gente sabia por essa outra maneira de saber que se chama adivinhar, intuir, desconfiar cousa a que talvez um cão chamasse farejar e chamaria certo.

A partir de certa altura, o que era apenas desconfiança passou a tomar forma concreta: já se angariava publicidade para a transmissão...

Isto no momento em que a televisão desmentia no telejornal a notícia dada por um jornal desportivo: a notícia carecia de fundamento...

Isto no momento em que o sr. Miguel de Araújo, director geral de programas certamente por graça divina, nos garantia ser o *telejornal* o serviço mais importante da televisão.

Toda a gente sabia que haveria telebola e houve. Henrique Mendes, tão solene a desmentir os «boatos» veio em pessoa ler a confirmação deles. Mal feito. Já agora, que diabo, entregavam o assunto ao Moutinho, dividia se o mal pelas aldeias.

Que não, que não havia fundamento, por falta de acordo com a Federação. Acordo a que se chegara apenas no dia do jogo...

Estranha coisa! No próprio dia do jogo, cerca das dezanove horas ainda a televisão dava para o serão um episódio do «Jogo da Vida»... Talvez, quem sabe, talvez o acordo com a televisão se tivesse obtido momentos antes de começar o jogo...

Valham-nos ao menos estas pequenas histórias para animar os nossos fins-de-semana.

... E A VIDA CONTINUA

Com isto não quero nem sequer sugerir que o momento, o chamado *momento eleitoral*, haja perdido impacto na televisão portuguesa.

O ministro Mota de Campos falou durante meia hora do *Quarto Plano de Fomento*, empunhando um calhamaço de 600 páginas. Felizmente, procedeu apenas ao seu resumo e não à sua leitura, como cheguei a temer.

Outras muitas ilustres personalidades foram surgindo do televisor. O ministro Cota Dias, em viagem pelo norte do País a visitar fábricas em vias de produção, deteve-se na Associação Industrial Portuense, mui vetusta, para impor medalhas e para discursar.

O ministro de Educação foi inaugurar uma escola no Entroncamento. As coisas que acontecem no Entroncamento!

Na sessão de propaganda realizada em Portimão vimos em acção Henrique Tenreiro.

Ontem, o Telejornal deu-nos ampla notícia das viagens de elementos oficiais: o Presidente do Conselho em visita ao distrito da Guarda; os ministros de Economia e de Finanças na Refinaria do Norte; o secretário de Agricultura em Santarém, etc. etc..

Ah, esquecia-me de dizer que passei todo o dia de domingo diante do televisor. Quase doze horas. Como logo se pode concluir, não foi um domingo agradável.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Diamantino da Silva, Rua Elias Garcia, 241-1º-Esqº - AMADORA

32 MISSÕES COMERCIAIS EM 1974

O Fundo de Fomento de Exportação vai promover relações com países do Leste

O Fundo de Fomento de Exportação, que já contactou com a Polónia, tenciona estudar outros mercados do Leste eis, em síntese, o que se pode concluir das palavras do dr. Sarmento Pinto, que, nas últimas semanas, chefiou mais três missões comerciais de exportadores portugueses à Polónia, Itália e Áustria.

Pormenorizando, o dr. Sarmento Pinto disse que a primeira daquelas missões (Polónia) «englobou vários membros da banca comercial portuguesa». Aproveitando a realização da Feira de Poznan, onde se encontram representados 35 países, e que era um significativo escaparate da produção polaca, «as nossas empresas tiveram ocasião de detectar quais os produtos eventualmente exportáveis. Assim, concedeu-se que o contacto era proveitoso para os empresários portugueses dos sectores de produtos agrícolas frescos e industrializados, químicos e farmacêuticos, cimentos, têxteis e confecções, conservas alimentares, etc.

Por sua vez, a Itália mostrou-se receptiva aos sectores de metalo-mecânica, conservas de peixe, confecções, bordados, cortiça, materiais de construção, carne fresca e congelada.

Finalmente, também a Áustria foi propícia aos nossos exportadores de tecidos, confecções, obras em sisal, revestimentos em fibras artificiais, calçado para homem, senhora e criança, cinhos de mesa, Porto e aguardentes, conservas de peixe, cortiça em obra, equipamentos térmicos e componentes para a indústria electrónica.

«Estão programadas 32 missões comerciais para 974» disse ainda o dr. Sarmento Pinto.

PROCUROU LUDIBRIAR OS PARCEIROS DE AVENTURA

De acordo com uma participação apresentada no Governo Civil foram detidos, esta madrugada, na Rua João de Barros, em Alcântara, os jovens Santos, Fernandes e Amorim, empregados de comércio naturais de Lisboa, de onde levaram um cofre portátil com duzentos escudos.

Segundo confessaram na esquadra da área, o assalto teria sido planeado e executado pelo Santos, ali empregado, que, antes de abandonar o serviço deixara uma janela aberta por onde entrou mais tarde. Em seu poder, depois de revistado pelas autoridades, foram ainda encontrados dois contos em dinheiro, quantia por ele retirada da caixa registadora e cuja existência ocultara aos seus dois companheiros de aventura.

Por ser ainda menor, Santos acabou por ser entregue aos cuidados da família, enquanto Fernandes e Amorim recolheram aos calabouços da Polícia Judiciária

REVISTA A SITUAÇÃO DO PESSOAL DO INSTITUTO SIDÓNIO PAIS

O pessoal directivo e docente do Instituto do Presidente Sidónio Pais foi equiparado para todos os efeitos, designadamente atribuição de subsídios, gratificações, ou outras remunerações, ao pessoal da mesma categoria da Direcção-Geral do Ensino Básico.

O decreto-lei que o determina, hoje publicado no Diário do Governo, estabelece também que os directores, subdirectores e regentes de estudo das secções do Instituto são integrados, respectivamente, nas categorias K, L e N do Decreto-Lei n.º 49 410. As serventes das secções femininas são integradas na categoria Y.

Refere ainda o preâmbulo do diploma:

«Não desconhece o Governo que é igualmente necessário rever a situação de outros funcionários do Instituto, nomeadamente dos médicos e enfermeiros e também dos prefeitos internos, mas, porque se trata de matéria que deve ser considerada em conjunto com a demais regulamentação do Instituto, deixa-se a referida revisão para o novo Regulamento do Instituto do Presidente Sidónio Pais, cuja publicação para breve se torna indispensável, uma vez que a mais importante legislação a ele respeitante data de há cerca de quarenta anos».

Futebol: uma semana cheia

Jogos a disputar esta semana e que são decisivos para a qualificação do campeonato mundial: 17 de Outubro: Inglaterra-Polónia (grupo 5) — Último jogo do grupo. Para a Polónia basta um empate enquanto a Inglaterra para se qualificar necessita da vitória. Checoslováquia-Escócia (grupo 8) — A Escócia já está qualificada.

Jugoslávia-Grécia (Esperanças)

20 de Outubro: Itália-Suiça (grupo 2) — Uma vitória qualificará a Itália.

21 de Outubro: Jugoslávia-Espanha (grupo 7) — Se a Espanha ganhar ficará qualificada. Se empatar ou perder dará uma oportunidade à Jugoslávia que terá ainda de defrontar a Grécia em 19-12.

Perdas na guerra

Em círculos do Pentágono diz-se que os Estados árabes perderam aparentemente duas vezes mais tanques e aviões do que Israel nos primeiros seis dias de guerra no Médio Oriente.

«Embora não haja de momento possibilidade de ter cifras próximas da realidade, os egípcios e israelitas terão perdido cerca de 400 tanques e os sírios talvez 600, o que significaria para o Egipto a perda de um quinto da sua força de blindados, para Israel um quarto e para a Síria metade».

Aumento de professores no Colégio Militar

O quadro de professores efectivos do Colégio Militar passou a ser constituído por 83 elementos dos vários grupos, por Portaria conjunta dos ministros da Defesa e das Finanças hoje publicada.

O aumento foi determinado tendo em conta o actual quadro — que não comporta os professores provisóeios que já adquiriram qualificação para efectivos — a dificuldade em recrutar professores provisórios e a evolução do ensino secundário

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Secretaria de Estado da Instrução e Cultura

Direcção-Geral dos Assuntos Culturais

Teatro Nacional de S. Carlos

Tel. 368664

ESPECTÁCULO DE GALA, comemorativo do Cinquentenário da LIGA DOS COMBATENTES e a favor da sua obra social

1.ª Parte: V Sinfonia de BEETHOVEN pela ORQUESTRA SINFÓNICA DA EMISSORA NACIONAL, dirigida pelo MAESTRO SILVA PEREIRA.

2.ª Parte: Grupo de Bailados Portugueses VERDE GAIO, dirigido por MARGARIDA DE ABREU e FERNANDO LIMA.

Dia 16 do corrente às 21.45 horas.

Bilhetes à venda: No TEATRO S. CARLOS e na sede da Liga, Rua João Pereira da Rosa, 18. Telef. 368245.

Desconto aos sócios na sede da Liga.

MOCAR S. A. R. L.

DEPARTAMENTO DE VIATURAS USADAS

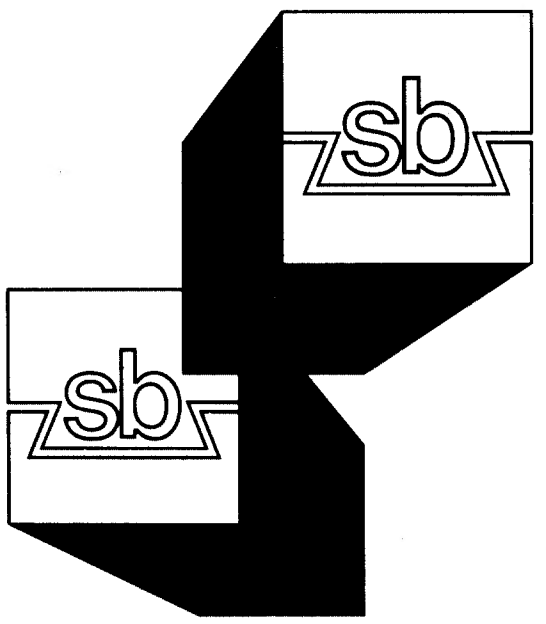
R. D. Luís de Noronha, 26 LISBOA

Veículos usados provenientes de trocas:

Peugeot 404-Coupé	de 1968
Peugeot 304	de 1970
Peugeot 204	de 1969
Peugeot 204 — Break-Diesel	de 1971
2 Alfa Romeo 1300-GT Júnior	de 1968
Honda N-360	de 1969
Honda 600-L	de 1973
2 Honda 600 (serviço)	de 1972
Sunbeam Tiger--H/tope	de 1966
Renault 4-L (s/averb.)	de 1972
Fiat 124-Spyder 1800	de 1973
Rover 3500 (cx. autom.)	de 1970

...E MUITOS OUTROS MODELOS. TODOS REVISTOS

Aceitam-se trocas. Facilidades de pagamento.



sousa braga
móveis e decorações, sarl.

sob projecto
atelier conceição silva
colaborámos
na remodelação do
hotel serra da estrela.

Fábrica 1 - R. Latino Coelho · Venda Nova · Amadora - Telefs. 970443 · 970283 · 970462.
Fábrica 2 - Póvoa St. Adrião - Telefs. 910422 · 912502.
Loja - Estrada de Benfica, 174 · Lisboa 4 - Telefs. 781744 · 780599.

DL/ESPECTÁCULOS

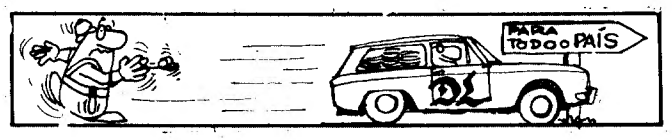
NOVOS DISCOS

SERRAT CANTA MIGUEL HERNANDEZ

Após o êxito do espectacular «Mediterraneo» (de Joan Manuel Serrat) entre nós, a «Tecla» faz regressar o consagrado intérprete aos escaparates discográficos com uma gravação de poeta excepcional: Miguel Hernandez transposto para a voz do cançonetista em trechos que constituem uma das melhores produções deste final de ano.

Num «LP» de alto nível estão patentes dez composições de relevância na obra poética de Miguel Hernandez: «Menos tu vientre», «Elegia», «Para tu libertad», «La boca», «Umbrio por la pena», «Nanas de la cebolla», «Romancillo de Mayo», «El niño yuntero», «Canción última» e «Llego con tres heridas».

Em Espanha, já foram vendidos (em cerca de cinco meses) mais de 100 mil exemplares deste disco, o que valeu a Serrat o segundo «LP de ouro» da sua brilhante carreira. Na imagem regista-se o momento em que Joan Manuel Serrat (à direita) recebia o galardão.



5ª FEIRA
CINEARTE
RENOVADO!...

CRÍTICA DE CINEMA — LAURO ANTÓNIO

Amarga denúncia da vida em família

Título: VIDA EM FAMÍLIA (Family Life)
Realização: Kenneth Loach, 1972 (Inglaterra)
Argumento: David Mercer, segundo a sua peça Two Minds, adaptaddo ao cinema por David Mercer e Kenneth Loach;
Fotografia: Charles Stewart (Tecnicolor);
música: Mark Wilkinson;
Montagem; Roy Watts;
Intérpretes: Sandy Ratcliff (Janice Bailden); Bill Dean (Mr. Bailden); Grace Cave (Mrs. Bailden); Malcolm Tierney (Tim); Hilary Martyn (Barbara); Alan Mac Naughton (Mr.Carswell); Michael Ridall (Dr. Mike Donaldson), etc...
Distribuição: Animatógrafo;
Estreia: Cinema Estúdio 444 (5.10.73)

1. Kenneth Loach será possivelmente o mais importante cineasta inglês neste início de década de 70, ùnicamente com três filmes no activo, dois dos quais vistos em Portugal.

Nasceu nos arredores de Londres, em 1936. Estudos secundários normais, após o que cursou Direito em Oxford. Entre 1956-1957, interessa-se apaixonadamente pelo teatro, realizando diversas encenações com bastante sucesso. Entre 1960 e 1966, trabalha para a televisão. Encontra Tony Garnett que virá a ser seu amigo, seu produtor de televisão e, mais tarde, seu produtor de cinema. Tony Garnett fala-lhe de uma peça de teatro de David Mercer, *In Two Minds* e daí nasce a primeira adaptação desta obra, ainda para a televisão. Da colaboração de Mercer, Garnett e Kenneth Loach nasce um filme para a televisão que alcançou certa notoriedade. Esta adaptação estará na base do filme *Family Life*, realizado para cinema anos mais tarde.

Em 1967, Kenneth Loach estreia-se no cinema, iniciando a rodagem de uma obra que terminará no ano seguinte: *Poor Cow*, com Terence Stamp e Carol Wite.

Em 1969, dirige *Kes (Os dois* **Indomáveis**) apresentado na *Semana da Crítica* no Festival de Cannes, de 1970, uma obra admirável que os lisboetas desprezaram, ignorando-a durante a apagada e triste semana de estreia que se manteve no 444. Coisas que por cá acontecem...

De 1971, é *Family Life (Vida em Família)*, filme que em boa hora o atento Animatógrafo trouxe até nós. Parece que com muito melhor sorte do que a que esteve reservada ao belíssimo *Kes*. Do mal, o menos.

2. Admirável é, desde logo, a exemplar adaptação cinematográfica da peça de Mercer. No filme de Kenneth Loach não se descobre um vestígio de teatralidade, um apontamento que relembre o espaço cénico, uma única anotação que possa denunciar a sua origem. Muito pelo contrário, para quem vir o filme sem conhecimentos apriorísticos da sua génese, este passará por um filme essencialmente cinematográfico, estruturado quase num estilo de reportagem a que se mistura uma ligeira ficção.

Falando de ficção: *Vida em Família* roda sobre uma personagem central: Jan, ou Janice Bailden, nascida num meio relativamente modesto, de origem pequeno-burguesa, acomodatício, conservador, puritano, prepotente. Cresce aparentemente sem problemas, até que um dia se começam a manifestar os primeiros sintomas de esquizofrenia que. a par de uma possível predisposição natural, parece intensificar-se com a presença constante e absorvente de uma mãe possessiva, de um pai intolerante (ainda que aparentemente compreensívo) e de um condicionalismo social francamente depressivo (ou repressivo).

Vai depois assistir-se a um curioso processo (aqui *Family Life* anda muito perto de *Kes*) de educação e «cura». Ou seja: Jan esquizofrénica e personagem inquietante na ordem estabelecida, tem de ser «recuperada» para a sociedade, para o trabalho, para a vida em família, para ser uma boa mãe, uma exemplar dona de casa, uma produtiva empregada, uma cidadã respeitadora e consciente. O pai e a mãe, aí estão para dar o exemplo. Eles que tudo fizeram pelos filhos. Eles que acima de tudo os amam, eles que acima de tudo por eles se sacrificaram. Eles que não compreendem porque saiu de casa a filha mais velha. Eles que não compreendem os movimentos da juventude. Eles que olham com desdém os cabelos compridos e escorridos dos jovens; eles que deploram a muita liberdade das raparigas. *«Porque no meu tempo...»* Eles que, efectivamente, tudo fizeram pelos filhos, que os amam acima de tudo. Eles, porém, que, por educação, por deformação, por razões de ordem histórica e social, nada mais podem compreender do que aquilo que desde há longos anos lhes ensinaram, e em que eles acreditam. Com a razão da sua crença. Com a fé do seu imobilismo. Por um lado, portanto, os pais, a família, a *«vida familiar»*: a repressão interna. A moldagem pela educação.

Por outro lado, Jan é tida como esquizofrénica e enfiada num hospital. Vêm agora à baila os diferentes processos de cura através da psiquiatria (ou da anti-psiquiatria) Jan começa por ir parar às mãos de um psiquiatra que experimenta novos métodos e recusa choques eléctricos e injecções. Em jeito de psicanálise de grupo, ele procura conhecer as pessoas, em lugar de sobre elas exercer o poder das drogas. Mas esses processos são tidos como «pouco compensadores» pela administração do hospital, que despede o «experimentalista». Ficam os choques eléctricos, as injecções, a terapêutica não de grupo, mas de rebanho (as camas alinhadas, com os diferentes doentes anestesiados). Uma terapêutica que procura, acima de tudo, integrar os desintegrados, tornar produtivos os que por carências próprias, deixaram de o ser. Ou a cura como processo de repressão. Ou a terapêutica ao serviço da classe dominante. Acalmar, para que a calma reine. Adormecer, para que a tranquilidade seja total. Amordaçar os que, à deriva, possam constituir um elemento de perturbação, de intranquilidade, de incomodo.

Assim se chega às imagens finais, de um pertubante desenrolar: Jan vê precipitar a sua esquizofrenia, que cresce de dia para dia, até surgir, desamparada, solitária, perdida, numa amargurada aula de medicina, durante a qual um «mestre» explica como se desenrolou aquele «processo». O seu «processo mental», ocultando, todavia, todo o «processo» repressivo e opressor de uma sociedade viciada em dogmas, em preconceitos, em puritanismo que, pela calada, procuram sobretudo, defender direitos indevidamente adquiridos e reis sociais de uma exemplar industiça.

O filme de Kenneth Loach é, pois, uma admirável acusação. Mas é também uma denúncia a que se extirpou toda a possível demagogia. E pelo lado da discrição, do pudor, de uma sensibilidade invulgar, de um olhar repassado de ternura e violência, que o filme de Loach se escreve. Com actores notáveis, de uma serena autenticidade, com uma fotografia acastanhada e enevoada (que reconstitui, a cores, o dia-a-dia cinzento dos grandes bairros operários ingleses), *Vida em Família* confirma o enorme talento de Kenneth Loach e impõe ao espectador nova ida ao cinema. Não perca este filme.

MELHOR SOM
MAIS LUZ
PILHAS
GATO BRANCO

QUAL A CAUSA DA SUA
SURDEZ
Esclerose?
Falta de percepção?
Surdez nervosa?
Possuimos um aparelho para cada caso e excepcionais preços de lançamento.
OTACÚSTICA
R. da Madalena, 152-1.º E.
Telef. 86 52 75 — LISBOA

1 SEMANA em LONDRES
PARTIDAS:
TODOS OS DOMINGOS
Outubro 21, 28
preços excepcionais desde 3350$
INCLUINDO:
• VIAGEM EM AVIÃO A JACTO
• ESTADIA NO HOTEL
• TRANSPORTES EM TERRA
• VISITA TURÍSTICA DE LONDRES
• TAXAS HOTELEIRAS
• ASSISTÊNCIA DE GUIA abreu
PREÇO PARA JOVENS 2750$
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA
abreu
FUNDADA EM 1840
LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (16 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011/27012

Imagine o crime perfeito... Depois dê um passo em frente.
LAURENCE OLIVIER
MICHAEL CAINE
no filme de
JOSEPH L. MANKIEWICZ
AUTÓPSIA DUM CRIME
SLEUTH
BREVEMENTE NO LONDRES
GRUPO D - 18 ANOS
COLORIDO

No meio dos pinheiros nasce a **MISS PIN**...

MISS PIN

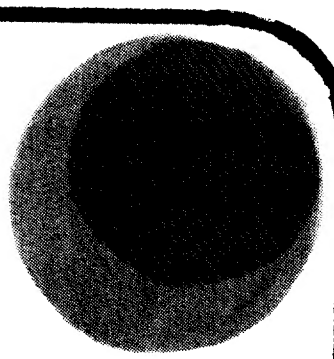
MISS PIN! A sensacional nova secção de PINHEIROS onde a senhora jovem e moderna encontrará todas as novidades da última moda!
MISS PIN! Vestir MISS PIN é vestir com gosto, com a elegância e o charme da moda actual dentro da qualidade PINHEIROS. MISS PIN! Dos pés à cabeça uma verdadeira sensação na arte de vestir!

PINHEIROS Rua Augusta, 62/74 – Lisboa 2

UMA MODA MAIS ALEGRE NO MODO DE VESTIR...!

PUBLIFIRMA

ELEIÇÕES 73



NA BAIXA DA BANHEIRA

"COMO PODE FALAR-SE EM ELEIÇÕES SÉRIAS?"

«Aos democratas só é permitido o uso da palavra aos candidatos; mas, na ANP, todos podem falar. As eleições são falsas porque é falso o recenseamento» — afirmou o dr. Herculano Pires, o primeiro orador na sessão de oposição realizada no sábado na Baixa da Banheira, promovida pelos candidatos de Setúbal.

Presidiu Manuel Pereira, ladeado por Estaline Rodrigues, Rui Semedo Nunes e Fulália Nunes.

Discursaram ainda os outros candidatos, João Aurélio dos Santos, Alfredo Rodrigues Matos Artur Neves, Ercília Talhadas e Adílio Costa.

ELEIÇÕES SÉRIAS?

Durante o seu discurso, o dr. Herculano Pires, referindo-se ao próximo acto eleitoral e à posição da oposição, afirmou:

Como pode falar-se de eleições sérias num país em que o recenseamento abrange apenas dois quintos da população recenseável? Como pode falar-se em eleições sérias num país em que o recenseamento oficioso, legalmente da competência exclusiva das comissões recenseadoras, foi posto ao serviço da ANP para que esta pudesse inscrever todos os adeptos da política do Governo? Como pode falar-se de eleições sérias num país onde não existe liberdade de expressão de pensamento e no qual a Imprensa, que devia assegurar a certeza de uma informação livre e verdadeira, está submetida ao regime de uma Censura prévia dirigida por agentes do mesmo Governo? Como pode falar-se de eleições sérias num país onde é vedada a formação de partidos políticos e, no entanto, se permite a existência do partido único — a ANP? Como pode falar-se de eleições sérias num país em que à Oposição Democrática apenas se autoriza um período de liberdade condicionada de pouco mais de vinte dias e se permite que a ANP faça livremente a propaganda onde quiser e quando entender?

TEATRO DA CORNUCÓPIA
apresenta
O Misantropo
de
Molière
Enc. Luís Miguel Cintra
com
Filipe la Féria, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, Glicínia Quartin, Carlos Fernando, Raquel Maria, Luís Lima Barreto, Orlando Costa, Dalila Rocha
espectáculo subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian
Grupo C — 14 anos
No TEATRO LAURA ALVES
(Tel. 864756)
HOJE
E TODAS AS NOITES
às 21.45 h.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Manuel Ferreira. «Tabacaria da Estação de Oeiras» OEIRAS

DL/NACIONAL

SESSÃO DA ANP NO BARREIRO

A "FRENTE UNIDA" RECUA E A "TERCEIRA FORÇA" ABSTEM-SE

—UMA ANÁLISE DO DR. ELMENO ALVES

A oposição ao Regime é de inspiração marxista, não democrática; a unidade que apresenta é táctica e transitória, da a natureza insanável das contradições que a dividem; defende reivindicações que contrariam os seus próprios princípios teóricos; politicamente, evidencia um retrocesso em relação a 1969: — esta a linha geral da análise a que procedeu o presidente da Comissão Executiva da Acção Nacional Popular, discursando sobre os principais adversários, na corrente campanha eleitoral, da organização nacionalista e do Governo.

O dr. Elmano Alves, na sua qualidade de candidato a deputado pelo círculo de Setúbal, foi o principal orador da sessão e de propaganda realizada ante-ontem, no Barreiro. Falaram também o dr. Jorge Botelho Moniz — («**Importa combater a abstenção**», «**Infelizmente, o comodismo eleitoral atinge mais as pessoas que confiam na ordem estabelecida do que aquelas que pretendem mudar as instituições**»), o dr. Caldeira Pais e a dr.ª Maria Ágela da Gama.

Recorda-se que foi Setúbal o círculo eleitoral em que se registou oficialmente maior número de abstenções, nas votações de 1969: cerca de 53 por cento. Os 47 por cento que votaram, deram à União Nacional 64,7 por cento dos sufrágios. A Oposição Democrática obteve aí, além de vitórias em várias secções de voto, o seu maior número à escala nacional: 34,7 por cento, sempre segundo as contagens oficiais.

A «FRENTE UNIDA»

«O primeiro equívoco a desfazer nesta campanha é o da pretensa e tão apregoada unidade da Oposição», afirmou o dr. Elmano Alves: **«porque não existe uma Oposição, mas diversas correntes de oposição, profundamente divididas por insanáveis contradições internas, distanciadas entre si por irredutíveis conflitos ideológicos»**. Referiria depois, citando os **«panfletos que circulam clandestinamente e as emissões de rádio de além-fronteiras»**, o que qualificou como **«irredutibilidade das dissidências entre os sectários da família marxista»**.

O dr. Elmano Alves concretizaria mais tarde o seu pensamento: **«Insistem os panfletos da Oposição no carácter unitário das suas candidaturas. Por sua vez, a Imprensa estrangeira tem por diversas vezes aludido ao acordo da «frente unida» do Partido Comunista Português de Álvaro Cunhal com os socialistas de Mário Soares. A absorção da minoria socialista que em 1969 se agrupou na CEUD pelos seus comparsas tornou-se agora evidente. Mas não restam dúvidas de que se trata de uma mera aliança transitória decretada por motivos tácticos. Entre comunistas e socialistas portugueses há contradições intransponíveis»**.

Mas o facto de a Oposição se apresentar unida em 1973 foi apresentado pelo orador como um dos factores do que chamou **«recuo no movimento oposicionista»**, que **«se limita agora a apresentar candidaturas exclusivamente da facção CDE, e apenas em 9 distritos, quando há quatro anos foram propostas 24 listas da Oposição de várias correntes e em 19 distritos»**. Pois este recuo de notória **«fora de qualquer dúvida, um reforço da posição governamental e um claro apoio das populações à vigorosa política de reformas empreendidas nos últimos cinco anos»** (isto é, de Setembro de 1968, data da posse do prof. Marcello Caetano, até agora, não apenas desde as eleições de 1969).

O recuo denunciaria ainda **«o isolamento, a falta de representatividade e a impopularidade»** dos comunistas, suas candidaturas e programas. Comunistas que, segundo o orador, sendo também uma minoria, **«levaram de vencida os restantes agrupamentos de oposição ao Governo»**, dada a **«capacidade organizadora»** que demonstraram aquando do Congresso de Aveiro.

«TERCEIRA FORÇA»

O dr. Elmano Alves não omitiu o modo de pensar da ANP sobre as correntes ditas «centristas» ou «liberais», afirmando: **«A muitos meses das eleições, o Governo deu possibilidades de diversas formações se prepararem para a luta eleitoral. O encontro dos liberais autodenominados da «terceira força», apoiada embora na experiência associativa da SEDES, evidenciou a incapacidade do concertamento de esforços com vista a uma acção política no plano prático. Bastariam 50 eleitores para propôr uma candidatura autónoma. Qual a força que não dispõe desse mínimo?»** — perguntou o dirigente nacionalista.

E diria ainda: **«As correntes de oposição não comunista, tão solícitas em bradar pelo pluralismo de opinião e pela defesa das liberdades democráticas, não souberam apresentar-se como uma solução alternativa, aproveitando as possibilidades que a lei amplamente lhe confere para tanto»**.

"O Estatuto do trabalho Nacional e um autêntico colete de forças"

—AFIRMOU-SE NA SESSÃO OPOSICIONISTA EM SANGALHOS

A sala do Éden Clube de Sangalhos foi demasiado pequena para albergar toda a gente que desejava assistir a mais uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela Oposição Democrática. Repleta e decorada com bandeiras nacionais além de vários cartazes e legendas, aquela sala viveu momentos de grande entusiasmo e vibração democráticas.

Presidiu o dr. José Rodrigues ladeado por todos os candidatos oposicionistas aveirenses e ainda por Manuel Rodrigues da Silva, indigitado para responsável da sessão, caso faltasse o presidente. O dr. José Rodrigues foi o primeiro orador, começando desde logo por pedir um minuto de silêncio em memória dos **«Mártires da Democracia e muito especialmente por Salvador Allende.**

Referiu depois **«As facilidades que à ANP são dadas enquanto nós não temos sedes nem nos deixam organizar para podermos discutir os problemas que a todos os portugueses afligem. Vivemos numa situação afrontosamente desigual, sem nos podermos livremente reunir a fim de estabelecermos uma conduta a seguir. Apenas de 4 em 4 anos e durante poucos dias a Oposição pode reunir e estudar e ventilar os problemas de Portugal. Isto é de mais. É uma situação que não podemos tolerar. Isto num país que vive numa situação de grande inferioridade perante uma Europa civilizada. Só em países como Portugal é que não é permitida uma permanente crítica ao Governo. Daí não nos admirarmos de que a próxima Assembleia Nacional venha a ser coisa morta perante tão profundos problemas que assolam o país»**.

O dr. Neto Brandão foi o primeiro candidato a falar abordando os problemas dos trabalhadores, tendo salientado: **«Lutaremos pelas reivindicações justas mas não poderemos esquecer que essa luta não poderá fazer esquecer ou afastar-nos dos graves problemas que afectam o País e que impedem a satisfação daqueles objectivos, de todos eles se destacando a Guerra de África.»**

E mais adiante:

— O corporativismo está ao serviço do capitalismo nacional e internacional. O Estatuto do Trabalho Nacional que deveria ser uma carta constitucional dos direitos dos trabalhadores portugueses é antes um autêntico colete de forças».

Seguiu-se o candidato Mário Rodrigues que frisou inicialmente: **«Neste momento a Televisão está a transmitir um desafio de futebol, coisa que raramente faz, quando por todo o país estão a decorrer sessões de propaganda eleitoral que deveriam merecer por parte da alienada TV toda a atenção.**

Os próprios jornalistas são hoje quase empregados de Bancos, pois estes detêm em suas mãos todos os jornais. O Governo tem tudo nas mãos menos a Razão e a Justiça. E estas duas grandes forças hão-de triunfar. É tudo uma questão de tempo e da nossa união.

OS MONOPÓLIOS

Rufino Cunha falou a seguir. Apontou muitos dos problemas da Barrada desde as más estradas à falta de electricidade em algumas povoações, da carência de estruturas urbanísticas e ironizou: **«estrada que há muitos anos carece de acabamento vê agora e a toda a pressa (estamos em vésperas de eleições) a sua conclusão. Mas estes problemas são comuns a todas as freguesias portuguesas»**.

A seguir:

E o custo de vida, meus senhores? É um pavor. Nós é que a sentimos na carne, todo este aumento vertiginoso sem que ninguém seja capaz de o suster. É a carne, é o bacalhau, é o peixe, é o calçado, são os livros escolares. Tudo sobe e os ordenados são congelados pelo Governo.

Os monopólios e as grandes empresas são os verdadeiros donos de Portugal. O português para ser livre tem de primeiramente se livrar dos monopólios. Isto perante um Governo que proíbe que o Povo fale dos problemas vitais que afligem o povo português».

O último candidato a falar foi o dr. Álvaro de Seiça Neves.

Durante a sessão foram dados a conhecer os incidentes de Coimbra e a proibição da sessão oposicionista marcada para sábado naquela cidade, tendo sido aprovado, por unanimidade, o texto de um telegrama a enviar ao chefe do Governo, ao ministro do Interior e ao governador civil de Coimbra.

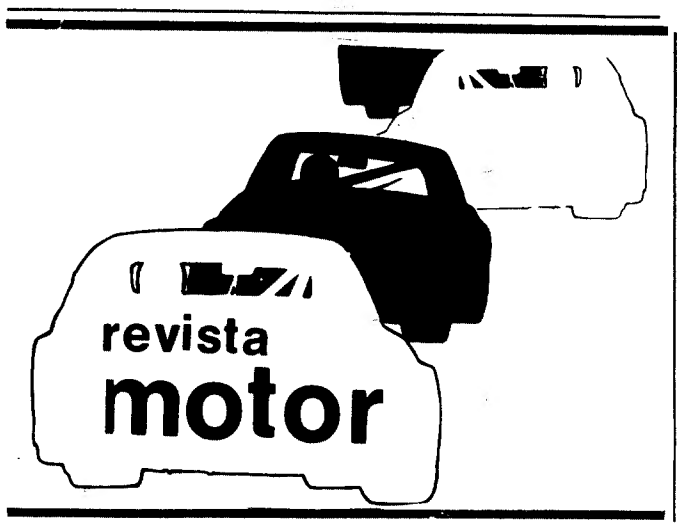
REUNIÃO DE TRABALHADORES

ra08 Orientada pelo candidato oposicionista Rufino Cunha realizou-se ainda na tarde de sábado, na sede da CDE de Aveiro uma reunião de trabalhadores para ampla discussão dos respectivos problemas. Houve participação entusiástica de todos os presentes, representando os variados sectores da classe, com destaque a dos empregados de escritório. No final foi decidido elaborar um comunicado a distribuir hoje aos órgãos de Informação.

CONVÍVIO COM MANUEL FREIRE

Muitas dezenas de jovens, participaram na tarde de sábado, das 16 às 19 horas, na sede da CDE de Aveiro, no Convívio organizado pela Oposição Democrática e que teve a presença de Manuel Freire. O jovem estudante aveirense António Regala recitou poemas de Pablo Neruda, seguindo-se Manuel Freire.

Ambos foram muito aplaudidos por todos os participantes do convívio.



DL/NACIONAL

INTENSA ACTIVIDADE DA OPOSIÇÃO DO PORTO

. Foi numerosa (55 pessoas) e altamente participantes a assistência à última reunião das freguesias Lordelo-Massarelos. A reunião começou com um ponto prévio sobre o papel das comissões de freguesia que, viradas à acção, devem conseguir um dinamismo que possibilite a sua subsistência para além da campanha eleitoral.

Em seguida, discutiram-se e foram programadas várias formas de acção nas freguesias, dando relevo aos contactos pessoais com a população. Passou-se imediatamente à apreciação de vários problemas específicos das freguesias, nomeadamente a repressiva legislação que regula o inquilinato nos bairros camarários e as péssimas condições de vida que eles oferecem.

Antes de terminar, foram analisados problemas relacionados com os fundos da comissão de freguesia e da concelhia, com a dinamização da sede da Rua Júlio Dinis, sendo dadas informações gerais e da comissão coordenadora da concelhia.

Nova reunião da comissão das freguesias de Lordelo-Massarelos foi marcada para o dia 17, às 21 e 30, na sede da Rua de Júlio Dinis.

TRABALHADORES TÊXTEIS

Na sede do M.D.P. realizou-se ontem à tarde, uma reunião de trabalhadores têxteis, onde foram discutidos problemas de interesse dos mesmos.

Foram feitas várias intervenções abordando os seguintes aspectos: congelamento de salários e caristia de vida; liberdade sindical e direito à greve; intensificação da exploração patronal e aceleração do rítmo de trabalho; guerra e seus reflexos na situação dos trabalhadores; saúde e previdência; situação actual do sindicato dos têxteis.

No decorrer da reunião foi aprovada por unanimidade a moção a enviar ao Presidente do Concelho:

__ **Regresso imediato dos exilados políticos e sua reintegração na vida do país.**

TRABALHADORES METALÚRGICOS

Em reunião ampla de trabalhadores metalúrgicos, realizada na sede do M.D.P., foram aprovadas as seguintes moções:

. 1) __ Trabalhadores metalúrgicos democratas do Porto exigem do Governo imediatas medidas para equilibrar o custo de vida, congelando o lucro dos monopólios, nacionais e estrangeiros, e a alta de preços, promovendo ao mesmo tempo, uma alta geral de salários.

2) __ Reunião ampla de trabalhadores metalúrgicos democratas do distrito do Porto tendo tomado conhecimento da exploração desenfreada a que estão sujeitos os trabalhadores portugueses ao serviço da empresa estrangeira «Secometal» que adjudicou a obra de ampliação da refinaria do Porto, da Sacor, com claras e indesmentíveis violações das leis e dos contratos, tendo tomado também conhecimento da enérgica reacção dos trabalhadores, aprovou a seguinte moção:

__ **Expressar a sua completa condenação contra todas as formas de doninação do capital estrangeiro, que não olha a meios para explorar o povo português.**

__ **Condenar a cumplicidade e o servilismo do Governo, que permite às empresas estrangeiras formas de exploração completamente ilegais.**

__ **Apoiar por todas as formas os seus companheiros em luta.**

__ **Informar do teor desta moção todos os trabalhadores e os jornais diários.**

__ **Enviar telegramas de protesto ao Governo.**

3) __ Metalúrgicos reunidos em reunião ampla na sede do M.D.P. exigem amnistia para todos os presos e exilados políticos, protestam contra a guerra colonial e exigem o imediato regresso dos nossos soldados, protestam contra a repressão movida aos movimentos democráticos.

4) __ Considerando que todo o dinheiro arrecadado pelo previdência é dos trabalhadores.

__ **Considerando que a previdência deve servir os interesses das camadas trabalhadoras.**

__ **Considerando que hoje, gerida por entidades estranhas aos trabalhadores, ela se mostra ineficaz.**

__ **Considerando ainda que os dinheiros têm sido desviados para fins estranhos aos interesses dos trabalhadores, nomeadamente a guerra colonial.**

__ **Propõe-se como única solução de defesa dos trabalhadores:**

. __ **Que a previdência passe imediatamente para a gerência exclusiva dos trabalhadores.**

Foi, também, aprovado um telegrama a enviar ao secretário de Estado do Trabalho:

. «Metalúrgicos do Porto reunidos em sessão ampla no M.D.P. protestam contra a inclusão de Afonso Carraca numa comissão técnica quando foi excluído pelos seus colegas por atitudes de divisão.»

MULHERES REIVINDICAM

Cerca de 60 mulheres acorreram à sede do M.D.P., para aí discutirem os seus problemas comuns, reforçarem a sua acção, integrarem as suas reivindicações específicas na luta geral que o povo português desenvolve por um Portugal liberto da opressão, da exploração, dos monopólios

Foram abordados muitos problemas, nomeadamente o do contínuo agravamento do custo de vida, o do desigual salário recebido pelas mulheres, (inferior mesmo ao dos homens), o problema do trabalho no lar, do sobretrabalho realizado pelas mulheres trabalhadoras, a situação da criança, da assistência médica ao povo português e o problema da prostituição, que apesar de proibida desde 63 se mantém e prospera.

As mulheres foram unânimes em concluir que a resolução dos seus problemas só será efectiva e completa aquando da existência de um Portugal, em que não haja fome, guerra, opressão, exploração, monopólios.

No entanto, foi salientada a necessidade de desenvolverem a sua luta pelos objectivos que neste momento mobilizam as mais largas camadas de mulheres, de participarem na actual campanha de esclarecimento e mobilização do povo português.

ENSINO

Hoje, pelas 21 e 30 horas, realiza-se uma mesa-redonda sobre o ensino, na sede da Rua de Júlio Dinis, do M.D.P..

EMPREGADOS DE ESCRITÓRIO

Também à mesma hora se realiza hoje uma reunião de empregados de escritório, na sede da Rua de Santa Catarina, do M.D.P..

COMISSÕES DE FREGUESIA

A comissão das freguesias de Aldoar, Nevogilde e Ramalde reune-se hoje, pelas 22 horas, na sede da Rua de Júlio Dinis, e às 21 e 30, na sede da Rua de Santa Catarina, reune-se a comissão da freguesia de Santo Ildefonso.

Por seu turno, a comissão do Bonfim efectua os seus encontros todas as quintas-feiras, às 22 horas, na sede de Santa Catarina.

MISSÃO COMERCIAL EM CARACAS

CARACAS, 15 __ (FP) __ Uma missão comercial portuguesa de onze representantes da industria privada chegou a noite passada a esta cidade procedente de Lisboa. A missão é chefiada pelo director do Fundo de Fomento de Exportação, Eduardo Martins Soares, e permanecerá em Caracas até 21 do corrente, para estabelecer contactos no sentido de incrementar o intercâmbio comercial

A rainha Isabel em viagem à Austrália

LONDRES, 15 __ (FP) __ A rainha Isabel deixou o aeroporto de Heathrow (Londres) no domingo à noite, com destino à Austrália, onde deve inaugurar em 20 de Outubro, em Sydney, a nova Ópera. Fará escala em Vancouver, Honolulu e Ilhas Fiji. No regresso, deter-se-á em Teetrão, no dia 23, onde almoçará com o xá, cheganso à noite a Londres.

O príncipe Filipe, que partirá em 29 de Outubro para visitas à Bulgária e à Nova Zelândia, estará ao lado da rainha nas cerimónias de Sydney. Fará depois uma digressão pela Austrália e estará de volta a Londres em 8 de Novembro, seis dias antes do casamento da princesa Ana.

DESMENTIDO

PARIS, 15 (R) __ A Embaixada líbia nesta capital desmentiu hoje formalmente que jactos Mirage, comprados à França, tivessem sido utilizados na guerra do Médio Oriente.

ELEIÇÕES 73

COLÓQUIO NA AMADORA

Do Grupo das Liberdades Democráticas da C.D.E. de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

. «Na sede da C.D.E. da Amadora, realizou-se no passado sábado, dia 13 pelas 21 horas um colóquio sobre Repressão __ Liberdades Fundamentais.

Com larga assistência a reunião decorreu com a participação activa dos presentes que:

1 __ Denunciaram a acção

2 __ Referiram a situação particular de alguns presos políticos

3 __ Denunciaram acção repressiva que constantemente atinge as manifestações progressivas do povo português:

Trabalhadores-Suspensões, inquéritos, despedimentos, repressão sobre greves, restrições constantes na vida sindical,

Estudantes-Suspensões, inquéritos, processos disciplinares, expulsões, encerramento de associações, nãi reconhecimento de direcções democraticamente eleitas,

Cooperativas Aniquilamento.

6 __ Denunciaram os intuitos que presidem à repressão individual como meio utilizado para sufocar e paralizar a luta do povo português pela construção de uma sociedade justa,

Concluiram:

__ Pela necessidade de todos os democratas se organizarem em amplas comissões sobre a repressão.

__ Pela necessidade de todos os democratas denunciarem energicamente todos os actos repressivos de que é algo o povo portugues.

__ Pela necessidade de todos os democratas lutarem unidos e organizados contra a repressão

VENDA DE CRAVOS

No sábado passado, elementos pertencentes à base sócio-profissional dos empregados de escritório da CDE de Lisboa, estiveram à tarde no Jardim Zoológico, onde procederam a uma venda de cravos destinada a angariar fundos para a Comissão Eleitoral. Segundo um comunicado da CDE, «o modo como foram recebidos os democratas, o interesse da população pela recolha e o entusiasmo, demonstram que estas iniciativas devem ser alargadas a toda a cidade de Lisboa».

Tropas sauditas na frente síria

AMÃ, 15 (R) __ Forças da Arábia Saudita estão a combater na frente síria por ordem do rei Faiçal __ anunciou o ministério da Defesa e do Ar saudita, numa delcaração difundida pela rádio.

O comunicado declara que o rei Faiçal está convicto de que as forças sauditas devem participar em todas as frentes de batalha tendo, portanto, ordenado que se preste auxílio à República Arabe Síria por meio do envio de forças «uqe cumpram o seu dever sagrado na guerra que lavra ali».

Acrescenta que o contigente já começou a chegar à frente síria.

Além da sua participação activa na luta, a Arábia Saudita põe ao serviço da causa árabe todos os seus recursos e potencial __ acentua o comunicado.

As forças armadas sauditas totalizam cerca de 42 000 homens, de acordo com as últimas estimativas publicadas. Um pequeno contigente de cerca de 2 000 homens permanecera no sul sa Jordânia desde a guerra de 1967.

A imprensa libanesa sugerira que parte ou toda esta força está a ser enviada para a frente síria.

BLOQUEIO A GIBRALTAR

O governo espanhol anunciou planos para a construção de um aeroporto próximo de Gibraltar.

No comunicado oficial distribuido no fim da reunião semanal do Conselho de Ministros afirma-se que o Governo «por proposta do Ministério do Ar, concordou em iniciar urgentemente o projecto de construção de um aeroporto em Campo de Gibraltar».

Campo de Gibraltar é o território espanhol imediatamente a leste da fronteira entre a colónia britânica e a Espanha, encerrada há cinco anos como parte do bloqueio imposto pela Espanha com o objectivo de apoiar a sua reivindicação sobre Gibraltar.

Interrogado pelos jornalistas, o ministro da Informação, Fernando de Linan, indicou que o aeroporto será utilizado principalmente pela aviação comercial.

«O projecto do aeroporto é justificado pelo futuro desenvolvimento da área» __ declarou o ministro espanhol. Os aeroportos espanhóis mais próximos são Sevilha e Málaga, ambos a mais de cem quilómetros das estâncias espanholas da região de Gibraltar.

ADESÕES À C.D.E. DE LISBOA

Da Comissão Executiva do Movimento CDE de Lisboa, recebemos alguns nomes de democratas que se deslocaram à Sede da Avenida Almirante Reis, para darem o seu apoio à CDE. Prosseguimos hoje a publicação dessa série de assinaturas:

Artur Amador Marques, mecânico de automóveis; João Albino Matos da Silva, estudante; Octávio Santos Almeida, estudante; Maria de Lurdes Abrantes Carrola, estudante; Hipólito da Costa Barros, estudante; Fra cisco Salgueiro; Helena Costa Lopes; Maria Helena de Abreu, professora eventual; Henrique Jorge de Castro, estudante; Luis Filipe Gonçalves, estudante; José Jaime Ferreira, arquivista; Manuel Alexandre Reis, operador mecanógrafo; José Campos, ajudante de motorista; José António Rebelo da Silva, estudante; Patrícia Novais, estudante; Luis Carlos Rodrigues Martins, João Paulo Tavares Almeida Fernandes, estudante; Luis Filipe Teles de Almeida Capela, estudante; João Ramos de Almeida, estudante; António Gouveia, ferroviário; José Valente, desenhador; Jorge Ayres Roza de Oliveira, estudante; Graciete Caldeira, escriturária; José Manuel C. Paiva Coutinho, empregado de escritório; Joaquim Jorge da Cruz Nascimento, estudante; Fernando Manuel da Silva Saraiva; António Candido Pereira Gomes, empregado de escritório; Francisco Conceição Rodrigues, estudante; Maria Júlia Gonçalves de Lima, estudante; Maria Luisa da Costa Mendes Veloso, estudante; Luisa Castro Pires, doméstica; Maria del Carmen de Castro e Nogueira, doméstica; Júlio Matos, gráfico Manuel Pinto; José Manuel Pacheco Jorge Barreiros, professor; Carlos Alberto Lopes Baptista, empregado de escritório; Maria Lúcia Santos Pereira e Sousa, empregada de escritório; Maria Manuela Rodrigues da Silva Oliveira, geógrafa; Adelica da Silva Nascimento, correspondente; Rui Marques Ramos, desenhador; Manuela Loureiro Malro Ramos, analista.

Isabel Maria Dias Soares da Cruz, empregada de escritório; Esmeralda Saramago Correia Duarte, costureira; P. P. C. Matos, empregado de escritório; Artur Amorin, estudante; Conceição Matos Abrantes, empregado de escritório; Pedro Mendes Fernandes, proprietário; Ana Rita Areosa, estudante; Matilde Assunção Ramalho, empregada de escritório; João José Rolo, montador; Lília Pessoa doméstica.

DL/NACIONAL

Sessões de propaganda

OPOSIÇÃO

LISBOA — hoje, às 21 horas, no Centro Republicano José Estevão.
VILA NOVA — hoje, às 21 horas, no cinema local.
ALENQUER — hoje, às 21 horas, na sede da CDE, Estrada do Camarnal, N.º 0
SACAVÉM — hoje, às 21 horas, no Clube Recreativo
ALMADA — hoje, às 21 horas, na incrível Almadense
ODIVELAS — amanhã, às 21 horas, na sede da CDE, rua Alexandre Herculano, 38; e no dia 18, às 21 horas, no mesmo local.
POVOA DE SANTA IRIA — amanhã, às 21 horas, no cinema local.
CALDAS DA RAINHA — Amanhã, às 21 horas, no Cine Teatro Pinheiro Chagas.
POVOA DO VARZIM — Amanhã, às 21 horas, no Cine Teatro Garrett
Rio TINTO — amanhã, às 21 horas, no Cine Teatro Vitória
TROVISCAL — amanhã, às 21 horas, na Assembleia Republicana

ANP

GUARDA, hoje pelas 21 e 30
SALVATERRA DE MAGOS — amanhã, pelas 7 horas
CORUCHE — dia 17, às 21 e 30
MAÇÃO — dia 18, às 7 horas
ABRANTES — dia 18 às 21 e 30 no Cine-Teatro
GOLEGÃ — no dia 19 às 18 e 30
OURÉM — dia 19 as 21 e 30.

Comunicado da oposição de Coimbra

Da Comissão Eleitoral oposicionista de Coimbra recebemos, com data de Sábado, o seguinte comunicado:

«Dentro do prazo legal entrou no Governo Civil de Coimbra uma participação de que o M.D.C. iria realizar uma sessão de propaganda no dia de hoje, 13.10.73, no Teatro Avenida.

Nesta participação era indicado, como Presidente da Sessão, o democrata António Carlos R. Campos, candidato efectivo em 969 e candidato suplente da actual lista, e como oradores os seis candidatos e mais seis democratas.

Posteriormente foi informado o mandatário da lista de que o Presidente da Sessão atrás referido, não o poderia ser por não residir no concelho de Coimbra. Foi também informado o teor do despacho exarado na participação pelo Governador Civil, nos seguintes termos:

«Para que a reunião possa realizar-se é necessário que o cidadão eleitor domiciliado no concelho de Coimbra, que a ela presida, previamente se responsabilize perante este Governo Civil, pela condução da mesma.

Perante isto, foi indicado para novo Presidente da sessão o candidato Victor Costa. Nessa mesma ocasião, foi exigido que o novo Presidente da sessão comparecesse pessoalmente no Governo Civil para assinar um termo de responsabilidade, submetendo-se expressamente às condições do despacho.

Hoje de manhã, o indigitado Presidente da Sessão, a mandatária da Lista e um outro candidato deslocaram-se ao Governo Civil para entregar um termo de responsabilidade em que o Presidente da Sessão se comprometia a que nela seriam respeitadas a constituição e demais leis vigentes bem como a mesma se não desviaria dos fins para que tinha sido convocada. Foi-lhes dito pelo secretário do Governador Civil que esse termo de responsabilidade estava bem e ia juntar o processo mas que aquilo não satisfazia o Governador Civil. Mais fez o Presidente da Sessão declarando por escrito que tomava conhecimento do despacho embora protestando.

Perante a insistência do secretário do Governador Civil de que tal ainda não era suficiente, os candidatos fizeram questão de falar pessoalmente com o Governador Civil, dado que tais atitudes poderiam comprometer o próprio desenvolvimento da Campanha. Porém, o Governador Civil recusou-se a recebê-los e o secretário informou nessa altura que provavelmente seria negada a autorização para a Sessão, mas que todavia seriam notificados da decisão.

Os candidatos retorquiram que não se conformavam com tal resposta e que iam diligenciar, perante instâncias superiores, nomeadamente o ministro do Interior. A este foi enviado o seguinte telegrama: «**Senhor Ministro. Excelência. Sessão propaganda eleitoral Movimento Democrático de Coimbra hoje 18 horas nesta cidade cumpridas formalidades legais solicitando sua autorização indeferida senhor governador civil ponto solicitamos Vossa Ex.ª digne mandar autorizar urgentemente referida sessão obviando grave comprometimento intervenção candidatos democratas presente campanha eleitoral ponto. Mandatário da lista Regina Carvalheiro**».

Pouco antes da sessão, a polícia comunica à gerência do Teatro Avenida que aquela não estava autorizada. Informados os candidatos deste facto, um deles entrou imediatamente em contacto telefónico com o comando da polícia procurando saber o que se passava em relação à sessão, sendo-lhe comunicado que de nada tinham conhecimento.

Apesar desta resposta, antes do início da sessão já forte aparato policial se notava nas imediações do Teatro. Os policias diziam as pessoas que a sessão estava «adiada». Não obstante, uma enorme multidão que excederia largamente a lotação do Teatro Avenida, concentrou-se em frente deste.

Não tendo até esse momento, como aliás até agora, sido notificados os candidatos da proibição a sessão nem recebido qualquer resposta ao telegramas enviados. Quando o presidente da sessão procurava informar os democratas presentes acerca do que se passava.

Enquanto ao candidato Victor Costa era ainda exigida a identificação, as forças policiais dispersaram a multidão.

Grande Número de democratas se dirigiu espontâneamente para a parte baixa da cidade, onde mostraram o seu protesto, gritando em coro alguns dos pontos programáticos do Movimento Democrático.

Esta situação arrastou-se até ao início da noite. Entretanto todos os candidatos se dirigiram ao Comando Distrital da P.S.P. para reclamarem a libertação dos presos. Apenas dois foram recebidos pelo comandante Major Malcata, aliás em termos correctos, enquanto os restantes eram impedidos, de modo pouco cortêz, de permanecer nas imediações da esquadra.

Estes factos vêm acentuar, e de modo muito grave, após o funeral de Henrique Barreto, em Cantanhede, já assinalámos em comunicado anterior. As autoridades movem uma tenaz oposição aos contactos dos candidatos do Movimento Democrático com população do distrito.

SESSÃO OPOSICIONISTA NA MARINHA GRANDE

Marinha Grande, terra de operários da indústria vidreira e sobejamente conhecida pelas suas lutas reivindicativas, foi palco de uma sessão de propaganda eleitoral da CDE de Leiria, sem igual no número de assistência. O pavilhão do Sporting Clube Marinhense que mais parece uma nave de fábrica justificava o número de presentes.

Presidida por Henrique Neto, a sessão decorreu com a presença dos candidatos Odete Santos, Manuel Baridó, dr José Henrique Vareda e dr. Guarda Ribeiro, tendo sido convidados para a mesa os candidatos às últimas eleições por aquele círculo, dr. Sérgio Ribeiro, Jorge Silvestre e Américo Fialho. A seguir foram lidos os telegramas do dr. Vasco da Gama Fernandes e de Manuel Lopes que, justificando a sua ausência, se solidarizavam inteiramente com o Movimento da Oposição, bem como uma mensagem enviada pela CDE de Torres Vedras. Os dois candidatos ausentes, Carlos Mota e dr. Custódio Maldonado Freitas, encontravam-se, à mesma hora, numa sessão eleitoral em Peniche.

Henrique Neto, usando da palavra antes de apresentar os oradores, fez notar que a actual campanha da ANP continuava a utilizar os mesmos temas de sempre. Analisando a repressão sistemática de que a Oposição Democrática tem sido alvo afirmou: «A Oposição Democrática é mais do que uma oposição ao Governo. Nós não poderíamos nunca preconizar soluções ao nível de grupos reduzidos, ao nível do que poderia ser útil fazer, pois então não seríamos democratas. É necessário que haja ampla participação e que as propostas sejam escolhidas pelo povo.

Falando no 3.º Congresso da Oposição Democrática denunciou a manobra governamental de proibir a livre circulação do livro onde estavam reunidas as conclusões desse mesmo Congresso, impedindo assim os democratas que não puderam deslocar-se lá a tomar conhecimento das decisões aprovadas por todos, pois só da sua residência, e não era um caso isolado, a DGS tinha apreendido cerca de 340 volumes.

E terminou: «O Governo tem fechado as portas para uma solução racional e pacífica dos nossos problemas e esta campanha eleitoral é bem o exemplo da capacidade que o Governo tem de cortar o diálogo. E isto é necessário que se tenha consciência e que se diga. Pensemos nisto todos nós e que pense nisto o Governo».

AJUDAR O ORÇAMENTO FAMILIAR

A segunda oradora, Odete Santos, fez uma análise da situação da mulher e da criança na actual sociedade, pois os condicionalismos existentes obrigam aquela a empregar-se, sujeitando-se a todas as discriminações, para poder ajudar o magro orçamento familiar. E acrescentou: «A entidade patronal abre as portas às mulheres porque lhe convém, porque tem uma mão-de-obra mais barata, mais pacífica e deste modo mais sujeita às explorações», no entanto, «se alguma coisa se tem conseguido tem sido à custa de muita luta, em que não há mulheres e homens, mas sim trabalhadores».

A seguir, a candidata referiu-se ao caso específico da Marinha Grande pondo em destaque a falta de creches e jardins-escolas oficiais, que se integra numa campanha governamental em que é manifesto o desinteresse quanto ao desenvolvimento intelectual da criança, que depois se manifesta quando já adultos sofrem toda a campanha de embrutecimento proporcionado pela televisão e outros quejandos.

O ENSINO EM QUESTÃO

Guarda Ribeiro usou a seguir da palavra para criticar o actual

"PONTO DA SITUAÇÃO" PELO MINISTRO DO INTERIOR

As autoridades administrativas intervêm cada vez mais frequentemente na campanha eleitoral oposicionista porque são **árbitros** num jogo: «**porque o jogo não pode acabar e as regras têm de ser mantidas**» avisou ontem o ministro do Interior, discursando em Faro, numa reunião de trabalho com responsáveis dependentes do seu departamento.

Enunciando conclusões políticas a retirar do decurso da campanha eleitoral até á finalização nas urnas, o dr. Gonçalves Rapazote afirmaria atribuindo, inclusivamente, determinado significado plebiscitário ao escrutínio do dia 28: «**se a actividade da Oposição continua a processar-se sob o signo da fraude do sistema, denunciando a falsidade do processo, tentando desacreditar o recenseamento, as eleições e os seus resultados, assoma á superfície o íntimo desespero da sua fraqueza eleitoral e ficará demonstrada a impossibilidade de repetir no futuro, esta empresa revolucionária. O eleitorado não poderá deixar, então, de considerar que o voto não se destina apenas a eleger os candidatos que sériamente se propuseram ao sufrágio; precisa de reprovar inequívocamente esta nova via revolucionária, contida pela autoridade do Estado mas patente na realidade do processo**».

«**Esta nova via revolucionária**», nos termos do ministro, é a «**campanha eleitoral tal como está a ser conduzida pela Oposição Democrática**» e que «**não vai além de uma manobra sediciosa contida pela Polícia mas que só pode ser inutilizada pelo voto sereno, consciente livre e determinado dos eleitores.**»

«**A Oposição tende só para destruir que não para eleger**» — disse a dr. Gonçalves Rapazote — «**pois demagógica e marxista tem naturalmente que descrer das suas possibilidades eleitorais. Aumentaram, por isso, os seus propósitos revolucionários, aproveitando todas as oportunidades para sair da clandestinidade, para organizar os seus quadros e fazer agitação social, exigindo a liberdade de movimentos, na esperança de que uma vez desprestigiada a autoridade lhes seja possivel desencadear a revolução**».

«**Com objectivos condizentes com os do Partido Comunista**», diria depois o ministro do Interior, «**Partido que francamente os suporta e incita por todos os modos, os candidatos apresentaram-se como mandatários do terrorismo, a exigir o fim da guerra, sabendo que a Nação se não rende e o Governo não cede**».

UMA IMAGEM DAS ELEIÇÕES

Abriu assim a parte introdutória do discurso ministerial: «A tranquilidade que o Regime soube criar nestes quarenta anos de nova ordem constitucional compadece-se com a possibilidade de o Governo prosseguir o seu trabalho administrativo sem desfalecimentos, enquanto os candidatos, nos respectivos círculos, esclarecem os eleitores interessados.

«Esta seria a verdadeira imagem das eleições do Regime com o banimento de todas as perturbações do sufrágio, exorcismada a democracia da revolução, a luta permanente pelo poder e a desordem da política demagógica dos partidos a sobrepor-se á governação e á política do bem comum.

O poder do sufragio não vincularia os candidatos a um mandato do partido, ao voto comandado á disciplina do programa ideológico mas á serena meditação do bem comum, á perfeição das leis, á correcta fiscalização da Administração Pública e á colaboração com o Governo na resolução dos grandes problemas dos povos que a bandeira portuguesa cobre, protege e

"O Jogo e as reg

une.

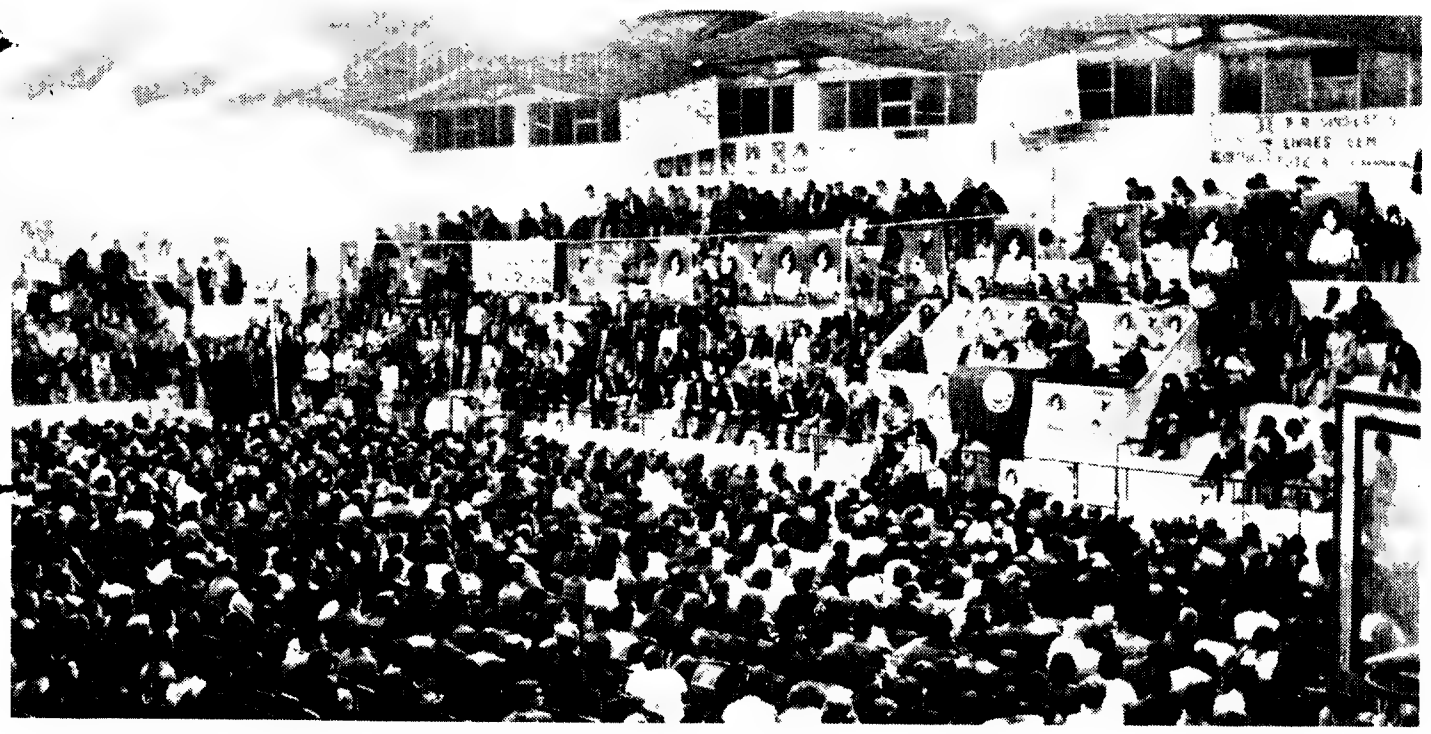
Esta é a fórmula que o Sistema procura realizar para que seja possivel continuar o desenvolvimento económico da Nação, a segurança da moeda, a manutenção do crédito a garantia do trabalho, a iniciativa privada e salvaguardar as liberdades dos cidadãos, fortalecendo os corpos intermédios e conservando a força necessária para defender a própria liberdade e unidade da Pátria.

«A Nação confiada no Governo ocupada nas suas tarefas comprometida na realização dos trabalhos de fomento, acompanhando com ansiedade e orgulho a ida e a volta dos soldados que cumprem missões no Ultramar, terá de interessar-se, também na campanha eleitoral, porque, neste momento histórico, é decisiva a importância do seu voto».

O dr. Gonçalves Rapazote descreveu depois os termos e resultados das eleições de 1969: «A oposição ao Regime que em 1969 resolveu disputar as eleições foi estrondosamente batida em todos os circulos, e prometeu-se não legitimar, com a sua presença mais uma vitória do Governo Nacional, fazendo a demonstração pública e universal da sua consumada impotência.

«Efectivamente a vitória dos candidatos apresentados pela União Nacional, assinou-se na contagem dos votos perante a fiscalização dos interessados, está inscrita nas respectivas actas, rubricada pelo próprio adversário e não há manipulação nem dedução — refugadas a pureza angelical do voto e a impureza natural do sistema — capazes de apagar a imagem do vencido e do vencedor, que toda a Nação testemunhou ao terminar a pugna eleitoral. Não creio que algum dia tivesse havido entre nós, eleições mais correctamente disputadas. Os resultados foram rigorosamente indiscutíveis

DL NACIONAL



Aspecto da sessão na Marinha Grande.

sistema de ensino em Portugal, «forma que o Governo utiliza para que no futuro consiga uma mão-de-obra mais inculta e mais barata». A atestar esta afirmação apontou alguns números, nomeadamente os 2:0 200 alunos que nos últimos anos foram obrigados a repetir o mesmo ano de ensino, sendo 90 mil destes alunos da instrução primária: quanto à média total de alunos que abandonavam por ano os estabelecimentos de ensino desde 967 rondava os 43 000. «Como resultado desse abandono e multiplicando por dez teremos daqui a dez anos mais meio milhão de analfabetos, isto num país onde em algumas zonas rurais a percentagem de analfabetismo ultrapassa os 70 por cento».

Prosseguindo, chamou a atenção para um aspecto que decerto seria do conhecimento dos professores primários presentes e que era o facto de os inspectores do Ministério da Educação durante as suas visitas, preocuparem-se muito com o estado dos cadernos diários dos alunos e constatarem se o professor lhes ensinou o «padre-nosso», em vez de tomarem conhecimento com as dificuldades que as escolas defrontam, especialmente as condições existentes pois não raro nas escolas de província chove lá dentro, não existem condições sanitárias e quanto a aquecimento nem falar era bom. A propósito disto referiu que uma professora sua conhecida e que leccionava em Porto de Mós tinha decidido comprar um aquecimento para a sala de aula e passado pouco tempo foi repreendida por a conta da luz ter aumentado. E acrescentou: «Sabem que a verba destinada à limpeza por cada escola é de 300$00 por ano. Ora isto não chega para pagar a uma mulher durante um mês». Classificou também de imoral o facto de o material escolar ter de ser pago pelos pais do aluno porquanto a Nação tem o máximo interesse em que ele se eduque.

Por último apresentou alguns problemas relacionados com o sindicalismo e em virtude de uma intervenção que surgiu da assistência, um motorista que há mais de vinte anos trabalha naquela profissão, sugeriu que o dr. SérgioRibeiro poderia dar o esclarecimento, a que este acedeu falando sobre as negociações de contratos colectivos de trabalho e a respectiva arbitragem.

Manuel Baridó, o penúltimo orador, criticou asperamente a campanha de repressão que o Governo tem feito contra os democratas nesta campanha eleitoral. Terminou a sua intervenção pedindo a luta «pela conquista do socialismo».

«Poucos minutos nos rest vamos procurá-los aprove de forma prática» - assim meçou o dr. Henrique Var quando faltavam cinco mint para a meia-noite «Por proponho que fique aqui dec do realizar no próximo sába no mesmo local, outra ses que será a continuação dest Um «sim» uníssono percor a sala. Depois Vareda, no por tempo que lhe restava e pera a atenção de toda a assistên focou ainda o problema da gu ra, bem como o problema censura à Imprensa.

não pode acabar gras têm de ser mantidas"

e foram geralmente indiscutidos, tanto no plano formal do processo de apuramento como na consciência pública do resultado da eleição.»

ESPECTÁCULO INSÓLITO

Em 1973 «**assistimos a um espectáculo insólito**» pois «**não estamos própriamente perante uma disputa eleitoral: uma das partes em luta procura organizar apenas os quadros da revolução marxista, levantar as massas e destruir a ordem estabelecida que é a expressão natural da nossa vida colectiva e dos nossos costumes**».

Enquanto «**a Oposição recusou estratégicamente** em relação a 1969 (pelo «**divisionismo que a corroi e pela flutuação e variedade das facções em conflito permanente**»), a abstenção de outros adversários do regime foi assim comentada pelo dr. Gonçalves Rapazote: «**muitos dos nossos adversários não quiseram concorrer ás eleições, e temos de prestar homenagem áqueles que se recusaram a participar nesta manobra sediciosa. Ficaram, portanto, em actividade, os inimigos da Nação (...)**».

Afirmara antes o ministro do Interior: «**O Governo tem desejado que a Nação conheça os seus adversários que os saiba distinguir e apreciar pelas suas ideias e pelos seus processos, que conheça a sua expressão física e humana e possa avaliar as suas forças o seu espírito, a sua capacidade e a sua determinação, e não faça misturas nem confusões.**»

Os «**inimigos da Nação, esses, propuseram-se conduzir uma campanha em permanente confrontação com a autoridade pública e propositada violação da lei, satisfazendo ao mínimo de condições para obter a garantia das liberdades naturalmente concedidas aos candidatos a deputados e aos seus colaboradores**», afirmou o orador, acrescentando: «**está, deste modo viciado o processo eleitoral pelas candidaturas que de modo tão claro, tão directo, tão inequívoco, faltam ao solene e formal compromisso de respeitar a Constituição e a ordem estabelecida que tem a sua mais vinculativa expressão no ordenamento jurídico nas leis do País, e pretendem impôr uma legalidade de gosto próprio**».

TRABALHO DELICADO

O ministro deu depois alguns exemplos de desvio á legalidade constitucional, constatando depois: «Estamos perante a renúncia expressa á luta legal, legítima, correcta, no plano eleitoral e a proclamação da continação da luta no terreno da ilegalidade ou da desobediência colectiva ás leis. Ora, o Governo defende a legalidade e, por mais tolerante que seja, e tem sido, durante o período eleitoral, não pode consentir, seja sob que pretexto for, a violação da lei. Bem sabemos que a revolução gostaria de experimentar neste constante confronto com a autoridade, durante o período eleitoral, uma primeira vitória da desobediência colectiva. É por isso que a autoridade intervém, quando os candidatos para além do esclarecimento do eleitorado, se propõem transformar a campanha em movimento sedicioso.»

«Intervém firmemente em defesa da ordem e da tranquilidade públicos, não permitindo manifestações sediciosas na via pública; intervém interrompendo as sessões em que se faz a apologia do crime e se atenta contra a segurança do Estado; intervém na propaganda do abandono do Ultramar, da cessação imediata da luta e da colaboração com os vários terrorismos que enfratámos; intervém não permitindo que se faça a apologia da deserção e se incitem os soldados de África a depor as armas», disse o dr. Gonçalves Rapazote, concluindo então: Os Senhores Governadores Civis têm chamado pacientemente, a atenção dos mandatários e dos responsáveis pelas Comissões Eeleitorais para a necessidade de colaborarem com as autoridades.

«É evidente a delicadeza deste trabalho. Assemelha-se ao do árbitro que tem de dirigir um encontro para o qual há regras conhecidas e verifica que um dos grupos infringe constantemente a disciplina pré-estabelecida.»

Foi nesta altura que o ministro afirmou: «As interrupções são cada vez mais frequentes, pois o jogo não pode acabar e as regras têm de ser mantidas.»

TODAS AS GARANTIAS

Depois de ter feito deste modo «**o ponto da situação**», o ministro do Interior estabeleceu as alternativas para os dias que faltam da campanha eleitoral oposicionista. Se continua como até agora «**ficará demonstrada a impossibilidade de repetir, no futuro, esta empresa revolucionária**» conforme a expressão que já citámos.

Mas se a Oposição «**mudar de rumo aceitar as regras da campanha, utilizar as liberdades de que dispõe para obter o interesse do eleitorado em lugar de convidar á deserção**» se «**procurar votos em lugar de incitar á violencia da luta e á desobediência ás leis**», se «**trabalhar dentro do quadro legal estabelecido**» se «**fizer o seu exame de consciência e submeter o seu comportamento ao julgamento do eleitorado**» então «**estão-lhe asseguradas para esse efeito, todas as garantias: perfeita igualdade de tratamento das duas listas e efectiva fiscalização do processo eleitoral.**»

Então, «**ninguém ousará criticar a sua conduta nenhuma lei reprovará o seu procedimento e os eleitores terão oportunidade de manofestar a sua opção**», concluiu o ministro para terminar propugando a «**perfeita estruturação da nossa democracia orgânica que a natureza do Regime e a construção do Estado directamente solicitam.**»

falando das CDE:

«JÁ ENCONTREI CHAVE DO PROBLEMA» afirmou um candidato da ANP em Alenquer

«Assim não vale», afirmou em certo passo do seu discurso o dr. Silva Pinto, numa sessão de propaganda eleitoral da ANP, em Peniche, quando aquele membro do Governo e candidato a deputado analisava o comportamento da Oposição, na primeira metade do mês corrente. O dr. Silva Pinto dedicou toda a sua intervenção às afirmações dos candidatos oposicionistas afirmando em suma que a Oposição não tem programa, não está a respeitar as regras do jogo e preconiza o abandono do ultramar. Afirmou que por tudo o que tem dito a Oposição Democrática vincou que pretende «provocar a agitação e consequentemente a repressão das autoridades encarregadas de assegurar a ordem pública, para depois dizer que não tiveram ambiente propício para desenrolar a campanha com a desejada liberdade ... ». O dr. Silva Pinto viria a concluir que se torna «impossível uma construtiva troca de pontos de vista entre os candidatos a deputados pela ANP e pelas CDE». A meio do seu discurso o secretário de Estado do Trabalho e Previdência anunciou um investimento da ordem dos 60 mil contos destinado a dotar o porto pesqueiro de Peniche das necessárias facilidades para descarga, manuseamento, embalagem, e expedição do pescado desembarcado.

Durante a sessão que decorreu no cine teatro de Peniche falaram ainda os candidatos V lente Sanches e Magro dos Re

SÓ UM DISCURSO MARCADAMENTE POLÍTICO

Na sessão de propaganda r lizada pela ANP em Alenq o candidato Alarcão e Silva, blicamente considerado como beral pró-governamental, t tou, num longo discurso, os p blemas da lavoura, sem fa qualquer referência à campar em curso. Pediu o emparc mento da propriedade e ap tou diversas reformas a introc zir na exploração agrícola.

Estavam presentes todos candidatos pelo distrito de L boa. Falaram, depois de Al cão e Silva, Filipe Góis c também se debruçou sobre p blemas agrícolas e Arnaut Po beiro que viria a pronunciar único discurso marcadame político da sessão. Afirm aquele candidato: «Quando quase desesperava de enten o que se está a passar nesta b terra de Santa Maria com senhores da CDE eis que o «E presso» publicou o «docum to» emanado da «reunião c junta» efectuada há quinze d entre as delegações do Com Central do Partido Comuni português e do Conselho de L recção do pretenso Partido S cialista português. Enfim fiqu triste mas tinha encontrado chave do problema, o moti da obstinação dos senhores CDE contra a «guerra co nial».

MARIA VITÓRIA

Grupo D-M 18 anos

- HOJE às 20,45 e 23 Horas

SALVADOR

IVONE

a actriz convidada MARIEMA

FOI UM ENORME ÊXITO A ESTREIA, ONTEM, DA COLOSSAL REVISTA

ver, ouvir e...calar/...

Original de ANÍBAL NAZARÉ, JOÃO NOBRE, HENRIQUE SANTANA e HENRIQUE PARREIRÃO
Com música de FREDERICO VALÉRIO, JOÃO NOBRE e VICTOR BONJOUR

- UM EXCEPCIONAL TRIUNFO DE UMA ÓPTIMA REVISTA E DE UMA GRANDE COMPANHIA
- UM ESCÂNDALO DE GARGALHADA HENRIQUE SANTANA
- MUITA GRAÇA! CRÍTICA OPORTUNA!
- LINDOS CENÁRIOS! BOA MÚSICA!
- FORMOSAS MULHERES! BOM HUMOR!

A REVISTA QUE VAI CONQUISTAR LISBOA!

- UMA PRODUÇÃO DE GIUSEPPE BASTOS e VASCO MORGADO

DL/ESTRANGEIRO

OS ÁRABES PROCURAM IMPEDIR ISRAEL DE TRANSFERIR FORÇAS PARA O SINAI

. LONDRES, 15 (R) — Forças árabes combinadas estavam empenhadas hoje em ofensivas iguais contra os israelitas em ambas as frentes de combate na Síria e no Canal de Suez.

Entre afirmações árabes de novas vitórias no campo de batalha, o ministro israelita da Defesa, general Moshe Dayan, considerou os sírios como um exército derrotado e afirmou que se aprontava agora para atirar com todo o poderio das forças armadas hebraicas contra o Egipto.

A Síria e os seus aliados árabes, fortalecidos pela entrada da Arábia Saudita na guerra do Médio Oriente, anunciaram ontem uma violenta contra-ofensiva contra as forças israelitas que ameaçam as entradas sul para Damasco.

aa estratégia árabe parece ser a de impedir que os israelitas transfiram forças desta frenta para a do Sinai, onde os egípcios desencadearam ontem uma ofensiva maciça ao longo de toda a extensão do Canal de Suez.

Uma tranferência de forças da Síria para o Sinai era precisamente a estratégia prevista ontem pelo general Dayan. Numa entrevista que concedeu à televisão, o ministro disse que os sírios — que segundo se anunciou têm agora Damasco, a sua capital, ao alcance da artelharia judaica — sofreram uma derrota tremenda.

Aproximava-se a «hora crucial», prosseguiu Dayan. E a próxima batalha no Sinai traria a «decisão final» da guerra.

As previsões confiantes do genral foram feitas quando os árabes afirmavam ter infligido ontem grandes baixas aos israelitas nos combates travados nas duas frentes.

Os egípcios asseveraram ter conquistado mais terreno no Sinai, após algumas das batalhas mais renhidas da guerra, e o jornal «Al Ahram» informa que se trava ainda luta às primeiras horas de hoje.

Nas batalhas de ontem, os egípcios comunicaram a destruição de 150 tanques e 44 aviões israelitas. Na frente norte, as forças sírias, reforçadas agora por tropas marroquinas, jordanas e sauditas, assevraram ter repelido um ataque hebraico e terem contra-atacado com êxito, destruindo 50 tanques.

Os comunicados de guerra israelitas contam, porém, uma história diferente. Dizem que 230 tanques egípcios foram destruídos e rechaçada a ofensiva desencadeada ontem no deserto.

A decisão da Arábia Saudita de entrar no conflito elevou para 10 o número de Estados que se juntou agora à aliança pan-árabe contra Israel — Egipto, Síria, Jordânia, Arábia Saudita, Iraque, Tunísia, Marrocos, Sudão, Argélia e Koweit.

Desconhecia-se quantos soldados dos 42 000 homens das forças armadas da Arábia Saudita participariam nesta guerra, mas parecia provável que a decisão fosse de profundo significado para encorajar alguns Estados Árabes menos militantes a apoiarem a campanha bélica egípcio-síria.

Registou-se hoje outro acontecimento relacionado com guerra no Médio Oriente. O Iraque ordenou a chamada às fileiras dos seus 268 000 reservistas, segundo comunicou do Cairo a agência noticiosa egípcia do Médio Oriente.

Israel asseverou ter abatido ontem 19 aviões árabes, dois deles Mirage de fabrico francês que os judeus afirmaram ter sido vendidos pela França à Líbia.

Os hebraicos apresentaram um protesto à França, que impôs um embargo de armas às nações em guerra no Médio Oriente, em 1967, e Paris, por seu turno, pediu «explicações» ao Governo líbio.

No mar, os israelitas anunciaram hoje terem levado a guerra ao porto egípcio de Ras Gharib, no golfo do Suez, destruindo barcos utilizados em operações de comandos e atingindo depósitos de munições.

Comunicaram, todavia, uma noite calma nas frentes do Sinai e Síria.

Um informador disse que Ras Gharib servia como base operacional para os comandos egípcios e acrescentou que vedetas de patrulha hebraicas, que participaram no ataque, regressaram a salvo à base, após incendiarem os barcos egípcios.

Não foram conhecidos mais pormenores do ataque.

Entretanto, quando o general Dayan exprimia confiança em que os egípcios seriam derrotados na próxima batalha da guerra de 10 dias árabe-israelita, subLinhando na entrevista que concedeu que «não gostaria de ser egípcio nesse dia». Foi publicada a primeira lista israelita de baixas em consequência da luta: 656 judeus mortos e carca de 2 000 outros feridos.

Ao continuar a acção em ambas as frentes, ocorreram alguns incidentes sem importância na fronteira de Israel com o Líbano, onde seis guerrilheiros árabes foram mortos durante um recontro com soldados judaicos.

OS EGÍPCIOS ACUSARAM OS DIRIGENTES ISRAELITAS DE ESTAREM A ENGANAR O SEU PRÓPRIO POVO

. CAIRO, 15 — (R) — O Egipto acusou os dirigentes israelitas de estarem a enganar o seu próprio povo quanto ao número de baixas sofridas pelo Exército israelita na campanha do Sinai.

Um informador militar, comentando na televisão a declaração israelita de que as baixas na duas frentes totalizam apenas 656 mortos desde o início da guerra, salientou que as estimativas de peritos militares, incluindo os americanos, indicam que os isrealitas já perderam 600 tanques. Mesmo que só metade dos respectivos tripulantes tenha morrido, considerando que cada tanque leva quatro homens, as baixas só entre o pessoal dos tanques elevam-se a 1200 homens

A essas baixas há que acrescentar as que os israelitas sofreram quando os egípcios atravessaram o Canal e tomaram de assalto a linha fortificada Bar-Lev, ao longo da margem leste e ainda as baixas sofridas pelos pilotos e por tropas de infantaria em tentativas de ataques às posições egípcias.

O informador disse ainda que na frente síria, onde se tem travado violentos combates, as baixas israelitas também são certamente muito maiores do que aquilo que foi anunciado.

A última fortaleza israelita na margem do Canal de Suez rendeu-se ontem, oitavo dia da quarta guerra do Médio Oriente, às tropas egípcias. A rendição processou-se sob os auspícios da Cruz Vermelha. A telefoto mostra um grupo de soldados egípcios a bordo de uma barca quando transportavam prisioneiros israelitas feridos. (UPI-Telimprensa-DL).

Libertado o cônsul britânico

GUADALAJARA (MÉXICO), 15 (F. P.) O cônsul britânico em Guadalajara, Anthony Duncan Williams, que tinha sido raptado na última quarta-feira, regressou a casa ontem à noite, aparentemente de boa saúde — anuncia a polícia mexicana.

Segundo as autoridades de Guadalajara, não foi satisfeita nenhuma exigência dos raptores. Estes, membros da "Liga Comunista 23 de Setembro", pediam a liberdade de 5 presos políticos e a soma de 200 000 dólares.

Continua em poder dos raptores o industrial raptado ao mesmo tempo que Duncan Williams.

VISITA DE PRESIDENTE IRAQUIANO A MOSCOVO?

BEIRUTE, 15 — (UPI-ANI) — O presidente do Iraque, Ahmed Hassan Al Bakr, efectuou uma breve visita» a Moscovo, para conversações com as autoridades russas — anuncia o jornal «An Nahar» em notícia recebida de Bagdad, acrescentando apenas que a entrevista teria sido «muitíssimo bem sucedida».

O mesmo jornal diz que o aeroporto de Bagdad tem estado interdito ao tráfico civil «por razões estratégicas impostas pela batalha na frente norte».

O Iraque enviou aviões e tropas para apoio da Síria na luta contra Israel, e, segundo um comunicado difundido ontem à noite em Bagdad, o Governo ordenou a convocação de mais reservistas.

A NATO e o eventual embargo de petróleo

HAMBURGO, 15 (FP) Numa entrevista concedida em Bruxelas ao «Bild Zeitung», Joseph Luns, secretário-geral da NATO, opiniou que a suspensão total dos fornecimentos de petróleo aos países ocidentais equivaleria quase a um acto de guerra contra a Organização.

O secretá-rio-geral esclareceu que as reservas de petróleo dos países ocidentais asseguram pelos menos dois meses de consumo. Tal cifra pressupõe consumo muito elevado e que não haja recurso ao aumento das importações de petróleo bruto de outros países, como a Nigéria, a Venezuela e a Indonésia.

Referindo-se ao conflito do Médio Oriente, Luns afirmou que a URSS nada fez para reter os árabes. Tudo mostra que os soviéticos os apoiam em grande escala, fornecendo-lhes foguetes, munições, armas ligeiras e até talvez veículos pindados, frisou.

O secretário geral da NATO considera que a política de armamento dos árabes praticada pela União Soviética está em contradição com o desanuviamento.

«Enquanto prosseguir a corrida dos armamentos, o desanuviamento será apenas relativo» — salientou Luns que concluiu: «Não deixa de ser verdade que um pouco de desanuviamento é preferível a desanuviamento nenhum. E o que também mostra a política do chanceler Willy Brandt relativamente à URSS».

BOM APETITE

CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
DOMINGO AO ALMOÇO ORQUESTRA
PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/14 ANOS)
Encerrado às 2.as feiras.

restaurante arameiro RIA
LISBOA
Restauradores
Trav S Antao 21
PRÉMIO DO S N I

RESTAURANTE
SANCHO
Trav. da Gloria, 8-16
Telef 369780
LISBOA

Estalagem «A GRUTA DO RIO»
RIO DE MOURO

ESPECIALIDADES DIARIAS
BACALHAU A LAGAREIRA
E
CABRITO NO FORNO
A PADEIRO
ANCORES DE CASAMENTO

APÓS AS REFEIÇÕES - CHAVE D'OURO - O MELHOR CAFÉ

CAMISAS
POR MEDIDA
O seu género a seu gosto
Hirondelle
R. Pedro Nunes, 39
(Ao - SALDANHA)

DL/ESTRANGEIRO

TRÂNSITO DE "VOLUNTÁRIOS" ORIGINA PROTESTO ÁRABE

CAIRO, 15 (FP/R) Omar Al Haj Moussa, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros sudanês, entregou ontem aos embaixadores da Grã-Bretanha, Alemanha Ocidental e Bélgica uma nota de protesto a propósito dos «voluntários autorizados a transitarem por esses países para se alistarem nas forças israelitas» — anunciou a agência noticiosa do Médio Oriente citando a rádio sudanesa.

Nesse documento Haj Moussa afirma que, se os três países perseverarem em tal atitude, as suas relações com o mundo árabe poderão vir a ficar prejudicadas.

PREOCUPAÇÃO EGÍPCIA

O Egipto manifestou a sua preocupação junto da Grécia, Turquia e Espanha por causa do uso por aviões de reconhecimento americanos da base da NATO nesses três países, segundo assevera hoje o influente «Al Ahram».

O jornal diz que o ministro interino dos Negócios Estrangeiros, Ismail Fahmy, conferenciara ontem com os chefes das missões diplomáticas dos três países nesta capital e exprimira a preocupação de o Egipto por as bases estarem também a ser utilizadas como pontos de concentração de voluntários que desejem juntar-se às forças israelitas.

PEDIDA A LIQUIDAÇÃO DE BASES AMERICANAS

BEIRUTE, 15 (UPI/ANI) — A liquidação das bases norte-americanas na Arábia Saudita e no Bahrein foi solicitada numa declaração divulgada em Bagdad pelo regime socialista iraquiano.

Cinco mil conselheiros e peritos norte-americanos trabalham naquelas bases — indicou o regime do Iraque.

PROTESTO IEMENITA JUNTO DOS EUA

SANAA, 15 (F.P.) Anuncia-se de origem oficial que o Iemén do Norte apresentou um protesto aos Estados Unidos «contra o seu apoio à agressão israelita».

Abdala Al Asnaje, ministro da Economia e ministro interino dos Negócios Estrangeiros, recebeu no domingo o embaixador dos Estados Unidos em Sanaa a fim de lhe entregar a nota de protesto do Govdrno norte-iemenita e pediu-lhe que chamasse a atenção do seu Governo para «as consequências do fornecimento de mais armas americanas a Israel».

AS PERDAS MILITARES SEGUNDO TEL-AVIV

TEL-AVIV, 15 — (UPI-ANI) — Uma complicação das perdas militares registadas na guerra em curso até as primeiras horas do dia de hoje, baseada em comunicados israelitas e outras declarações oficiais, proporciona o seguinte quadro:

— Perdas aéreas egípcias e sírias: 245 aparelhos, incluindo 35 helicópteros.

— Perdas aéreas israelitas: «ligeiras».

— Perdas terrestres egípcias: mais de mil soldados mortos e mais de 220 tanques destruídos só no domingo. Anteriormente, o comando israelita disse ue «muitas centenas de tanques» haviam sido destruídas.

— Perdas terrestres sírias: pelo menos 800 tanques

— Perdas terrestres iraquianas: cerca de 80 tanques e a «destruição» de duas brigadas

— Perdas terrestres israelitas: 656 soldados mortos nos primeiros oito dias, nas duas frentes.

— Perdas navais egipcias: 16 barcos afundados.

— Perdas navais sírias — 10 barcos-porta mísseis afundados, «com o que a força naval síria deixou de ser «um factor real».

— Perdas navais israelitas. Nenhuma

Kittikachorn abandonou a Tailândia

BANGKOK, 15 (F.P.) — O marechal Thanom Kittikachorn, comandante-chefe das Forças Armadas tailandesas, e o seu adjunto marechal Prapass Charusathiara, demitiram-se de todas as suas funções civis e militares — anunciou hoje a Rádio Tailandesa.

Os dois antigos chefes militares deixaram entretanto o País, acompanhados do coronel Narong Kittikachorn —

AS FORÇAS EGÍPCIAS TENTAM DOMINAR PASSAGENS NO SINAI

CAIRO, 15 (UPI-ANI) — As Forças Armadas egípcias tentam tomar conta das três passagens que controlam os movimentos da Península do Sinai — diz o oficioso cairota «Al Ahram».

No segundo dia de um grande avanço egípcio a partir da margem oriental do Canal de Suez — e no décimo da quarta guerra do Médio Oriente — o jornal diz que a ofensiva dá origem a uma das mais árduas batalhas travadas no Sinai.

Num mapa, o jornal apresenta os três rumos da ofensiva egípcia, com o objectivo de conquistar as passagens de Mitla, 32 quilómetros a leste de Port Said, uma mais a norte e a de El-Gedei, que fica entre elas.

Crê-se que a ofensiva egípcia se destina, pelo menos parcialmente, a aliviar a pressão exercida sobre as forças da Síria que combatem no norte. E sabe-se que principiou ontem de manhã.

O Egipto tem dito nos seus comunicados que ocupou durante as últimas 24 horas novas zonas ao longo da frente e que destruiu 150 tanques inimigos.

Anuncia Israel:

A INVESTIDA EGÍPCIA FOI CONTIDA

TELAVIVE, 15 (UPI-ANI) — Os egípcios lançaram-se de novo, ao ataque das defesas israelitas no Sinai mas as vagas de tanques e de infantaria empenhadas na investida foram contidas numa batalha feroz que continua — anunciou um informador militar.

Acrescentou que quase todo o exército egípcio atravessou o Canal para a margem oriental para a luta que poderá decidir a guerra de 1973, agora no décimo dia.

O ataque egípcio foi lançado no sector norte da linha do Canal, onde Israel bloqueia a estrada costeira, uma das três saídas para o Sinai.

Enquanto Israel dominar esta passagem, os egípcios ficarão forçosamente numa área concentrada sob o fogo dos canhões e aviões de Israel.

Sempre à mão o prazer de calcular!

SHARP

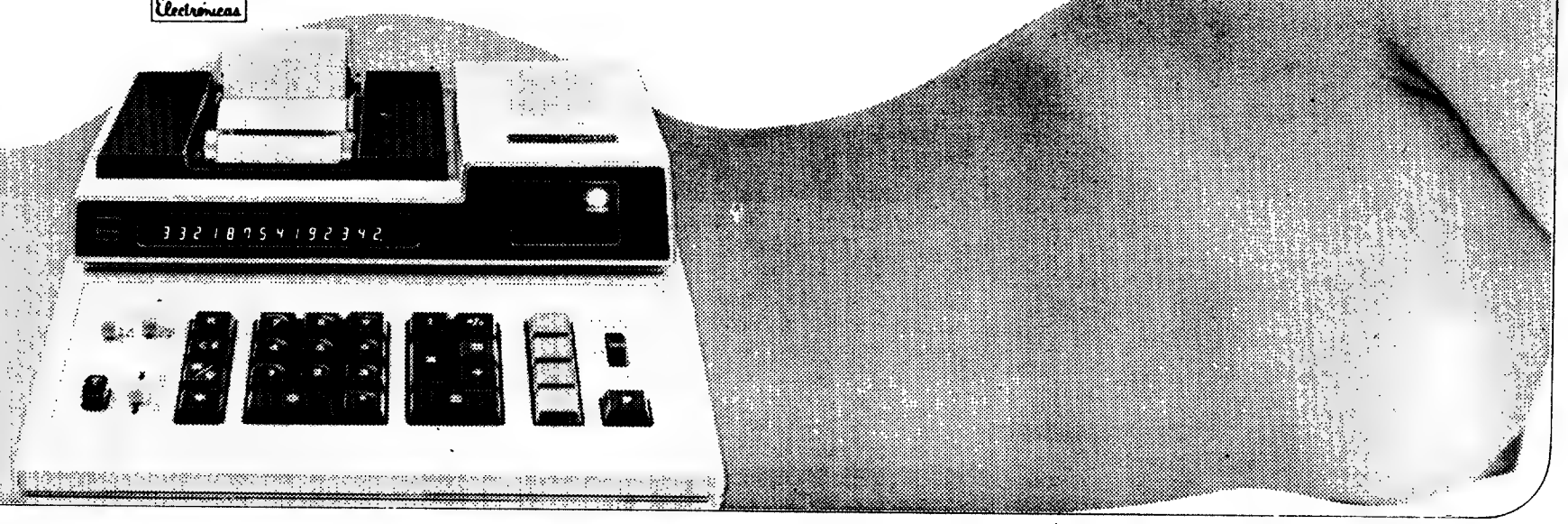
COMPET CS/643

a única calculadora com "SELF CONTROL"

Leve, super-inteligente, senhora de si. A nova calculadora CS-643 da Sharp.
Pensa fundo, realiza instantaneamente cálculos complicadíssimos e imprime a resposta, controlando-se a si própria. Perfeita e fiel. A nova CS-643 da Sharp. A sua calculadora.

SHARP
SEMA Electrónicas

RADIO MARITIMA
SOCIEDADE DE ELECTRÓNICA MARITIMA E AERONAUTICA, S. A. R. L.
LISBOA: Av. 24 de Julho, 60, 1.º - Telefs. 66 12 92 - 67 02 18 - 67 42 85
MATOSINHOS: Rua Dr. Afonso Cordeiro, 17-21 - Telefs. 93 00 33 - 93 01 50
AVEIRO: Rua António Rodrigues, 20 - Telef. 2 34 52
LEIRIA: Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 24, 3.º-E. - Telef. 2 54 84
CALDAS DA RAINHA: Rua Almirante Cândido dos Reis, 8, 1.º - Telef. 2 27 99
PORTIMÃO: Rua da Guarda, 12-A - Telef. 2 34 21



PENTA

O curso médico de Miguel Torga em dia de confraternização

COIMBRA, 15 — Em comemoração do 40.º aniversário da sua formatura, reuniram-se ontem nesta cidade os componentes do curso de Medicina de 1933, do qual fazem parte, entre outros o prof. dr. Albertino de Barros e o poeta Miguel Torga. Houve de manhã uma concentração no pátio da Universidade, seguindo-se uma missa por alma dos professores e condiscípulos falecidos. Mais tarde, os referidos médicos foram recebidos na Sala do Senado das Escolas, pelo reitor da Universidade, prof. dr. Cotelo Neiva. Estiveram depois na Faculdade de Medicina, onde foram recebidos pelo respectivo director, prof. dr. Augusto Vaz Serra.

Ao fim da manhã houve um almoço de gala no Buçaco, seguindo-se uma visita à sede da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra e, à noite, um jantar festivo nas salas do complexo de piscinas do Estádio Municipal, seguido de variedades e baile.

MARIA DA PURIFICAÇÃO GAMELAS TEIXEIRA

AVEIRO

Seus filhos, na impossibilidade de directamente agradecerem a inúmeras pessoas que durante a doença de sua Mãe quando do seu falecimento, lhes patentearam provas inesquecíveis de amizade e consideração, vêm agradecer reconhecidos e solicitar lhes seja relevada qualquer falta involuntária cometida.

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Direcção-Geral e Transportes Terrestres

CONCURSO DE ATRIBUIÇÃO DO PRIMEIRO CONTINGENTE DE NOVAS LICENÇAS (280) PARA O EXERCÍCIO DA INDÚSTRIA DE TRANSPORTES DE ALUGUER, EM AUTOMÓVEIS-TÁXI, NA CIDADE DE LISBOA

SEGUNDA LISTA DE CLASSIFICAÇÃO DEFINITIVA PARCELAR (12) NOS TERMOS DO NÚMERO 11 DO RESPECTIVO PROGRAMA DE CONCURSO

ANÚNCIO

Nos termos do número 10 do Programa de Concurso de atribuição do primeiro contingente de novas licenças (280) para o exercício da indústria de transportes de aluguer, em automóveis-táxi, na cidade de Lisboa, torna-se público que, esta data, foi enviada para publicação no «Diário do Governo» a segunda lista de classificação definitiva, parcelar (12) conforme prevê o número 11 do referido Programa de Concurso.

Esta lista estará patente ao público nos seguintes locais:

DIRECÇÃO-GERAL DOS TRANSPORTES TERRESTRES
Avenida 28 de Maio, n.º 40 — LISBOA

DIRECÇÃO DE TRANSPORTES DE LISBOA
Avenida 5 de Outubro, n.º 52 - 5.º — LISBOA

GREMIO DOS INDUSTRIAIS DE TRANSPORTES EM AUTOMÓVEIS
Rua Dr. António Cândido, n.º 8 — LISBOA

SINDICATO NACIONAL DOS MOTORISTAS DO DISTRITO DE LISBOA
Avenida Visconde Valmor n.º 34 - 1. — LISBOA

SABA
A MARCA ALEMÃ Nº 1
Rádio-TV-Gravadores-Estéreo-Hi Fi
representantes exclusivos
ESTABELECIMENTOS M SIMOES JR S A R L
RUA DOS DOURADORES 43 - TEL 361763 - LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO 208 - TEL 25581 - PORTO

DL/NACIONAL

O drama de um trabalhador rural

Com destino ao trabalhador rural Francisco Feliciano Botefa, cujo caso recentemente noticiámos, enviou-nos o nosso leitor sr. A. N. a quantia de cem escudos. Entretanto, recebemos da direcção da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família a seguinte carta:

«O sr. Francisco Feliciano Boteta é pensionista de invalidez pela Casa do Povo de Santo Aleixo da Restauração (concelho de Moura), instituição para a qual contribuia quando na situação de activo.

Tendo transferido a sua residência para Alvito, passou a receber assistência médica na delegação clínica desta localidade (visto que o direito a essa assistência subsiste para os beneficiários reformados).

O seu médico-assistente da referida delegação clínica, a certa altura, verificou que o doente necessitava de tratamento especializado e por esse motivo enviou-o ao Serviço de Neurologia do Hospital de Santo António dos Capuchos.

Passado algum tempo, o sr. Francisco Feliciano Boteta manifestou ao referido médico da delegação de Alvito o seu desejo de abandonar o tratamento hospitalar e passar a tratar-se particularmente com um especialista, em Lisboa. O médico fez-lhe notar que não havia nisso vantagem, por reconhecer que os tratamentos feitos pelo hospital estavam a dar bons resultados, mas deixou obviamente à iniciativa do doente a decisão que ele desejasse tomar.

Informa-se, pois, que a situação actual do beneficiário resulta da sua própria opção pelo tratamento na clínica particular sendo certo no entanto que, desde que o deseje, poderá tratar-se sem dispêndio em serviços hospitalares especializados, ao abrigo do acordo de cooperação existente entre a Previdência e a Direcção-Geral dos Hospitais.»

Apenas 16 alunos não fazem uma turma

BENAVENTE — Os estudantes que se propunham frequentar o 1.º ano liceal e que para isso se encontram matriculados no Externato de Nossa Senhora da Paz, desta vila, encontram-se perante um grave e momentoso problema, o qual consiste na impossibilidade de aquele estabelecimento de ensino leccionar uma turma de apenas 16 alunos. Este número deve-se ao facto de a maioria dos pais dos estudantes ter optado pelo ensino técnico, dado o seu carácter de gratuitidade.

MANHÃ NA PRAÇA

Triste o mercado do Rato

O mercado do Rato parece cada vez mais uma relíqui. No entanto, a sua discreta localização nem sequer lhe permite atrair a atenção dos turistas — o que valeria, ao menos, de distracção para os vendedores. Quem lá entra ainda são as pequenas donas de casa da zona que escaparam ao chamamento dos supermercados. E um ou outro saudosista.

Uma das características deste pequeno mercado é quase não exibir os preços dos produtos. Eles parecem, portanto, muito elásticos. Exemplo: um quilo de tomate «custava 7$00, mas para si vai por 6$00». De resto, os preços eram, ontem de manhã, semelhantes aos que se praticavam na Ribeira. A batata estava a 3$00 e 3$30 o quilo, o feijão verde a 10$00, a couve pequena a 3$50. Estes géneros não abundavam, mas a freguesia ainda era mais escassa.

Logo à entrada da praça, havia uma venda de ovos, encabeçada por uma folha de papel com literatura mais ou menos do género: «Se quer ter a certeza de que come ovos frescos, compre-os aqui. Directamente do produtor. Mais baratos: 16$00.» Assim as técnicas de *marketing* vão invadindo os comércios ainda um tanto artesanais.

Os talhos abundam naquele mercado. O preço da carne de porco estavam marcados: carne limpa a 79$80, costeletas lombo a 70$00, lombo limpo a 89$00, fundo a 58$80. Também era frequente a sugestão da mioleira: havia miolos de carneiro a 10$00, de vaca a 34$00, de vitela a 29$00.

Em contrapartida, peixe quase não se via. O mais que se encontrou foi goraz a 59$00, pargo a 64$00, pescada negra a 55$00, peixe espada a 25$00 e sardinha a 12$00.

Fruta também havia muito pouco «mais vale vendê-la na rua, aqui não se ganha para as contribuições») Via-se uva a 11$00 e a 15$00, pera a 9$00, melão a 7$80, maçã a 7$00, banana a 10$80, ananás a 25$00. Tudo triste, triste, triste.

MERCEDES-ROVER
BMW • MARCAS DA GM
EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO
OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO
PEÇAS DE ORIGEM
TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO
COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105 - A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113 - A e B
SERVIÇO INDEPENDENTE

TEM PRÉDIO? TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE HOJE MESMO A
ORCOSI
MEDIADORA AUTORIZADA
E FICARÁ SATISFEITO
Rua 1.º de Dezembro, 45
Telefones 36 74 44 32 31 72

LUSTRES
encantadores, ao gosto da juventude. Fábrica, Av. 5 Outubro, 203, r/c. Esq.º (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Ângelo Miguel dos Santos, Praça da República, 28 MAFRA

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

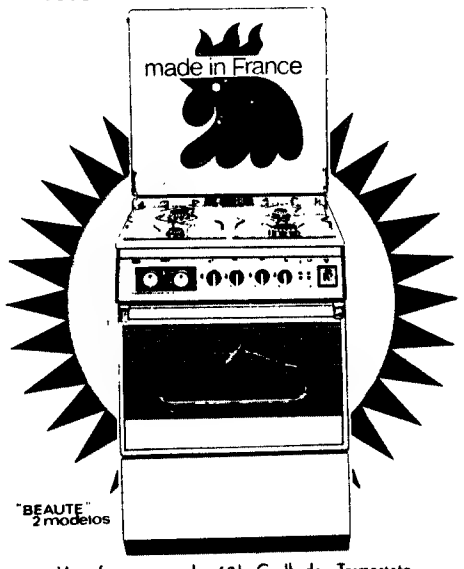
ABERTURA DO NOVO POSTO CLÍNICO N.º 105 013

(OLIVAIS NORTE)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA, comunica que a partir do próximo dia 15 de Outubro, entra em funcionamento o novo posto clínico n.º 105 013 (Olivais Norte sito na célula A, Centro Cívico, Bloco C, Olivais Norte, Telefone 31 00 17.

Esta nova unidade passa a abranger parte das áreas adstritas aos postos clínicos n.ºs 105 011 (Encarnação), 105 021 (Moscavide) e 105 037 (Olivais Sul), nos quais se encontram afixadas relações com os arruamentos que deles deixam de fazer parte e assegurará consultas de Clínica Médica, Ginecologia-Obstetrícia, Pediatria e Estomatologia.

A DIRECÇÃO

FAR
qualidade
segurança
robustez
escolha FAR... e cozinhe a francesa


Vasto forno antigordura 60 L. Grelhador. Termostato. Relógio corta-gas. Acendimento electrico. Segurança termo-electrica para forno e grelhador.
ADAPTAVEIS A QUALQUER TIPO DE GAS
dist. excl.
J. COSTA & SILVA, LDA.
R. DOS SAPATEIROS

DL/DESPORTOS

PRÉMIO LAPINHA: PUNHALADA NO CICLISMO

Por NEVES DE SOUSA

Evidentemente que todos nós, os que gostam de ciclismo, têm obrigação básica de incrementar a divulgação e a expansão da modalidade: mas, daí até a Imprensa ter de fechar os ouvidos e pactuar com tristes e miseráveis espectáculos com o rótulo de «desportivos», como o exibido ontem no Autódromo do Estoril, vai uma grande distância. Tão grande que não poderemos, sob pena de trairmos a confiança dos leitores, silenciar sobre o ocorrido no «Grande Prémio Lapinha», uma prova a que um sujeito sem qualquer experiência das práticas ou das realizações desportivas ofereceu a sua bolsa (dizem-nos que dispendendo mais de 1000 contos em troca da divulgação do seu nome) mas mais não soube que encontrar a seu lado um total descalabro quando chegou a hora de mostrar aquilo que bem poderia ter servido de rampa de lançamento do ciclismo internacional como «prato-íman» de bilheteira para os portugueses. Sucedeu (porém) que o sr. Lapinha não sabe, as pessoas que poderiam saber não lhe explicaram, ninguém quis saber de nada e, então, aconteceu que o público, o generoso e entusiasta público do nosso Ciclismo (a quem todas as homenagens são pequenas) saiu totalmente ludibriado e resoltado daquele sumptuoso Autódromo que bem merece coisa mais bonita no activo que a quase inacreditável história deste fanfigerado «Prémio Lapinha».

Foi, não há dúvida, «o fim da macacada»!

Queremos poupar os leitores a total descrição da fantochada desenrolada no Autódromo: o futuro vai encarregar-se de sepultar, o mais velozmente possível, aquela «cowboiada» pegada. Sintetizemos apenas (e só para os vindouros mais curiosos) como as coisas se passaram.

Um industrial que negoceia em propriedades resolve tornar-se empresário desportivo, na mira da propaganda do seu nome e, por sequência, no acréscimo de popularidade que possa ser isca para mais negócios.

O meio escolhido foi o Ciclismo. Depois de se ter socorrido de Eusébio para a primeira entrada no campo desportivo, Merckx e seus pares funcionariam, em segunda alternativa, para nova penetração no mercado da publicidade.

Até aqui tudo certo: até porque o industrial (o sr. Reinaldo Lapinha) gasta o seu dinheiro como bem entende e ninguém tem nada com isso. De resto (faça-se outra justiça) o seu empate de capital (conta que perto de 200 contos) até poderia redundar em belo provento: por esse dinheiro tinha contratado o Benfica e o Ajax, enchia o Estádio da Luz e embolsava uns miles bem largos...

Mas, preferiu Ciclismo: e pensou em trazer até junto da sua terra os grandes lá de fora e o melhor cá de dentro. Merckx, Thevenet, Luis Ocaña, Fuente, Van Impe, Ovion, o nosso Agostinho, o nosso Mendes, o nosso Andrade. A alta roda da pedalada. Custava dinheiro (250 notas de mil só para Merckx) mas devia resultar.

Ora, sem sequer conhecer de nome os Thevenets e os Ovions, que fez o sr. Lapinha? Um apelo quase público. E vieram pressurosos, empresários e medianeiros, ajudantes e conselheiros. Apareceu, de um momento para o outro, até um jogo descarado que nem sequer ousamos qualificar nos termos devidos: aquela palhaçada federativa do castigo-que-se-dá, do castigo-que-fica-suspenso, do castigo que talvez seja, do castigo que não se sabe que é, aplicado a Joaquim Agostinho mas que, a cumprir-se como deveria ter sido (a tempo e horas) impediria o nosso campeão de acarretar uns milhares de pessoas para o Estoril.

Bem: garantido que o Agostinho lá estaria (havia a palavra de responsável federativo...) contrataram-se os demais, não sabemos se pelo telefone, por telegrama, por pombo-correio ou por compromisso rubricado pela União Ciclista Internacional. A verdade é que o sr. Lapinha fez contas à vida, sacou da carteira e encheu uma data de sobrescritos com notas grandes, à espera dos seus convidados entrarem na pista e sem aguardar um centavo da bilheteira. Como qualquer pessoa do seu estilo, bastar-lhe-ia (estamos em crer) a honra de os ter a seu lado na tarde inesquecível.

Só que aconteceu um percalço dos diabos: Merckx, Thevenet e Regis Ovion não vieram ao Autódromo. Segundo uns divulgam, os rapazes adormeceram no seu hotel lá pelas estranjas e só abriram olho ao princípio da tarde. Segundo outros, a dessincronização ou a instabilidade dos horários de voo neste período do ano conduz inevitavelmente a muitos casos semelhantes. O facto é que o trio não montou nas máquinas no Estoril: e o público, que só 47 minutos depois da hora marcada para início da sessão, escutou as primeiras palavras a anunciarem as ausências, ficou «em brasa». E verdade que o sr. Lapinha logo mandou devolver o dinheiro dos bilhetes a quem se quis vir embora, mas não foi bonito nem curial esquecer que um simples aviso nos matutinos ou um melhor cuidado na escolha dos voos e dos transportes, teria evitado que chamassem nomes feios ao pobre sujeito que até quis ser prestável ao Ciclismo português. De tal modo que até pagou bons ordenados a muita gente que se intitula do «métier»...

DEPOIS

Lá começou a corrida, os rapazes foram andando às voltinhas, o Benfica a primar pela ausência (já prevista) e os profissionais da pedalada a fazerem pela vidinha. De repente, anunciou-se que Ovion e Thevenet já tinham chegado à Portela de Sacavém e iriam ao Autódromo. As pessoas ficaram satisfeitas e até chegaram a entender que o locutor queria dizer na sua que lá para a segunda corrida (um contra-relógio individual) teriam na frente esses dois «ases», para compensar o desgosto de Merckx ter resolvido não acompanhar os colegas na passeata. Mas, qual quê: de Ovion e de Thevenet, nem novas nem mandados. E só os veríamos, lá para as nove da noite, a «pedalarem» apressadamente dentro do Casino Estoril, a caminho do prato dos mariscos e dos envelopes do sr. Lapinha. Não se dignaram sequer dar uma voltinha.

De resto, depois das voltinhas do Autódromo (ganhas pelo portista Manuel Gomes, como vai sendo hábito) e com contagem de pontos favorável ao sportinguista Emiliano Dionísio, acabaria a primeira corrida e estaríamos 5 minutos à espera de ser divulgada a ordem de chegada de um pelotão de escassos 23 ciclistas em que os intitulados «juízes e cronometristas» apenas avistaram nove...

Seguia-se a prova de contra-relógio, anunciada com oito voltas ao «anel de velocidades» e com partidas dadas de dois em dois minutos pela ordem inversa da classificação obtida na prova inicial. Aqui foi outra «barraca»: os «juízes e cronometristas» que se revelariam pela tarde adiante como uns pândegos da melhor apanha, deram uma «casa» de todo o tamanho: sem saberem como ordenar as partidas, começaram a despachar a rapaziada para a pista consoante os corredores iam espreitando do bar ou da carrinha do seu clube. Simplesmente inacreditável: basta dizer que o primeiro foi Andrade, o segundo Ocaña, o quinto Van Impe, o 4.º o Agostinho. Era ao calhas: e sucedeu que toda a gente reparou que, logo ao segundo minuto, os corredores começaram a partir com intervalos entre si que foram dos dois minutos e oito segundos aos 7 segundos! Uma «pessegada» que nem sequer respeitou umas presenças oficiais que se vislumbravam lá para o camarote de honra! Nem direcção de corrida, nem cronometristas, nem juízes, nem Federação, nem Associação, nem Organização. Nada! Toda a gente aos berros, ciclistas a quase se esmurrarem, os guarda-republicanos metidos entre dois fogos, uma data de histéricos aos gritos em cima de um palanque, a malta da Informação a ser enxovalhada, a malta da pedalada a ser considerada um joguete nas mãos de meia-dúzia de imbecis que andam no Ciclismo só para petiscarem melhor aos domingos e feriados.

Pandemónio puro. Santos Duarte (um moço do Louletano que parece que é natural de uma terra que o sr. Lapinha muita preza) logo ali foi escolhido para ser o último e embolsar os prémios especiais devidos ao «triunfo». Quanto a outros (podemos afirmar porque nos demos ao luxo de juntar a colegas que quiseram funcionar como «contadores de voltas») podemos garantir (dizíamos) que Manuel da Silva, José Pereira e César Aires não deram as voltas por inteiro, que Joaquim Andrade fez meio-fundo ao longo de três voltas, que Vítor Rocha e Carlos Vitorino copiaram o portista, que José Maria Nunes e Celestino de Oliveira chegaram a impedir a passagem a concorrentes. Mas como também ninguém se preocupou a informar o público que as partidas tinham encurtado de distância e que as voltinhas também (de oito para seis, porque a noite vinha aí) por que razão é que teria de haver uma coisa que lá fora é vulgar e se chama «comissários de pista»? Nalguma coisa teríamos de ser inéditos: e o fundamental é que a «malta» lá dos «juízes e cronometristas» precisava é de jantarinho rápido.

Às quinhentas acabou a função. E esperou-se: 10, 20, 30, 44 minutos até que uma voz lá das alturas veio pôr água na fervura de uma barulheira infernal. Todos (logicamente) todos (público, jornalistas, corredores) queriam saber tempos e resultados: então, ao fim de 44 minutos de contas e computadores, de afinar de cérebros e de recursos à trigonometria, lá apareceu um desfilar de baboseiras que, tapado o buraco com a proclamação de Agostinho como vencedor, daria a luz aquela do Ocaña ter feito pior tempo que Andrade e Vítor Rocha e Sousa Santos, contrariando os relógios de uma boa centena de autênticos e honestos juízes. Pessoas do público, evidentemente.

Lá se foi para o Casino Estoril, escutar discursos e ver palmadinhas nas costas, tomar conhecimento com o apetite de Thevenet e Ovion, com a pública e verdadeira censura de Joaquim Andrade aos tais «juízes e cronometristas», com o sr. Lapinha a lamentar-se de lhe terem chamado «vigarista», com meia-dúzia de amigos a contarem notas de mil aos cantos da sala, com a gente a esquecer-se (perante uma bonita «streap-tease») que tinha havido mais umas punhaladas no ciclismo português, o tal que ate ainda nem sabe quem ganhou a última «Volta». Pobre modalidade, que bem precisas de uma vassourada de alto a baixo para arribares das «canetas»...

As duas equipas juvenis do Sporting marcaram, ontem, 14 golos em dois jogos, não sofrendo nenhum. O grupo B dos «leõezinhos» goleou o Azambuja (12-0) e o grupo A deu 2-0 ao Estrela da Amadora. A imagem é do último daqueles jogos.

PORTO SANDEMAN

Porto Sandeman recomenda os seus vinhos **Partner's** e **Clipper.**
Partner's é um Porto Ruby-velho, um velho moreno melhor... Porto **Clipper,** o Branco-seco, é aperitivo: simples, "on the rocks", com soda, ou com tónica.
Deliciosamente refrescante.
Não ter **Porto Sandeman** – esquecimento desastroso! Perigosíssimo! Para o seu bom gosto.

DL/DESPORTOS

FUTEBOL
II DIVISÃO

CINCO EMPATES NA ZONA NORTE

Porque o Portugal-Bulgária de sábado à noite impediu que o Nacional da 1.ª Divisão continuasse ontem, foram os jogos referentes à 6.ª Jornada do Nacional da 2.ª Divisão que «preocuparam» o adepto do desporto-rei. E, na Zona Norte, registaram-se (nada mais nada menos) cinco empates e duas vitórias fora. Na Zona Sul, as vitórias no campo do adversário foram igualmente duas, enquanto que quatro equipas (dois jogos) terminaram empatadas no final dos 90 minutos ...

Passemos em revista os resultados da jornada: na Zona Norte, as equipas que conseguiram ganhar no campo do adversário foram a União de Coimbra (-2 em Gouveia) e a Sanjoanense (-2 contra o União de Lamas). Os cinco empates registaram-se nos seguintes desafios: Tirsense-Feirense (2-2), Riopele-Vilanovense (-), Varzim-Desportivo de Aves (-), Oliveirense-Lourosa (0-0) e Salgueiros-Penafiel (-). As vitórias em casa, pertenceram ao Desportivo de Chaves sobre o Gil Vicente (-0), do Espinho sobre o Sporting de Braga (4-0) e do Famalicão sobre o Fafe (2-). Deste modo, o guia da Zona Norte continua a ser o União de Coimbra (agora com 0 pontos), seguído do Sanjoanense (com 9 pontos) e de um quarteto com 8 pontos formado pelo Sporting de Espinho, Lourosa, Salgueiros e Sporting de Braga. No fundo da classificação segue o União de Lamas (com ponto apenas) enquanto que o Desportivo de Gouveia tem dois e a Oliveirense já conseguiu três.

ZONA SUL

Na Zona Sul, o desiquilíbrio foi mais notório; seis equipas conseguiram triunfar no seu ambiente. Foi o Alhandra sobre o Sintrense (4-), o Atlético sobre o Cova da Piedade (-0), o União de Montemor sobre o União de Tomar (-0), foi o Caldas que venceu o Sesimbra (3-), como foi o Almada a levar de vencida o Marinhense (-0) e o Torriense a triunfar sobre o Lusitano de Évora (2-). Empates, registaram-se em Sacavém (2-2 no Sacavenense-Odivelas) e em Torres Novas (0-0) no Torres Novas contra o Marítimo). As vitórias fora pertenceram ao Piniche em Leiria (-0) e ao Portimonense no Tramagal (3-).

Nesta zona, o comando continua a pertencer ao Peniche (que soma pontos) contra 0 pontos do Portimonense e 8 de um trio de que fazem parte o Marinhense, o Atlético e o Caldas. No fundo da tabela, está o Tramagal apenas com ponto, enquanto que o Alhandra tem 2 e Sesimbra e Marítimo somam três.

TAÇA DE PORTUGAL

Destinada apenas aos clubes da III Divisão Nacional, principiou ontem a Taça de Portugal, que forneceu os seguintes resultados:

Lamego-Vila Real, 3- ; «Os Limianos»-Vianense, 0- ; Rio Ave-Valpaços, 2-0; Vizela-Leça, 0- ; Monção-Freamunde, 2-0; Paços Ferreira-Vieirense, 4- ; Avintes-Régua, -0 (após prolongamento); S. Pedro da Cova-Esposende, 3-3 (após prolongamento); Ovarense-Ala Arriba, 3-0; P. Castelo-«Os Marialvas», 4-0; O. Bairro-Covilhã, -0; Naval-Alba, -0; Mangualde-Anadia, 3-0; Guarda-Covilhã e Benfica, 4- ; Febres-Tabuense, -0; Vilar Formoso-Cucujães, 1-2; Acad. Viseu-Mortágua, - (após prolongamento); Valecambrense-Lousanense, 2-2; Olivais-«O Elvas», 3- ; «Os Nazarenos»-Portalegre, -3; Pombal-Alcobaça, 2-0; Campomaiorense-Alverca, 0- ; Cartaxo e Benfica-Marrazes, 3- ; Povoense-Santarém, -2 (após prolongamento); C. Branco-Alferrarede, 3-3 (após prolongamento); Portalegrense-Amiense, -0; Vilafranquense-Almeirim, - (após prolongamento); Calipolense-Bombarralense, -2 (após prolongamento); Moura-Juventude, 0-2; Vendas Novas-Estoril, -0; Aljustrelense-C. Capagica, 0- ; Casa Pia-Lusitano, 4-0; Seixal-Amora, 2- ; Vasco da Gama-Paio Pires, 2-0; Luso-Esperança, 0-3; Beja-Sambrazense, - (após prolongamento).

Passam à eliminatória seguinte, além do Paço de Brandão, Silves e Alcochetense (já apurados), as seguintes equipas: Lamego, Vianense, Rio Ave, Leça, Monção, Paços de Ferreira, Avintes, Ovarense, P. Castelo, Oliveira do Bairro, Naval, Mangualde, Guarda, Febres, Cucujães, Olivais, Portalegrense, Pombal, Alverca, Cartaxo e Benfica, Santarém, Portalegrense, Bombarrelense, Juventude, Vendas Novas, Costa da Caparica, Casa Pia, Seixal, Vasco da Gama e Esperança de Lagos.

Têm de efectuar novo jogo: S. Pedro da Cova-Esposende, Académico de Viseu-Mortágua, Valecambrense-Lousanense, Castelo Branco-Alferrarede, Vilafranquense-Almeirim e Beja-Sambrasense.

REVOX A 77 ☆ - o gravador preferido por melómanos e profissionais

☆ utilizado nas principais estações europeias de radiodifusão

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO AOS PROFISSIONAIS DO SOM VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97-LISBOA 2 - RUA FERREIRA BORGES, 150-COIMBRA - RUA DE STO. ANTÓNIO, 210-PORTO

do Algarve
ao Porto
compre
propriedades
construídas
por

J. Pimenta SARL

APARTAMENTOS MOBILADOS
ANDARES • ARMAZÉNS • LOJAS
GARAGENS • ESCRITÓRIOS
INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

locais onde construímos:

LISBOA
VENDA NOVA
REBOLEIRA
AMADORA
QUELUZ
FIGUEIRA DA FOZ
CASTELO BRANCO
SACAVÉM
SESIMBRA
ALGARVE
CASCAIS
PORTO
COIMBRA
PAÇO DE ARCOS
PAREDE
ALAPRAIA

8 mil clientes satisfeitos

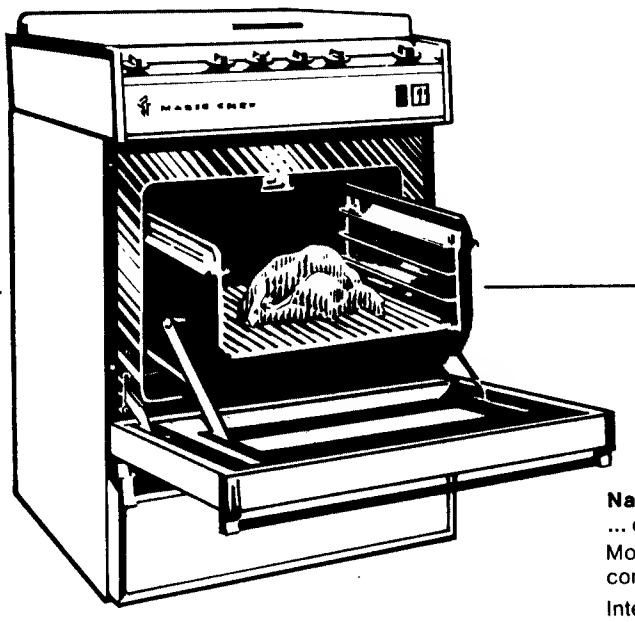
INFORMAÇÕES:
Lisboa — Praça Marquês de Pombal, 15 — T. 45843-47843
Edifício sede — Queluz — Av. António Enes, 25 — Telef. 952021/2

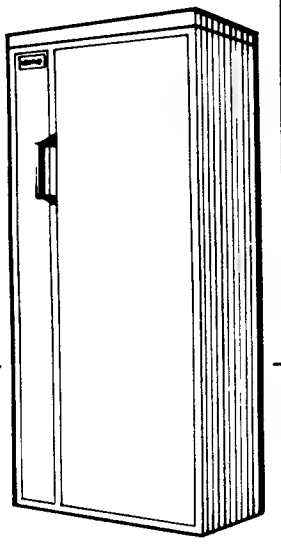
AGENTES EM TODO O PAIS

MAGIC CHEF

o toque mágico para a sua cozinha!

Fogões a gás de superior qualidade.
Modelos de 4 e 5 bocas, com e sem porta-botija.
Forno de grandes dimensões – 440×445×320 mm.
Equipados com termostato, conta-minutos, grelhador e espeto rotativo.
Modelos com forno self-cleaning, com saida automática.



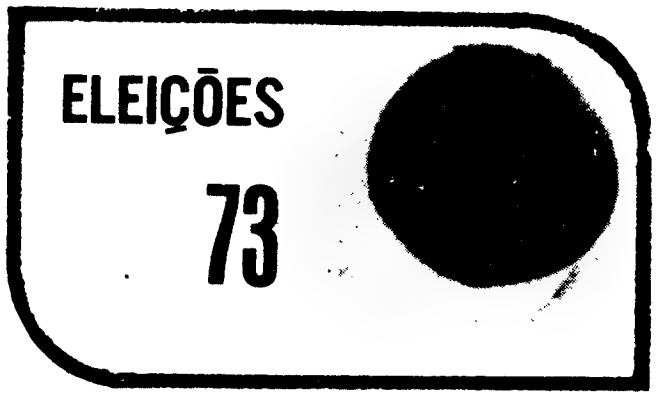


Na vanguarda da técnica ...
... o frigorífico do futuro!
Modelos desde 130 a 320 lts. com uma e duas portas.
Interiores em chapa ou aço inox.

SABEL
Rua D. Estefânea, 98 - LISBOA
Rua de Sta Catarina, 1209 - PORTO

DL/NACIONAL

COMUNICADO DA ANP.



NOS ÚLTIMOS SEIS ANOS OS INVESTIMENTOS PÚBLICOS NO SECTOR DOS TRANSPORTES TOTALIZARAM 22 MILHÕES DE CONTOS O MAIOR MONTANTE SECTORIAL DO III PLANO DE FOMENTO

TOMADAS MEDIDAS NO SENTIDO DE CADA VEZ MAIOR EFICIÊNCIA EM TODOS OS RAMOS DO SISTEMA

Recebemos o seguinte comunicado das comissões eleitorais da A. N. P.

No seu documento intitulado «Linhas políticas», a C. D. I. de Lisboa, pretendendo demonstrar a «incapacidade» da Administração para realizar «uma efectiva e justamente orientada política de crescimento económico e desenvolvimento social», faz uma série de acusações e insinuações que, embora sem qualquer fundamento, não podem ficar sem resposta, de resto baseada em factos incontroversos do mais amplo conhecimento público.

Um dos pontos referidos nesse documento respeita ao sector dos transportes, aduzindo-se erradas interpretações quanto as suas deficiências e carestia e falsamente se afirmando que os investimentos públicos nesse domínio são escassos e dirigidos em proveito dos transportes privados (por exemplo, os viadutos em Lisboa e as auto-estradas).

Só um espírito parcial pode esquecer que os investimentos públicos no sector, no quadro do III Plano de Fomento, totalizaram perto de 22 milhões de contos (o maior montante sectorial do Plano), 46 por cento dos quais respeitantes aos transportes terrestres, sem dúvida os de mais directa e imediata repercussão social.

SÓ EM INFRA-ESTRUTURAS NOS CAMINHOS-DE-FERRO INVESTIRAM-SE 2 465 000 CONTOS

Na verdade, só por ignorância se vem agora afirmar que os investimentos são «dirigidos em proveito dos transportes privados», esquecendo-se as volumosas verbas investidas nos caminhos-de-ferro (apenas em infra-estruturas — vias e pontes, sem contar o material circulante e acessório, os sistemas de sinalização e telecomunicações, etc., ascendem a 2 465 000 contos as quantias despendidas); na actualização e aumento do material circulante e no desenvolvimento das redes de transportes urbanos à superfície em Lisboa, Porto, Coimbra e outras cidades, e na criação de serviços de transportes colectivos urbanos num crescente número de localidades, bem como nos esforços para ampliar e melhorar a rede do Metropolitano de Lisboa.

Por outro lado, quer-se minimizar a evidente polivalência das infra-estruturas rodoviárias para transportes públicos ou privados, esquecendo que, sobretudo, as novas vias e viadutos construídos ou em construção na cidade de Lisboa também possibilitam o lançamento de novas e mais rápidas carreiras de transportes colectivos (autocarros) beneficiando também, portanto, o grande público.

Outro ponto em que transparece má-fé, respeita à construção das novas auto-estradas, que hão-de trazer inestimáveis benefícios à economia nacional, muito contribuindo para o desenvolvimento regional e que, dado o regime adoptado, não só não eliminam as estradas actualmente existentes nos mesmos itinerários, como ainda favorecem a sua conservação e a construção de outras. Como é evidente a utilização das auto-estradas não é obrigatória, mas alternativa. Ao contrário do que se procura fazer crer, não se trata, como repetidamente tem sido referido, de um financiamento através dos dinheiros públicos, mas, sim, de um investimento a efectuar pela empresa concessionária.

EM DEZ ANOS O PARQUE AUTOMÓVEL CRESCEU 250 POR CENTO

Relativamente à crítica dirigida à tendência para a procura de meios de transporte privado, sem qualquer base ou lógica, pretende-se esconder e minimizar um factor incontroverso: é que essa tendência decorre, naturalmente, do crescimento do nível de vida e, em certa medida, de um grau de satisfação de necessidade básicas que permite investir na aquisição de um veículo, hoje também um instrumento de trabalho.

Sabe-se, de resto, que tal tendência corresponde, mesmo, a um legítimo desejo na autonomia da deslocação, que deixou de ser exclusivo das classes com melhores rendimentos. E nem sequer pode ser combatida, salvo em casos de prioridade de outros interesses públicos (como os de preservação do meio ambiente nas grandes cidades), sob pena de se atentar contra as mais legítimas aspirações dos indivíduos, a quem qualquer Governo de um país livre deve garantir a liberdade de escolha dos meios de transporte. A propósito, assinale-se que o parque automóvel cresceu, entre nós, 250 por cento entre 1960 e 1970, atingindo no ano de 1973, na Metrópole, cerca de 750 000 automóveis e 65 000 motociclos.

OS PREÇOS NOS TRANSPORTES COLECTIVOS SÃO ATÉ INFERIORES AO PRÓPRIO CUSTO DE PRODUÇÃO

A alegada carestia dos transportes é não só infundada como traduz total obliteração da realidade. O simples confronto da evolução do índice dos preços no consumidor em Lisboa como o da rubrica «transportes» evidencia que este sector contribuiu nitidamente para diminuir o ritmo do crescimento do nível médio dos preços. E os dados financeiros dos operadores de transportes colectivos urbanos e suburbanos revelam inequivocamente que se praticam preços rigidamente controlados e de nível baixo ou até inferior ao próprio custo da produção dos serviços pelas empresas, precisamente com o objectivo de beneficiar as grandes massas populacionais que utilizam os respectivos serviços.

Assinale-se, a finalizar, que o IV Plano de Fomento, cujo projecto acaba de ser publicado, prevê medidas de política e investimentos, no sector dos transportes, que traduzem insofismável tomada de posição no sentido de cada vez maior eficiência do respectivo sistema, em todos os ramos e quer no campo das infra-estruturas, quer no de exploração de serviços. Uma análise atenta desse texto confirmará as considerações anteriores, no sentido de demonstrar a total sem-razão e desconhecimento das realidades que caracterizam as críticas da C. D. I. de Lisboa.

A A.N.P. RESPONDE...

Das Comissões Eleitorais da A.N.P. recebemos o seguinte comunicado:

Outra vez a A.N.P. se vê na necessidade, a bem do mais elementar respeito pela verdade dos factos, e pela consciência dos leitores, de comentar as «linhas políticas» da C.D.I. de Lisboa. E que as informações aí produzidas, por tal forma se afastam da realidade, que obrigam à mais serena, mas também mais à concreta e categórica reposição da verdade.

No que respeita aos esquemas de Previdência, já houve ocasião de frisar que, a uma larga série de afirmações gratuitas e demagógicas é contraposta pela C.D.I., como única «solução», a simples entrega da gestão de verbas aos trabalhadores... Nada mais se diz, nada mais se sugere ou propõe, o que nos deixa sérias razões para acreditar que a Oposição tudo ignora acerca da Previdência.

Ignora, por exemplo, ou não lhe convém lembrar, que os trabalhadores se encontram desde sempre representados na gestão das Caixas de Previdência.

Na verdade, a Lei n.º 2 115 e respectivo diploma regulamentar determina, dentro de uma orientação sempre seguida, que os vogais da direcção das Caixas representarão, em número igual, os beneficiários, isto é, os trabalhdores, e as entidades patronais contribuintes. Os representantes dos beneficiários e contribuintes constituem identicamente os vogais do conselho geral que assiste à direcção de cada caixa.

Como se vê, estamos assim em face de uma gestão participativa, bem adequada aos esquemas das modernas estruturas administrativas.

GESTÃO FINANCEIRA FUNDOS E APLICAÇÃO DE VALORES

Outra acusação, infundada como se verá a seguir, refere que as verbas da Previdência «têm sido largamente desviadas para empréstimos ao Estado e a grandes empresas capitalistas». Outra vez a C.D.I. se coloca na posição fácil de quem afirma sem saber o que diz.

Acontece que as caixas sindicais de Previdência têm fundos disponíveis correspondentes às suas despesas ordinárias, a realizar dentro dos objectivos estatutários, de um fundo de reserva para ocorrer a qualquer emergência e ainda as caixas de Previdência e Abono de Família um fundo de assistência destinada a permitir a prestação de benefícios extraordinários aos beneficiários e familiares.

Estes fundos, por um princípio elementar de economia, são devidamente aplicados, a fim de satisfazerem os benefícios dos trabalhdores. Por uma gestão de garantia, tais valores são aplicados em títulos do Estado ou de empresas, devidamente controlados, que ofereçam a necessária segurança e interesse público, bem como em imóveis para instalações ou rendimento de carácter social.

A rendabilidade dos valores patrimoniais e a sua distribuição podem ser apreciadas por qualquer pessoa nos relatórios anuais da Previdência publicados pelos Serviços Actuariais do Ministério das Corporações e Previdência Social.

COORDENAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Refere, também, a Oposição de Lisboa: a descoordenação de instituições e serviços, numa prosa a que já fizemos a devida referência.

Ora, como já foi dito em comunicado anterior, é flagrante a coordenação efectivamente existente entre as instituições e serviços.

No que particularmente respeita à previdência social, a cobertura de eventualidade, a redistribuição do rendimento e a prestação qualificada de cuidados médicos e sanitários, constituem os grandes objectivos que, aceleradamente, nos últimos tempos, se têm vindo a prosseguir, mediante uma actuação administrativa cada vez mais virada a novos métodos de gestão, orientados para a renovação de estruturas, direcção dinâmica de pessoal, e tratamento automático de informação, e personalização dos contactos, etc.

Com a reforma introduzida pela Lei n.º 2 115, o seguro de doença passou a ser gerido por caixas distritais de previdência e abono de família de âmbito inter profissional. Ficava já assegurada uma coordenação a nível distrital.

Aliás, nos termos da mesma Lei, as caixas de previdência e abono de família constituem uma federação nacional destinada a coordenar a acção das instituições federadas, a federação das Caixas de Previdência e Abono de Família.

O aperfeiçoamento das actividades de coordenação constitui um dos objectivos finais dos planos de acção da federação no tocante à matéria de gestão. Reuniões periódicas, participação nos estudos de estruturas e quadros, acções programadas de apoio directo, reuniões de âmbito regional, são outras tantas medidas de política atinentes àquele objectivo.

No campo do seguro e de doença tem assim a federação prosseguido, o objectivo do desenvolvimento da coordenação e cooperação entre organismos, insituições e serviços, servindo-se, como medida de política adequada, da celebração de acordos entre as caixas para a gestão da acção medico-social designadamente com vista a evitar duplicação de serviços.

A coordenação entre os serviços de saúde e assistência e as instituições, igualmente é uma realidade, demonstrada pelos numerosos acordos, negociados através da Federação das Caixas de Previdência e Abono de Família, no seu papel de representante das caixas federadas, como se referiu já em comunicado anterior, no qual se forneceram dados estatísticos.

EXTENSÃO DA PREVIDÊNCIA AOS TRABALHADORES RURAIS E OUTROS SECTORES DE ACTIVIDADE

Também neste aspecto a Oposição pelo seu conhecimento de causa, na verdade, quanto à extensão ao sector agrícola, salienta-se que a concessão de abono de família abrange toda a população rural desde 1971, **independentemente da filiação dos trabalhadores em Casas do Povo**, e os quantitativos dos abonos são os mesmos que para os beneficiários das caixas de previdência.

Em 1972, 100 000 trabalhdores agrícolas receberam abono por 280 000 descendentes, tendo as importâncias pagas ascendido a 425 000 contos.

Em virtude da adopção a partir de Julho passado, da nova tabela de abonos progressivos em função do número de descendentes aquele encargo aumentará consideravelmente a partir do ano corrente.

As restantes prestações que têm direito os trabalhadores rurais, quer aqueles que visam a compensação de encargos familiares, quer as que cobrem riscos sociais, são atribuídas pelos fundos de previdência das Casas do Povo. O respectivo processo de cobertura foi impulsionado decisivamente nos últimos dois anos — o número de beneficiários abrangidos em 1972, era já de 340 000 — devendo encontrar-se concluído no fim do ano corrente, de que resulta o **enquadramento neste regime de previdência de todos os trabadores rurais por conta de outrem e dos produtores agrícolas em situação económica equiparada.**

Os subsídios de nascimento, aleitação, casamento e morte (funeral) situam-se em níveis semelhantes aos do regime geral das caixas de previdência.

No que respeita a protecção na doença, interessa sublinhar que os esquemas de assistência médica e medicamentosa foram progressivamente nivelados em relação aos do regime geral.

Mercê de medida recentemente promulgada, os subsídios de doença serão aumentados a partir de Janeiro de 1974, para níveis mais consentâneos com as realidades economico-sociais das populações agrícolas.

No que respeita a protecção na invalidez e na velhice também se encontra já afixado um aumento de quantitativos das pensões, que vigorará desde o início do próximo ano.

As despesas com pensões de invalidez e velhice a trabalhadores rurais foram cerca de 50 000 contos em 1972, mas este montante sofrerá notável aumento no ano em curso, em virtude da atribuição de pensões de velhice a partir de Janeiro passado, aos trabalhadores das zonas ainda não cobertas por Casas do Povo e que posteriormente vieram a ser integrados mercê da generalização da cobertura do País por aquelas instituições.

No conjunto dos regimes especiais de abono de família e de previdência (que abrangem as populações rurais) registou-se no ano passado uma receita de 2 500 000 contos, tendo a despesa sido de 770 000 contos. Verificou-se, assim, um déficit de 550 000 contos, que foi coberto através do Fundo Nacional de Abono de Família e do Fundo do Desemprego, em aplicação do princípio de solidariedade subjacente ao conceito de segurança social. Idêntico regime será estendido a partir do próximo ano aos trabalhadores isolados e aos patrões de menores recursos e seus familiares, também nos sectores secundário e terciário, paralelamente a alargamento da previdência as populações agrícolas, está efectuada ou em curso a integração, no regime geral das caixas de previdência, do pessoal de serviço doméstico e de certos grupos de trabalhadores subordinados em condições especiais de trabalho, o **que leva a considerar-se completada a cobertura previdencial nos sectores do comércio, indústria e serviços.**

Igualmente foi equiparado ao referido regime o esquema de benefícios a praticar em relação a cerca de **53 000 trabalhadores do sector de pesca.**

Você pode comemorar connosco
o 1º plano quinquenal TOYOTA
DE 15 A 20 DE OUTUBRO DAS 9 ÀS 24 HORAS
Venha conhecer de perto os nossos modelos — um deles pode ser seu
Esperamos por si nos nossos stands:
Av. Fontes Pereira de Melo 17-A
Av. da Igreja 39-C
Rua Ferreira Borges 27-A
Av. Eng. José Frederico Ulrich-Cascais
(aberto das 9 às 19 horas)
Transmotor
Empresa do Grupo Salvador Caetano, SARL

FUNDOS DE ESTADO

	Efect.	Compra	Venda
Cons 2 3/4 %		500$	-
Cons 3 %	595$	595$	
Cons 3 1/2 %	-	670$	-
Centenários	1.495$	1.495$	
Tes 5 % 57			
Tes 5 % 59			
Exter 1ª s		685$	
Extern 1ª c		685$	
Extern 3ª s		700$	
Extern 3ª c		730$	
Caut 3ª s		185$	

FUNDOS PÚBLICOS

A Lx 6 %			
C M L 5 3/4 %			1.000$
C P 5 5 % 67			
C P 5 5 % 68			
C P 5 5 % 69			
Corr 5 3/4 %	-	900$	910$
Metr 5 3/4 %	-	980$	
Tur 5 3/4 %	-		
C P 6 3/4			-

ELECTRICAS

G 5 % 58		800$	-
G 5 % 59		800$	
G 5 % 62		-	
G 5 % 63	-		-
G 5 % 64	-	-	-
G 5 % 65	-	-	-
G 6 % 67	960$	960$	-
G 6 % 69		950$	-
G 7 %	1.020$	1.020$	-
H E C 5 %	725$	725$	
H E C 6 %			
H E D 5 %	700$	700$	710$
H E D 6 %	900$	900$	
H E N P 5 %	-	750$	-
H E S E 5 %	-	-	-
H E S E 6 %	880$	-	900$
H E Z 5 % 57	-	-	795$
H E Zêz 6 %	-	-	920$
N Elc 5 %	-	-	745$
N Elec 6 %	-	940$	960$
Termoel 5 %	-	-	
U E P 5 % 60		700$	
U E P 5 % 63	-	-	-
U E P 6 %	-	-	-

DIVERSAS

A P T 5 % 56			820$
A P T 5 % 58			
Lisnave 6	-	-	950$
Nitratos 60		-	
Pet 2ª e 3ª %		880$	
Sacor 7 %	1.015$	1.015$	1.020$
Sacor 5 % 54			
Sacor 5 % 60	-	855$	
Sid 5 % 2ª	-	-	-
Sid 5 % 3ª	-	-	-
Sid 5 % 4ª	-	-	-
Socel 5 %		900$	
U Fabril 67	930$	930$	
U Fabril 68	920$	920$	935$

ULTRAMARINAS

Carbonil 5 %			
Rev 5 % 57			650$
Rev 5 % 59/60			640$
Moçamb 5 %			820$
Sonefe 5 %			

ACÇÕES

De Bancos

Pinto & Sotto Mayor			
Agricultura	-	-	
Alentejo	-		
Angola	-		
Cred Predial		-	-
Esp Santo	-	-	
Fomento		-	
F & Burnay		-	
N Ultr m			-
N Ultr c	-		-
Portugal n		-	
Portugal p	-		-
P Atlântico	-	-	
Totta & Açores	-	-	-
Algarve	-		-
Borges & Irmão			

J. BURNAY, LDª

Notas estrangeiras
Papeis de crédito

RUA DO OURO, 72 TEL. 321273

Banco Borges e Irmão

Indice de cotação das acções (Base: Dez. 65=100)

	8-10-73	12-10-73	15-10-73
GERAL	400,3	423,4	411,6
METROPOL	425,0	439,7	437,7
ULTRAM	219,2	220,3	219,9

De Seguros

Alentejo	750$	745$	750$
Bonança	22 500$	22.000$	23.500$
Imperio		47.000$	
Mundial	5.400$	5.390$	5.400$
Soberana	7.150$		7.200$
Tranquilidade	15.500$		15 500$

Electricas

C P E p	1.220$	1.210$	1.220$
C P E n	1.200$	1.200$	
E Beiras	1.750$	1.730$	1.750$
G Elec c	410$	400$	410$
H E A A	225$	225$	
H E N P	390$	390$	400$
H E S E			1.650$
U E P	245$	240$	245$

Ultramarinas

Ag Cassequel	1.1150$	1.150$	1.170$
Ag Incomáti		1.880$	1.900$
Ag S T e P			290$
Aç Angola		1.760$	1.790$
Alg Angola			330$
Ang Agric			
Boror	363$	363$	
Boror Com	110$	-	
Buzi	176$	176$	
Cabinda	190$		190$
Com Lobito	750$	750$	
D A T 100	2.630$	-	2.650$
H E Revué	560$	560$	-
I do Princ	-	650$	-
Moçambique	370$	360$	
Sonefe n	460$	460$	480$
Sonefe p	500$	500$	
Zambézia	110$	110$	111$

Diversas

Ag Lx ant	1260$	1260$	
Ag Lx 34	1200$		1200$
Ag Lx 36			1000$
Cel Guadiana	5800$	5800$	
C Leiria p	43 000$	43 000$	43 500$
C Tejo p	135 000$	130 000$	140 000$
F Ramada	2350$		2350$
Fornos Eléct	957$	957$	
P Celulose	10 000$	9900$	10 000$
Siderurgia p	19 400$	19 200$	19 500$
Siderurgia n	13 550$	13 500$	10 000$
Socel	7900$	7700$	7900$
Cidla	-	-	
C U F	5800$	5750$	5850$
Intar	850$	850$	900$
Nitratos	1590$	1550$	1600$
Petroquimica	2000$	1995$	2000$
Sacor	8030$	8030$	
Tab Portugal	9000$	-	9000$
Tabaqueira	18 000$	-	18 500$
U F Azoto	1386$	1386$	
Empor	570$	-	570$
Ind Aliança	-	-	
I P Colón	2620$	-	2620$
Nac Naveg	3400$	3400$	3550$
Naveg (Col)			
P Pesca			
Matur	4700$		4700$
R Marconi	2970$	2970$	
TAP	1980$	1950$	1980$
Compal	1120$	1100$	1120$
Salvor	4900$	4500$	4900$
Penina	10 000$		10 000$
Grão-Para	3220$		3220$
Lisnave	17 900$	17 900$	18 000$
Vidago, P Salg	2950$	2950$	3000$

FUNDOS DE INVESTIMENTOS

Atlântico		519$4	535$
I D E S		281$	289$4

COTAÇÕES

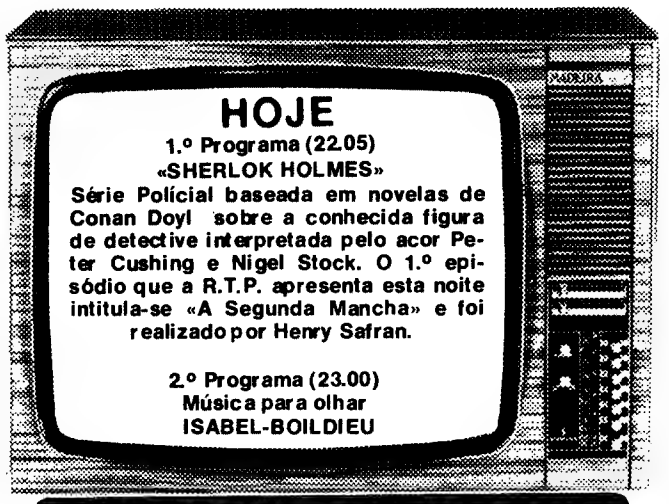
PAÍSES	COMPRAS	VENDAS
Africa do Sul	Rands	
Alemanha	Marco	
América		
Dollars de 1 a 2		
Dollars de 5 a 20		
Dollars de 50 a 1000		
Argentina	Peso Novo	
Austria	Schilling	
Bélgica	Franco	
Brasil	Cruzeiro	
Canadá	Dólar	
Dinamarca	Coroa	
Espanha	Peseta	
França	Franco	
Holanda	Florim	
Inglaterra	Libra	
Itália	Lira	
Marrocos	Dhran	
Noruega	Coroa	
Suécia	Coroa	
Suiça	Franco	
Ouro		
Inglaterra	Libra Isabel	
Inglaterra	1/2 Libra	
Ouro fino Barra		

BANCO DO ALENTEJO

GESTÃO DE CARTEIRAS DE TITULOS
TODAS AS OPERAÇÕES BANCARIAS

Praça D. João da Camara 18 - Telef. 328045
Rua do Ouro 52 - Telef. 30309

televisão



HOJE

1.º Programa (22.05)
«SHERLOK HOLMES»
Série Policial baseada em novelas de Conan Doyl sobre a conhecida figura de detective interpretada pelo acor Peter Cushing e Nigel Stock. O 1.º episódio que a R.T.P. apresenta esta noite intitula-se «A Segunda Mancha» e foi realizado por Henry Safran.

2.º Programa (23.00)
Música para olhar
ISABEL-BOILDIEU

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 Homens de amanhã
14.20 Logo á noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 TV Juvenil
20.00 Momento Desportivo
20.30 Portugal no Mundo
21.00 Mesa redonda
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.05 «Sherlock Holmes»
23.05 Museu do cinema
23.30 Telejornal, 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Homens de amanhã
20.55 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Impacto
23.00 Música para olhar
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e Desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Almanque
13.15 «Atribulações de um psiquiatra»
13.45 Telejornal, 1.ª edição
14.00 O Livro à procura do leitor
14.15 Logo á noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 TV Infantil — «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal, 2.ª edição
19.45 Ao longo da vida
20.00 Cinema 73
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Desenhos animados «A Lanterna cor de rosa e o inspector»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Jornada de heróis»
23.45 Telejornal, 4.ª edição
23.50 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e Desenhos ainmados «Abbot e Costello»
20.45 O livro á procura do leitor
21.00 «Atribulações de um psiquiatra»
21.30 Telejornal, 3.ª edição
22.00 Recital de piano
22.35 Panorama
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H.

Em Portugal Continental o céu jstava geralmente muito nublado e o vento era moderado de Oeste e chovia em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	17º
COIMBRA	17º
PORTALEGRE	15º
LISBOA	19º
FARO	20º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas
Máxima 20º

Penhas Douradas
Mínima 10º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,6º
Atmosfera 18,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
5.39	4,0 m	11.26	0,7 m
18.04	3,9 m	23.43	0,9 m

Dia 16

6.21	3,9 m	—	—
18.32	3,7 m	12.11	0,9 m

Dia 17

7.10	3,7 m	0.28	1,2 m
19.49	3,5 m	14.14	1,4 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado ou encoberto nas regiões do Norte e pouco nublado nas do Sul; vento moderado de Oeste; períodos de chuva ou chuvisco nas regiões do Norte.

AMANHÃ

NASCER ÁS _ 7.47
OCASO AS _ 18.58

DIA 18 DIA 26 DIA 3 DIA 10

rádio

EMISSORA 1.º PROGRAMA

16.00 Noticiário.
16.05 Falcão programa juvenil.
16.30 Convívio, programa da juventude.
18.05 Música sem palavras.
18.30 Espectáculo/cinema, por Videira Santos.
18.50 Cançonetas portuguesas.
19.10 Música portuguesa.
20.00 Diário sonoro.
20.30 13.º Episódio do folhetim «Poema para uma grande orquestra».
20.50 O pianista Claude Bolling.
21.00 Momento 73.
21.20 Grande desfile.
22.20 O homem e a sociedade, pelo prof. dr. Fereira de Almeida.
22.40 Fados, por Manuel Fernandes.
23.05 De um dia para o outro, por Fernando Correia.
00.00 Fecho.

Programa em MF 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade.
00.00 Junção com o primeiro programa.

2.º Programa

16.00 1.º acto da Ópera «A Mulher Sem Sombra», de Richard Strauss.
17.10 Peau d'Ane (três árias para bailado), de Absil.
17.30 Solos de Cravo.
18.00 Antologia sonora «O Parnasso» (ou «A Apoteose de Corelli», de François Couperin.
19.05 Poesia, música e sonho, por Miguel Trigueiros.
19.30 Música coral sinfónica.
20.00 Diário sonoro.
20.30 Ciclo de melodias.
21.00 Concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto.
23.00 Emissão em línguas estrangeiras.
01.15 Fecho.

Programa estereofónico - MF/2

21.00 Música ligeira variada
22.00 A Ópera em 3 actos «A noiva vendida» de Smetana
00.23 Sinfonia em ré maior, de Cherubini, pela Orquesta de Câmara de Praga
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda média

16.04 Programa C.D.C.
18.00 Movimento
21.03 Alegria no trabalho
21.30 Quando o telefone toca
22.02 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Variando para agradar
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência

16.05 Programa C.D.C.
18.00 O nosso programa
19.05 Vértice
21.00 Boa noite em FM
22.00 Programa à Gô-Gô
24.00 Em órbita dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

16.05 Radiorama
18.00 Moçambique-73
18.30 Terço e Benção
19.00 Jornal diário
19.30 Página 1
21.05 Meditando
21.08 Programa dos sócios
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema
23.05 A 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO A-1

(ATE AS 22 HORAS)

AJUDA
Moura, T Memória, 55 (T 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, R Pedro Ivo, 4-A (T 725140)
ANJOS
Confiança, Av Almirante Reis, 46 (T 821653)
AREEIRO
Garantia, Av P Manuel da Nóbrega, 5-A (T 727300)
AV. NOVAS
Vale, Av Marquês de Tomar, 45-49 (T. 773043), **Dalva**, Av Duque de Ávila, 125 (T 45225)
BAIRRO ALTO
Barreto, R do Loreto, 30 (T 227284)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R B, 75-A (T 683694)
BAIXA
Oliveira, R da Prata, 240 (T. 321415)
BENFICA
União, E de Benfica, 592 (T. 700092)
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, R Infantaria 16, 98-B (T 688807)
CASTELO
Zilar, R de S Tomé, 54 (T 862835)
CHILE
Veral, R Morais Soares 109 (T 821732)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av Inf Santo, 66-B (T 666971)
LUMIAR
Central do Lumiar, R do Lumiar, 75 (T 790480)
OLIVAIS
Olivais, R Alves Gouveia, 19 (T. 311237)
PICHELEIRA
Luzmar, R Nascimento Costa, 16-A (T 728395/720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, R Alves Gouveia, 19 (T 311237)
REGO
Baptista, R Francisco Tomas da Costa, 3-C (T 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, R Luis de Camões, 42-B (T 638625)
SÃO BENTO
Castro, R de S Bento, 199-A (T 660513)

TURNO A-2

(TODA A NCITE)

ALCÂNTARA
Beirão, R Prior do Crato, 25 (T 661321)
ALVALADE
Zil, Av da Igreja 9-D (T 711780), **Roma**, Av de Roma, 85-B (T 772466)
AMOREIRAS
Britânica, T da Légua da Póvoa, 5-B (T 689250)
ANJOS
Renascença, R Damasceno Monteiro, 104-A (T 831504)
AREEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (T. 726860)
AV. NOVAS
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, P do Norte, 11 (T 311216)
BAIXA
Teixeira Lopes, R. Aurea, 154 (T 3248160)
BENFICA
Alegira, E. de Benfica, 180-A (T. 780511); **Lavinha**, R eng. Paulo de Barros, à R Casquinha, 28-A (T. 708242)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, R. da Cruz de S. Apolónia, 90 (T. 847019)
CAMPO DE OURIQUE
União, R Saraiva de Carvalho, 145-F (T. 663643)
CAMPOLIDE
Pinto, R. de Cmapolide, 11 (T 682610)
CHELAS
Banha, E. de Chelas, 173 (T. 382241)
ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379)
ESTEFÂNIA
Mundial, L. D Estefânia, 10 (T 45578)
LAPA
Paiva da Costa, R. da Lapa, 105 (T. 664414)
LUMIAR
Douro, Al Linhas de Torres, 93-A (T 791131)
PICOAS
Sousa Martins, R Sousa Martins, 25 (T 553468)
SANTA APOLÓNIA
(ver Caminhos de Ferro)
SANTA MARTA
Fernandes, R de S José 187 (T 326476)
SANTO AMARO
Biotifar, R D João de Castro, 27 B (T 638824)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L de S Sebastião da Pedreira, 1 (T 48642)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (Telef. 212048)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Telef. 2430090)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Telef. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (Telef. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078) **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518) **Carmele**, R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303) **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613) **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)
DAMAIA
Lemos, R. de Goa, 41-A (Telef. 971121)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117) **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, lote 1 (Telef. 271297)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Santa Marta, R. Dr. Manuel Pacheco Nobre, 44-B (Telef. 2072141)
COVA DA PIEDADE
Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 31-A (Telef. 274356)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Telef. 239025)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Telef. 230156)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 220028)
SETÚBAL
Rosado Pinto, P. do Bocage (Telef. 22484) **Nova**, R. General Gomes Freire (Telef 22052)
SEIXAL
Soromenho, R Paiva Coelho (Telef. 2218560)

PORTO

4.º TURNO

SUB-TURNO A

Boavista (da), Rua da Boavista, 601. **Cosme**, Rua Costa Cabral, 584. **S. Diniz**, Rua S Diniz, 428. **Soeiro**, Rua Santos Pousada, 71 **Vitália**, Praça da Liberdade, 34-37

SUB-TURNO B

Alberto Ferreira, Rua da Estação, 100. **Antero de Quental**, Rua Antero de Quental, 520 **Antunes**, Rua do Bonjardim, 485 **Cardona dos Santos**, RuaD Manuel II, 90 **Herculano**, Rua Alex Herculano, 38

COIMBRA

TURNO B

Estadio, Rua do Brasil, 348 r/c (Tel 24410). **Miranda**, Prç do Comercio, 41 (Tel 23261). **Batista**, Prç da Republica, 910 (Tel 23747)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
16.ª semana! Technicolor. Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente).

CONDES (Tel. 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30 - 16.30 - 18.45 e 21.45 4.ª semana
Colorido. Grupo B (10 anos). Chegou a hora da «barracada». «TRINITA E SARTANA CONTRA OS DOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana! Technicolor. um filme de Kenneth Loach «VIDA EM FAMÍLIA»

ROMA (Tel. 727778
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Terry Tarday Glenn Saxton. «A BELA CASTA SUSANA»

BERNA (Tel. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45. 2.ª Semana!
Grupo D (18 anos)
Um filme de Jean Llouis Trintignant. Technicolor. «UM DIA EM CHEIO»

S. JORGE (Tel. 54154/54153)
15.00 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«AVANTI» AMOR À ITALIANA. Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills.

ESTÚDIO (Tel 55310)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 3.ª Semana
A obra-prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO»
(Metro: Alameda)

VOX (Tel 720808)
15.15, 18.30 e 21.45. 2.ª Semana!
Grupo B (10 anos). Technicolor
Walt Disney Produtions apresenta «NANU, FILHO DA SELVA», com Tim Conway

CINEMA CASTIL (Tel 630194)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (10 anos) 8.ª semana!
Gene Hackman e Al Pacino «O ESPANTALHO» (Estacionamento: Parque Castil)

IMPÉRIO (Tel 551345)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª semana!
Metricolor Panavision Maggie Smith Alec McGowen «AS VIAGENS COM A MINHA TIA» (Metro Alameda)

MONUMENTAL (Tel. 551310)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª semana!
Panavison. Technicolor. George Scott Faye Dunaway John Nills e Jack Palance em «O POÇO DO OURO»

EUROPA (Tel. 761016)
15.00 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª semana!. Panavision. Technicolor. Tom Tryon - Romy Schneider e Carol Lynley «O CARDEAL» . Aobra prima de Orro Preminger.

LONDRES (Tel. 731318)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos). 7.ª Semana
Da mulher objecto à mulher pessoa. Jane Fonda «A CASA DA BONECA»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana!
A preparação do crime político do século «CHACAL». O filme de Fred Zinnemann.

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
«O CÂNTICO DA NAVALHA» Em complemento «O GRANDE IDOLO»

CASINO ESTORIL (Tel. 46264862)
17.00 e 21.30
Grupo D (18 anos). Colorido «HOMENS SEM AMANHÃ», com Vic Morrow, Alan Alda e Clee Gulager

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Eastmancolor. Jane Birkin - Serge Gainsbourg. «BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS»

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
Grupo D (18 anos). 7.ª Semana!
Richard Burton é o «BARBA AZUL» Eastmancolor

ODEON (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Color «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo

AVIZ (Tel 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color 3.ª semana!
Saby Kamalich, Baulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

POLITEAMA (Tel 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo D (14 anos)
Eastmancolor Franco Nero, Eli Wallach e Lyn Redgrave «3 BONS INIMIGOS»

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.30 e 21.45
Grupo D (18 anos). 3.ª Semana!
Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a rir») «REGRESSO DE AFRICA»

MUNDIAL (Tel 538473)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos) 2.ª semana!
Eastmancolor. A denúncia de uma sociedade corrompida «O SINAL VERMELHO» com António Vilar Maria Cruz, Paul Naschi e Hellen Harp.

ESTÚDIO APOLO 70 (Tel 73318)
15.15, 18.30 e 21.45 9.ª Semana!
Grupo D (18 anos). Technicolor
Um filme de Hal Ashby «ENSINA-ME A VIVER», com Ruth Gordon e Bud Cart

CINEARTE (Tel. 660446)
Encerrado temporariamente para beneficiações.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e...calar»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O ovo»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo senhor Alfredo»

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Um padre à italiana»

A. B. C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Tudi a nú»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Misantropo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«Cuidado com as curvas»

CINE-ODIVELENSE
21.15 (18 anos)
«O Padrinho»

JARDIM CINEMA
21.30 (10 anos)
«O cérebro de aço»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Os Diabos alados»

PROMOTORA
21.00 (14 anos)
«Antes que chegue o Inverno»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«A Ponte do Rio Kway»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30
«Homens sem amanhã»

CASCAIS
S. José
21.30 (10 anos)
«Madame Sin»

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (18 anos)
«Os Jovens Tigres»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (10 anos)
«A Túnica»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Com jeito vai campista»

PORTO/Cinemas

CARLOS ALBERTO
21.30 (14 anos)
«Os últimos corsários» e «Um homem chamado Arigara»

BATALHA
15.00 (18 anos)
«Getaway»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Mulher á deriva»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Barba azul»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«A noiva»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O vampiro negro»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

VALE FORMOSO
15.30 (14 anos)
«O Direito de nascer»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

JÚLIO DINIS
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«A lição particular»

S. JOÃO
15.30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

COIMBRA

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«A Sombra do duplo amante»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Masculino feminino»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

ESPADARTE CLUB — **Sesimbra** Discoteca c/ peq. progr. de fados e música de folclore às 2.ªs, 3.ªs, 4.ªs e 6.ªs. Encerrado aos domingos. **Tel. 229189.**

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34859-365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Tel.s 26461-264526-264596-264621-264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **Tel. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias, Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.**

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422** (Ar condicionado).

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

A C. P. INFORMA:

SERVIÇO ESPECIAL PARA CHAVES POR OCASIÃO DA FEIRA ANUAL DOS SANTOS NOS DIAS 30 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO DE 1973

Bilhetes especiais de IDA e VOLTA a preços reduzidos.

Período de venda: de 29 de Outubro a 1 de Novembro.

Validade para regresso: de 30 de Outubro a 2 de Novembro.

A C. P. vende, em todas as estações e apeadeiros desde Ermida até Fonte Nova, bilhetes especiais de IDA e VOLTA, a preços reduzidos, para a estação de CHAVES.

motor revista

EXPOSIÇÕES

BELAS-ARTES Exposição permanente de organização da Sociedade Nacional de Belas-Artes (das 14 às 20 h.) Pinturas de Mattos Portugal O «Jazz» em fotografias e «posters».

XI SALAO DE ARTE MODERNA No Estoril, no Pavilhão dos Congressos (das 11 às 13 e das 15 às 19h.)

DIPROVE Apresentação de xilogravuras de Salvador Dali

PALACIO FOZ Retrospectiva da pintura de Fausto Sampaio

PRISMA-73 Pinturas de Lisa Chaves Ferreira

YELA Oleos da pintora americana Nadine Hoskins.

DL /NACIONAL

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º, 2.º E 4.º
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DiBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

COMEÇAM AMANHÃ OS EXAMES DE APTIDÃO

Terminaram hoje nas Faculdades de Lisboa os exames escritos «ad hoc» para maiores de 25 anos, com as provas de Cultura Geral, comum a todos os ramos de ensino superior. Por outro lado, decorrem amanhã e depois os exames escritos de aptidão às Faculdades e Institutos Superiores, tendo já principiadotambém algumas provas orais para alunos, em regime militar, que requereram exames para a época de Outubro.

Na Faculdade de Letras, fizeram hoje o último exame escrito, podendo ir à oral, 274 alunos com mais de 25 anos. As aulas que oficialmente se iniciaram hoje, não tiveram ainda, no entanto, qualquer realidade.

Na Faculdade de Direito, onde um total de 241 alunos compareceu às três provas escritas de exames «ad hoc», começaram na sexta-feira passada as primeiras provas orais para alunos militares, terminando hoje as últimas provas escritas.

Na Faculdade de Ciências, apenas 30 alunos com mais de 25 anos requereram exame.

Na Escola Superior de Medicina Veterinária decorreram as provas escritas para maiores de 25 anos nos cursos de Agronomia (do qual compareceram 7 alunos), Medicina Veterinária (com 6 comparências) e Instituto Superior Técnico (com 29 comparências). Na Escola Superior de Medicina Veterinária terminarão no próximo dia 29 os exames de 2.ª época que no dia 1 se iniciaram.

CURSO DE FORMAÇÃO ARTÍSTICA

Foi esta tarde inaugurado, na Sociedade Nacional de Belas Artes, um Curso de Formação Artística, com a duração de três anos e compreendendo as cadeiras de Educação Visual, «Design» e Artes Gráficas.

Onpresente Curso, de que é director Adriano de Gusmão, será frequentado por cinquenta e quatro alunos de ambos os sexos.

O corpo docente è bàsicamente constituído pelos pintores Sá Nogueira e Rocha de Sousa, escultor Fernando Conduto e Helder Baptista, arquitectos José Rijo, Manuel Taínha e Conceição Dias, e drs. Rui Mário Gonçalves, Jorge Listopad, e eng. Melo e Castro.

SESSÃO EM TROFA À LUZ DAS VELAS

A C. D. I. de Aveiro promoveu ontem, em Trofa, uma sessão de propaganda eleitoral presidida por Vitor Sousa, que apresentou os cinco candidatos pelo distrito.

Seguiram-se no uso da palavra os candidatos Oliveira e Silva, Neto Brandão e Mário e Silva que ao referirem-se ao acto eleitoral em curso, salientaram as dificuldades criadas pelas autoridades às suas actividades. Referindo-se aos graves problemas que o País atravessa os candidatos foram unanimes em preconizar um programa de Governo de natureza socialista e democrata como única saída capaz de contentar a maioria dos portugueses.

A sessão teve a assinalá-la um caso insólito. Cerca das 22 horas faltou a electricidade e os trabalhos tiveram que continuar à luz de velas e lanternas eléctricas. A falta de luz, que não impediu a continuação do encontro resultou do facto do anexo do café, onde decorria o encontro, estar subalugado.

Nestas circunstâncias o proprietário do café é que poderia resolver a situação mas tal não aconteceu.

No interesse de todos,
os nossos comboios
têm de partir à tabela.
Adquira os seus bilhetes com antecipação
nas estações de Lisboa
(Rossio e Sta. Apolónia),
Porto (S. Bento e Campanhã),
nos Despachos Centrais
da EGT ou ainda na sua
Agência de Viagens.

Chegue cedo à estação.
Embarque sossegadamente.
A CP deseja-lhe boa viagem.

Caminhos de Ferro Portugueses

CP16A73

CINCO «TREZES» NO TOTOBOLA

Apenas cinco apostadores acertarem em treze resultados no concurso de ontem no totobola pelo que cabe a cada um a importância de 935 555$00. Estes cinco bafejados pela fortuna são: José de Almeida Coelho, empregado de escritório em Lisboa, de 41 anos de idade; José de Figueiredo Portela, natural de Sacavém (tem ainda 4 dozes); um anónimo do Barreiro, um apostador de Angola e outro de Moçambique.

Quanto a «dozes» verificaram-se 336 resultando de prémio 13 921$90.

Na Maternidade Alfredo da Costa

INAUGURADO ESTA MANHÃ O EQUIPAMENTO DE ALTO-RISCO

que já tínhamos atingido o máximo na redução dos dias de internamento, o que constituiu para nós séria apreensão. Tornava-se imperioso aumentar mais uma vez este serviço».

AS DIFICULDADES CRESCEM DIA A DIA

O director da maternidade disse que, posto o problema a nível superior, foi possível estender a acção daquele estabalecimento a mais quatro freguesias e perguntou: «Mas não se tratará de solução apenas temporária? É que as dificuldades crescem dia a dia, pelo deslocamento de certa camada da população para zonas periféricas cada vez mais distanciadas do centro da cidade; e por quanto tempo será ainda possível, com esta modalidade de assistência, fazer face à superlotação sempre crescente, eis a interrogação que muitas vezes ponho a mim próprio».

Na última parte do seu discurso o dr. Jorge Braz referiu-se a outras actividades da maternidade, como os cursos dados a médicos da Província e fez o elogio do equipamento de alto-risco o qual ajuda o especialista a melhor observar e a melhor prever e o torna apto a lutar, com mais eficácia, contra a fatalidade iminente. Por fim, agradeceu o auxílio prestado pela Fundação Gulbenkian e disse esperar que fosse possível, dentro de algum tempo, afirmar numa idêntica cerimónia: «Mais uma vez, mercê da acção conjunta ministério da Saúde e Assistência — Fundação Gulbenkian possuimos também uma unidade de cuidados intensivos ao recém-nascido devidamente apetrechada».

O secretário de Estado da Saúde e Assistência na Maternidade Alfredo da Costa

APENAS UMA MORTALIDADE DE 1 POR CENTO EM 1972

A instalação do serviço de alto-risco na Maternidade Alfredo da Costa (o qual já foi descrito nas colunas do «diário de Lisboa») ficou a dever-se ao esforço de vários médicos que ali trabalham, nomeadamente aos directores de serviço de obstetrícia drs. Elísio Montargil e Tibério Antunes. Este, referiu-se esta manhã às transformações verificadas no campo da ciência no último quartel do século actual afirmando: «É precisamente neste contexto que se deve inserir o aparecimento destas novas unidades de trabalho médico na maternidade, que com elas vem colocar-se ao lado das mais actualizadas e apetrechadas clínicas hospitalares da Europa». O dr. Tibério Antunes disse que, graças à aparelhagem de alto-risco, a mortalidade perinatal, que fora em 1970 de 1,9 por cento, decorre para 1,3 por cento em 1971 e para 1 por cento em 1972. «Isto só — disse — é bastante para demonstrar o acerto da nossa iniciativa, como do bom caminho percorrido pelo conhecimento da evoluída ciência médica neste domínio».

O dr. Tibério Antunes agradeceu depois a colaboração dada ao projecto da instalação do alto-risco nomeando os nomes do dr. Azeredo Perdigão e dos seus colaboradores dr. Sá Machado e dr. Reimão Pinto acrescentando também agradecimentos ao director-geral das construções hospitalares eng. Neto Marques, ao director de serviço eng. Rui Casal, ao eng. Mário Reis e ao arquitecto Estevão Silva. Por fim, pôs em relevo a importância de uma acção estreita com os médicos pediatras que prestam serviço na Maternidade e elogiou a dedicação do pessoal de enfermagem, para lembrar a necessidade de se completar o equipamento inaugurado com uma unidade de reanimação e cuidados intensivos a prestar ao recém-nascido.

ATAQUE PALESTINIANO A UMA FÁBRICA ISRAELITA

CAIRO, 5 (FP) O comando da revolução p7lestiniana refere-se no domingo a vários ataques de «feddayin» em Israel, especialmente a uma fábrica de aviões e a um comboio militar.

Num comunicado difundido pela agência do Médio Oriente, o comando palestiniano esclarece que a fábrica de aviões Shmeis, que produz o aparelho Arfa e o míssil Gabriel, sofreu estragos importantes. Foram destruídas pelo fogo diversas instalações e logo no início do alarme os habitantes da região refugiaram-se nos abrigos.

Depois do ataque com foguetões à cidade israelita de Na Harya, houve recontros domingo no sul do Líbano, nas regiões de Chuma, Rashya Al Fukhar e Kafr Alham. Os «feddayin» também bombardearam o cmapo de Al Alam, no monte H Xeque, infligindo pesadas perdas ao inimigo, e danificaram duas fábricas de armamento ligeiro em Tel-Aviv colocando alí granadas.

Os palestinianos atacaram, por outro lado, um comboio militar entre Naplusa e Ramallah, à granada e à metralhadora.

CONTRIBUIÇÃO

CAIRO, 5 (R) A Líbia ordenou que uma quarta parte dos salários de todos os líbios durante o corrente mês seja automaticamente deduzida como contribuição para a guerra do Médio Oriente anunciou ontem à noite a agência noticiosa da Líbia.

ALARME NO CAIRO

CAIRO, 15 UPI-ANI) — O alarme contra ataques aéreos soou no Cairo às 5 horas TMG e o sinal de que o perigo passará só foi dado cinquanta minutos depois.

Todavia, o espaço aéreo da cidade esteve sempre livre de aviões israelitas, que não se sabe se terão atacado noutro lado

NOTAS VÁRIAS

O VIADUTO DO CALHABÉ

O ministro das Obras Públicas aprovou o projecto da passagem superior à linha férrea da Lousã, no Calhabé, em Coimbra, obra adjudicada em Meio por 8 820 000$00 e que deverá estar concluida nos primeiros dias de Abril de 1974. Neste momento procede-se no local a sondagens para as fundações, devendo os trabalhos de construção iniciar-se em Dezembro.

DERMATOLOGIA E VENEREOLOGIA

Efectuou-se na Clínica de Dermatologia do Hospital de Santa Maria, a segunda sessão da reunião da Sociedade Portuguesa de Venereologia. Foi apresentada uma comunicação sobre «Dermatófitos em animais, sua importância em epidemiologia humana» pelas drs. Júlia Cabrita, M. Manuela Figueiredo e Helenita Gravina, seguindo-se uma demontração anátomo-clínica, em que foram apresentados doentes e documentação respectiva.

MAIS LUZ EM SINTRA

No prosseguimento do programa de electrificação do concelho de Sintra, foi inaugurada a luz eléctrica na povoação de Almorquim, da freguesia da Terrugem. Presidiu ao acto o presidente da Câmara Municipal, António José Pereira Forjaz, tendo a ele assistido várias outras entidades.

O ENSINO NO BARREIRO

Este ano lectivo, matricularam-se nos estabelecimentos de ensino secundário do Barreiro 7 532 alunos, assim distribuídos: Liceu Nacional do Barreiro (agora a funcionar na Quinta dos Casquilhos): 1 650; Escola Industrial e Comercial Alfredo da Silva, 3 400; Escola Preparatória Alvaro Velho 1 607 e Escola Preparatória S. Luís Mendonça Furtado, 875. Entretanto, espera-se para breve a construção do edifício para o Liceu uma vez que as instalações actuais são provisórias.

COOPERATIVA FLORESTAL

Foi assinada a escritura de constituição da Cooperativa Florestal do Barlavento Algarvio, que terá a sua sede em Monchique, abrangendo todos os concelhos da zona barlaventina. O capital inscrito é de dois mil contos e os sócios fundadores são em número de duzentos. Dos seus corpos directivos fazem parte, o deputado eng. Leal de Oliveira e o dr. Manuel Rodrigues Pereira Clarinha, presidente da comissão distrital da A.N.P.

O «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Pedro de Oliveira Gonçalves da Silva, Rua Lobo da Costa, 189 — VIALONGA

Exclusivo

O DESAFIO DEMOCRÁTICO DE GEORGES MARCHAIS Nas centrais

O QUÉNIA SOB OS BULLDOZERS

DOS MAU-MAU AOS ADMINISTRADORES

Um destacamento feminino do Exército queniano.

Por

Jean de La Guerivière

Excl. «Le Monde»/«DL»

1

NAIROBI — No Museu Nacional, uma idosa senhora inglesa afasta-se do grupo de turistas que admiram os leões empalhados colocados num cenário selvagem «reconstituído» e aproxima-se de uma vitrina. Ali se vêem punhais de cabo tosco e estranhas espingardas de fabrico artesanal da mais rudimentar. A legenda explica que se trata das armas utilizadas pelos «combatentes da liberdade». «Quem são os combatentes da liberdade?» pergunta a dama a um elegante africano, de casaco de cores vivas, que segura as mãos de uma rapariguinha debruçada sobre a vitrina. «Pois, bem, minha senhora, eram os Mau-Mau...», responde o africano com um largo sorriso. A inglesa agradece, afasta-se, acariciando os cabelos da rapariguinha, e volta rapidamente aos leões.

A surpresa da velha senhora compreende-se facilmente: tudo concorre na Nairobi de hoje para fazer esquecer esses anos 50 durante so quais alguns milhares de insurgidos, galvanizados pelo furor e pela magia, despertaram o grande receio nos brancos muito antes dos seus émulos do Congo Belga. Ao **«movimento nilista nascido do desespero»** sucedeu a raiva de construir; o **«fascínio pela audácia»** que, segundo o etnólogo Georges Balandier, quebrava **«a ordem normal das relações humanas»** e **«insinuava em todos os lugares a ameaça da morte»**, foi substituído pelo fascínio pela sociedade de consumo e pela busca das alegrias ternas da **«white way of life»** («estilo de vida do branco»).

Sacudida pelos «bulldozers», Nairobi é um imenso estaleiro. O «record» de altura do Hilton, aonde a Bíblia Sagrada se encontra em todos os quartos, foi ultrapassado pelo Centro de Conferências Kenyatta, cogumelo de vidro sobre uma imensa haste de betão, aonde se celebram as assembleias do F. M. I. e da BIRD.

A sede do Rotary para a Africa Oriental fica pouco abaixo dele, seguido pela Fiat House, I. P. S. Building e outros edifícios que um dédalo de escadas e de corredores para os quais dão embaixadas, restaurantes, ministérios e sedes das grandes sociedades, transforma em cidade dentro da cidade.

Como se guardassem uma concessão a preservar em qualquer fabuloso Eldorado, os futuros ocupantes dos imóveis em construção mandam inscrever os seus nomes sobre os tapumes da construção. Todas as nacionalidades estão ali representadas nas placas dos mestres-de-obras, dos construtores, dos arquitectos.

Os administradores quenianos, americanos, europeus ou japoneses andam ombro a ombro nas salas de banquete dos grandes hoteis aonde as sociedades reunem o seu pessoal para festejar qualquer balanço fora de série. Depois das **«horas de trabalho»**, cada um irá para um dos seus inumeráveis **«clubes privados»** que são, finalmente, os últimoss locais aonde se pode encontrar gente da mesma cor, porém, de momento, as fronteiras raciais estão abolidas pela busca comum da eficácia para o empreendimento.

O ESTILO «EXECUTIVO»

Diz-se que o Quénia é a Costa do Marfim da Africa Oriental, e compara-se o escol africano de Nairobi com o de Abidjan. A comparação estaria certa sem a seriedade, toda ela britânica, dos quenianos. Ao lado de um **«beberete comercial»** em Nairobi, a mais austera conferência monetária em Abidjan toma aspectos de uma boda campestre. A publicidade fixa os cânones do estilo «executivo» ((quadro) a que aspira a juventude universitária: os olhos fixos no relógio de pulso, uma **«pasta de diplomata»** na mão sobre a escada de um avião, o queniano dos anos 70 em nada se assemelha ao Mau-Mau cabeludo cujas façanhas, contadas nos livros de história, parecem remontar a uma época antediluviana.

Jomo Kenaytta

Facto quase único na Africa Negra, o aforro entrou nos seus hábitos. À entrada dos bancos, há cartazes que mostram a casa que poderá pretender um dia o cliente previdente. O casal ideal tem um número limitado de filhos. O chefe de família sobrecarregado já não se usa. Para reduzir a taxa de crescimento da popuiação, que continua muito elevada (cerca de 3 por cento), o governo encoraja o controlo dos nascimentos. Filmes educativos são projectados nas escolas, incluindo nas de algumas instituições católicas.

Os fenómenos de identificação com o mundo dos bancos manifestam-se às vezes de maneira inesperada: já não se vêem nas revistas, anúncios de **Ambi, Clear Tone** e outras pomadas que «regeneram» a pele tornando-a mais clara. Tais factos sociológicos não podem deixar de encorajar os estrangeiros a fixar-se numa cidade que goza, além do mais, de um clima excepcionalmente temperado, devido à sua elevada altitude. A Coca-Cola, a Firestone, e muitas outras sociedades americanas escolheram Nairobi para sede das suas actividades em Africa. País cujos recursos naturais são essencialmente agrícolas, o Quénia, como a Costa do Marfim, deve o desenvolvimento da sua capital a uma política sistemática de abertura para o estrangeiro.

O Estado controla o **«capitalismo selvagem»** muito mais estreitamente do que geralmente se possa pensar, porém, o estado de espírito que reina é tranquilizador. Desde 1971, é proibido fazer sair do país divisas quenianas. Em todos os países «socialistas» de Africa que tomaram medidas análogas, as grandes sociedades iludem alegremente a interdição através de artifícios de contabilidade, porém, o simples viajante que tem de passar pela alfândega vê-se cada vez mais rebuscado de alto a baixo por polícias burocratas, em busca de pequenas quantias. Enganadora ou não, é, pelo contrário, a imagem da liberdade a que oferece a alfândega do aeroporto de Nairobi, que, depois, da sacramental pergunta, rindo, se **«não tem pistola, não tem granadas a declarar»**, coloca imediatamente sobre a mala de viagem o risco de giz libertador, acompanhado de um altissonante **«Welcome in Kenya»** («Benvindo ao Quénia»), pois, o governo esforça-se por tornar o controlo dos câmbios tão «indolor» quanto possível.

Embora o Quénia seja o país de Africa em que o pessoal de enquadramento das sociedades internacionais aceita mais facilmente expatriar-se, estas sociedades devem ter em conta a vontade de «africanização» da «administração» afirmada pelas auroridades de Nairobi. Em 1971, numas seis dezenas de empresas, cada uma delas empregando mais de 150 «quadros», somente 40 por cento destes eram africanos. Hoje, segundo um estudo oficial, 74 por cento em média das pessoas que ocupam lugares de responsabilidade no sector terciário são de nacionalidade queniana (83 por cento no sector público e 68 por cento no sector privado).

No momento em que uma nova **élite** africana — os **«Wa-Benzi»**, **«aqueles que se deslocam em Mercedes-Benz»** — ocupa progressivamente os locais de estacionamento, assiste-se em Nairobi a uma inquietante deterioração do clima social. Há indícios que convidam a interrogar-se sobre a prosperidade aparente: assim, cada imóvel é guardado por estranhos vigilantes, armados de longos cacetes. E que Nairobi detém, também, o «record» de criminalidade da Africa Oriental. Os rapazes maus vêm geralmente do imenso bairro da lata que se formou a uma vintena de quilómetros do centro. E ali que chegam os rurais atraídos pela reputação da grande cidade, à cadência de cerca de 25 mil por ano.

Este Verão, este movimento de população foi ainda mais importante do que o habitual, porque a seca, que assolou as zonas de pastagen situadas a 150 quilómetros ao Sul de Nairobi, fez deslocar os pastores Masai para a capital. Milhares de bovinos, que se dessedentam agora às portas da capital, provocam engarrafamentos monstros.

Apesar de uma urbanização espectacular, o Quénia não conta hoje senão um milhão de assalariados. Para remediar o subemprego, o governo obrigou em 1970 todos os patrões a contratar um extra de 10 por cento de trabalahdores; em contrapartida, os salários foram bloqueados e os sindicatos privaram-se de declarar greves. Estas medidas autoritárias não foram suficientes para reduzir o desemprego, que atinge hoje um quarto da população de Nairobi. Em 125 000 jovens que saem todos os anos da escola, somente 30 000 encontram uma situação, porém,

Continua na página seguinte

O QUÉNIA SOB OS BULL DOZERS

Continuação da página um

a maior parte recusa-se a «**voltar à selva**».

O Quénia é povoado muito irregularmente, pois, 85 por cento da população vive em 15 por cento do território: a região de Nairobi e o Rift Valley; as margens do lago Vitória; a costa de Mombaça a Malindi. O resto do país pertence aos nómadas.

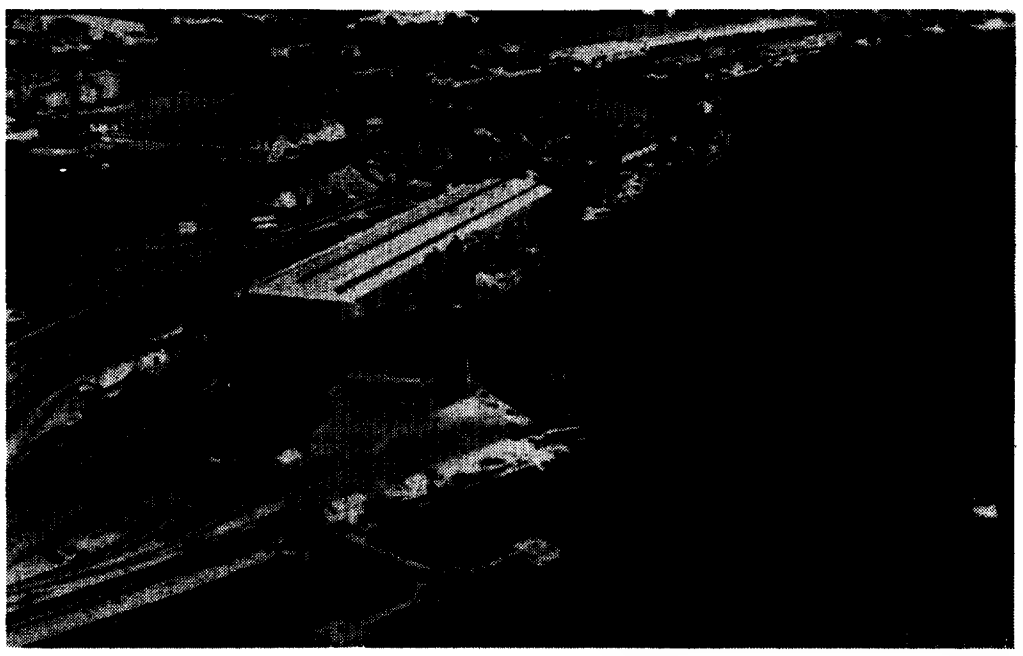
Nos 80 000 quilómetros quadrados do «**Quénia útil**» cultiva-se chá e café que, juntamente com o gado, constituem as principais exportações do país, cujo comércio externo é fortemente deficitário. A «**explosão**» de Nairobi não deve fazer esquecer que, em 1971, o Quénia atravessou um período difícil após duas estações de seca. Nesse ano, as importações (essencialmente produtos manufacturados) aumentaram perto de 40 por cento e as exportações (sobretudo de produtos agrícolas) apenas 2 por cento. Este «déficit» foi nivelado em grande parte pelas divisas dos 293 000 turistas que visitaram o país nesse mesmo ano e pelas 50 000 pessoas que ali se dirigiram em viagem de negócios.

A «WILDLIFE»

Para estes turistas, os «**bulldozers**» nivelam incessantemente novas pistas de aterragem, cavam as fundações de hoteis gigantes, na costa, e desbravam a selva, no interior, aonde instalam «**lodges**», espécie de hoteis constituídos por pavilhões que servem de base para os safaris. Alimentado pela K. T. D. C. (Kenya Tourist Development Corporation), sociedade do Estado que trabalha com a participação de capitais privados, o culto da «**wildlife**» («**a vida selvagem**») está omnipresente. Todos os fabricantes de calçado, de fatos leves, de máquinas fotográficas e de binóculos, convidam cada um a disfarçar-se numa espécie de Hemingway viril e barbudo, cujos traços se encontram em numerosos cartazes. Inumeráveis «**duty free shops**» («lojas francas») propõem aos estrangeiros aparelhagem de fotografia vendida isenta de direitos.

Hoje, com efeito, as sensações fortes da caça grossa estão reservadas a uma ínfima minoria. A batida aos leões foi substituída pelo seu sucedâneo democrático: o «safari-foto». O governo compreendeu que, na hora do turismo de massa, seria preciso orientar o seu esforço para uma criação de reservas e de parques nacionais. Tudo o que tende a desviar o instinto da caça para satisfações de ordem mais estética é encorajado: os cineastas franceses François Bel e Gérard Vienne, autores do filme «O Território dos Outros» — documentário sobre a vida dos animais selvagens da Europa — foram convidados a filmar nos parques quenianos.

No entanto, a fauna continua ameaçada. A caça grossa é uma actividade em plena expansão, apesar das penas a que estão sujeitos aqueles que são apanhados em infracção. Quando de uma busca efectuada recentemente numa sumptuosa «vila» de Nairobi, a polícia descobriu perto de uma tonelada de dentes de elefante, conta o correspondente da agência U. P. I. Verdadeiros filões são organizados por pessoas de aparência respeitável e altamente colocadas. Comprado a 6 francos o quilo aos caçadores furtivos, o marfim é vendido a 126 francos na Índia, em Hong-Kong ou na China, depois de ter saído clandestinamente do Quénia, via Tanzânia.



Uma vista do porto de Mombaça

Contra os caçadores furtivos, que utilizam também flechas envenenadas e poderosas armadilhas de aço, o governo constituiu uma brigada especial equipada com aviões ligeiros e jipes. A caça aos caçadores furtivos faz-se em condições implacáveis: uma meia dúzia de guardas encontraram a morte no decurso destas operações.

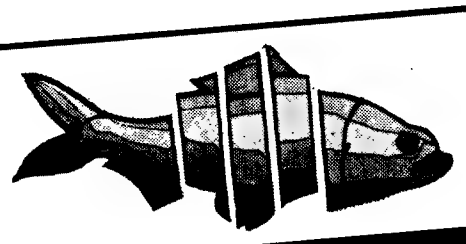
Da mesma forma que não encoraja os dissipadores, o governo não deseja a vinda dos «**hippies**» que, há já alguns anos, começaram a preferir as margens da Africa Oriental às da Índia. O Quénia acaba de encerrar as suas fronteiras a esses «**pés-descalços**» que, segundo o vice-presidente Daniel Arap Moi, «**se comportam como se fossem pobres, quando o não são**». Aquilo que se aprecia em Nairobi e Mombaça, é o turista «por atacado», o adepto da viagem em grupo, que não é muito curioso e cujas despesas são fáceis de contabilizar.

Um carro de turistas pára defronte do terraço do New Stanley Hotel. Trinta japoneses descem dele e começam a filmar os alelujados e os pedintes a tagarelar. Os paquetes do hotel apressam-se a tomar conta das bagagens. «**Estamos em vias de nos transformarmos num povo de servidores**», vocifera então um estudante. A «inteligentsia» do país detesta, com efeito, o afluxo turístico: «**Para criar artificialmente empregos, colocam-se os africanos numa perigosa posição de subordinação relativamente ao estrangeiro. O espectáculo insolente da riqueza provoca um secreto rancor entre os nossos**».

Problemas análogos se levantam a propósito do desenvolvimento das actividades comerciais das firmas estrangeiras. Ao contrário da vizinha Tanzânia, aonde, segundo a política oficial, a «descolagem» económica deve fazer-se a partir da «base», nomeadamente das massas camponesas, o Quénia considera que a valorização do país deve começar por alguns sectores de ponta cujo desenvolvimento terá «metasteses» que atingirão progressivamente todo o país. «**Evidentemente**», observam com humor os dirigentes perante os quais se evocam as distorções sociais, «**o produto nacional está ainda muito desigualmente repartido, porém, se estas desigualdades são chocantes é porque aqui, pelo menos, há ainda alguma coisa a redistribuir**». Existe, todavia, uma falha neste optimismo: o que acontecerá depois da morte, ou da retirada, do «**pai da nação**», Jomo Kenyatta, presidente do Quénia desde o seu acesso à independência?

peixe congelado
o peixe
do século xx

	Preços por Kg
Chicharro	3.20
Sardinha	7.00
Cachúcho branco	12.00
Marmota pequena com cabeça	10.00
Pargo pequeno	18.00
Peixe vermelho (red-fish)	13.50
Bacalhau (às postas)	13.00
Bacalhau inteiro	12.50
Pescada/peixe inteiro até 0,250 Kg	11.00
de 0,250 a 0,500 Kg	13.00
de 0,500 a 0,800 Kg	15.00
de 0,800 a 1,500 Kg	17.00
de 1,500 a 2,400 Kg	20.00
Pescada/posta	17.00



PEIXE para SI
PEIXE para TODOS

NA ALBÂNIA:
CONTINUA A GUERRA FRIA

Os homens de Estado, no Ocidente como no Leste, estão a reduzir as suas defesas em nome do desanuviamento. Mas um país há que parece decidido a manter as suas «correntes de ar frio»: o mini-estado comunista da Albânia.

A emissora de rádio em Tirana, a graciosa capital que se debruça sobre o Adriático, não interrompeu nem por um dia as suas estridentes emissões para os países balcânicos, para a Itália, para o Médio Oriente e para a União Soviética, condenando no mesmo tom os revisionistas comunistas e os «imperialistas» e exaltando o seu único amigo e aliado — a China.

Mais ainda: o primeiro secretário albanês, Enver Hoxha, que há 29 anos dirige os dois milhões e meio de cidadãos do seu país, principiou agora uma depuração dos elementos «que se deixaram ludibriar pelas influências liberais e ocidentais» — afirma-se em círculos diplomáticos de Belgrado.

E indica-se a vítima mais importante da repressão: Fadil Pacrami, membro da Comissão Central do Partido Comunista da Albânia, secretário do distrito de Tirana e presidente da Assembleia Nacional.

Filiado do partido desde a primeira hora e escritor de mérito, Pacrami tem sido ultimamente denunciado em todos os jornais, na rádio e nos orgãos do Partido, sob a acusação de «fazer quanto lhe é possível para disseminar pontos de vista ideológicos anti-partido e anti-estado».

OFERTA DE BREJNEV À CHINA

Brejnev distribuiu em Taschkent fel e açúcar pelos dirigentes chineses. Uma vez mais, atacou os maoistas, que, segundo ele, praticam «contra o bom senso, uma política de resistência ao desanuviamento internacional». No entanto, propôs-lhe o regresso à amizade perdida, e, para começar, a normalização das relações entre os dois Estados. As querelas ideológicas passam agora para segundo plano, e o secretário-geral do Partido Comunista soviético já não se dá ao trabalho de demonstrar em que consiste o desviacionismo de Mao. Só o interessa aquilo que esteve, aliás, no centro do debate: as relações entre as duas potências vizinhas, que se acusam mutuamente de alimentar uma em relação à outra os mais negros desígnios.

Será possível que os dois países passem da guerra fria para o desanuviamento, para uma coexistência mais pacífica ou mesmo para a cooperação? Sim, respondem Brejnev e Chu-En-Lai. Mas estão ambos longe de porem, um e outro, as mesmas condições para essa normalização.

Para a U.R.S.S., Pequim terá primeiro de deixar de denunciar, a propósito de tudo e de nada, o «hegemonismo» do Kremlin, de alvoroçar o mundo inteiro contra as ambições agressivas dos «novos czares» e também de reivindicar uma parte do território soviético. Brejnev pretende que, antes de tudo o mais, seja consagrado o «statu quo», tanto na Asia como na Europa.

Os chineses replicam que a propaganda soviética deforma grosseiramente as suas posições. Eles não reclamam nenhum bocado da Sibéria. Pedem apenas que os soviéticos reconheçam que a U.R.S.S. continua a aproveitar-se das conquistas imperialistas dos czares: Moscovo abusou, em tempos, da fraqueza da China para lhe impor «tratados desiguais». E mais: após a conclusão destes tratados, fez mão baixa sobre aquilo que não lhe pertencia. Pequim não pede a restituição dessas regiões, mas apenas uma leve correcção do traçado das fronteiras.

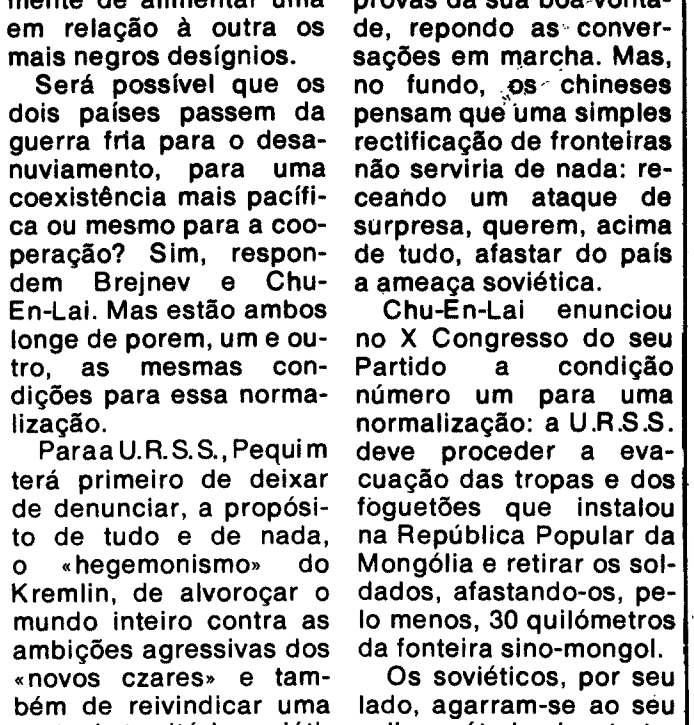
Assim apresentado, o conflito pode parecer de somenos importância. No entanto, as negociações entabuladas em 1969 para a solução deste conflito arrastam-se desesperadamente. De tempos a tempos, ambas as partes resolvem dar provas da sua boa-vontade, repondo as conversações em marcha. Mas, no fundo, os chineses pensam que uma simples rectificação de fronteiras não serviria de nada: receando um ataque de surpresa, querem, acima de tudo, afastar do país a ameaça soviética.

Chu-En-Lai enunciou no X Congresso do seu Partido a condição número um para uma normalização: a U.R.S.S. deve proceder a evacuação das tropas e dos foguetões que instalou na República Popular da Mongólia e retirar os soldados, afastando-os, pelo menos, 30 quilómetros da fonteira sino-mongol.

Os soviéticos, por seu lado, agarram-se ao seu velho método dos tratados: a normalização passa pela conclusão de um tratado de não-agressão. Mas é legítimo perguntar o que é que isso adiantaria: não é verdade que a China e a U.R.S.S. assinaram em 1950, por 30 anos, um tratado de aliança e de amizade que nunca foi denunciado?

Os observadores assinalaram, por outro lado, a passagem em que Brejnev se dirige em termos sibilinos, aos políticos estrangeiros, que, nos tempos que vão correndo, procuram «tirar vantagens» do conflito sino-soviético. A quem se destinou a advertência? A Kissinger, cuja política das «relações triangulares» inquieta, por vezes, o Kremlin? A Pompidou, cuja recente viagem à China provocou certa perplexidade em Moscovo? O secretário-geral do P.C. soviético também oferece açúcar e fel aos Ocidentais. Garante-lhes que prosseguirá obstinadamente a sua política de desanuviamento, mas prometeu-lhes um futuro amargo, no caso de especularem com a tensão sino-soviética.

Leonid Brejnev



Chu En-Lai

PUBLIARTE

DIMPLEX - RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO

CALOR DIMPLEX - Tão saudável como o calor do SOL...

...mas ainda mais seguro...

...e sem qualquer perigo...

- saudável porque o Radiador DIMPLEX não seca, não queima nem suja o ar que a Sua Família respira.
- mais seguro porque V. pode regular e escolher a temperatura que lhe der mais bem estar e conforto, e o inimitável termostato DIMPLEX (patenteado em todo o Mundo) assegurar-lhe-á por todo o tempo que V. quiser, uma temperatura ambiente sempre igual àquela que V. escolher.
- Sem qualquer perigo porque é equipado com um disjuntor de segurança, que desligará o radiador se algo de anormal se passar (curto-circuito, sobre-aquecimento, etc.). O Radiador DIMPLEX é o único do Mundo que pode estar em funcionamento contínuo, sem qualquer interrupção, durante semanas ou meses, graças à sua elevada técnica e incomparável QUALIDADE!
- Sem qualquer perigo porque até as crianças podem tocar a superfície do Radiador, sem perigo de queimaduras.
- Sem qualquer perigo porque o Calor DIMPLEX é natural e portanto não emite ondas ou radiações que possam alterar o metabolismo e prejudicar a saúde da Sua Família!

DIMPLEX - A maior Fábrica do Mundo de Radiadores Eléctricos a circulação de óleo.

Dimplex · MAIS DE 12 MILHÕES DE CLIENTES SATISFEITOS

À VENDA NOS AGENTES OFICIAIS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS: RAFAEL BURGUETE, LDA.
Rua António Enes, 20, 1.º - LISBOA - Tel. 563416
Av. Dr. Alfredo de Magalhães, 99 - PORTO - Tel. 26902

Agradeço o envio GRÁTIS, pelo correio, de um catálogo ilustrado DIMPLEX.
Nome_____
Morada_____

FILIPINAS, TERRA DE VIOLÊNCIA

Por ALAIN BOUC Exfucivo «Le Monde»/«DL»

«Os jornalistas têm exagerado muito, sabe, sobre a criminalidade em Manila, há muitas cidades estrangeiras, onde a violência não é menor, mas não se faz tanto barulho à volta delas. Aliás, a lei marcial diminuiu a frequência das agressões em 99 por cento». Juanito Baclig, antigo armeiro, obrigado a fechar a loja pelas leis de excepção, e, por isso, convertido em dono de restaurante, termina uma décima quarta ou décima quinta caneca de cerveja. Saio pela ruela, e vou dar à praça Santa-Cruz, ao pé de uma parelha de pequenos cavalos que levantam as patas dianteiras entre os varais dos tilburis. Acaba de anoitecer.

Um pequeno táxi preto aproxima-se. Passamos pela ponte MacArhur, em frente dos grandes parques, e metemos pela Avenida Taft. «Está a meter por um caminho errado». __ «Desculpe, senhor, há pouco tempo que trabalho em Manila, senhor». __ «Então meta pela direita, que o caminho é 0or ali». O táxi rooola pelas vielas e torna a rolar e depois pára. Dois homens saltam para dentro do carro. Um punhal refulge, e o cano de um revólver aaaparece no banco da frente. «Esperamos que você compreenda que isto é um **hol-um»**. Uma mão experiente tira-me o relógio de pulso, esvazia-me as algibeiras. «Quantos dólares traz consigo?». O homem do punhal entrega tudo quanto descobre ao homem da pistola, um jovem de peruca e camisa às flores, Depois, o táxi mete-se de novo em marcha, rolando durante cinco minutos por caminhos sombrios e ruas desertas, e eis-me, finalmente, a desembarcar numa avenida exterior.

Pouco depppois, descubro a polícia e os estranhos esplendores ddde Manila às duas da manhã. Graças ao livre trânsito, o «jeep» do sargento ignora o recolher obrigatório, peddindo em cada cruzamento autorização para seguir um ilusória reconstituiçãoo do itinerário. A partir da meia-noitee, a capital pertence ao Exército e à Polícia de Segurança, cujos elementos atiram a matar sobre os suspeitos, sem disitinguirem entre os delinquentes de direito comum e os políticos. Durante quatro horas, Manila é uma cidade morta.

A Polícia Municipal confia o meu caso ao serviço especializadooo: a Tourist Assistence Unit (Unidade de Assistência aos Turistas). O estrangeiro, fooornecedor de divisas e testemunha da ordem interna, tem, na verdade, direito a um polícia especial, mais diligente e decerto menos suspeita de corrupção. Uma Polícia, cujos membros falam inglês com salam inglês com sotaque amerisua sede num dos bairros mais belos da capital.

A POLÍCIA DILIGÊNCIA

A lei marcial do presidente Marcos não é popular, mas, para a maioria dos filipinos teve, pelo menos, o mérito de ter feito diminuir a criminalidadee. Na verdade, esta baixou muito nas primeiras semanas, mas, dez meses mais tarde, atinge novamente taxas perigosas. Em princípio, já não há agressão à mão armada em pleno dia e em pleno centro da cidade; mas considera-se «normal» que as pessoas anotem a matrícula de um táxi, antes de subirem para o carro. Muitos filipinos mostraram-se espantados com a minha negligência «pouco vulgar».

A Polícia mostra-se ddiligente. «Fizemos tudo quanto estava ao nosso alcance, mas infelizmente não conseguimos nada. Esperamos que o senhor, que é jornalista, não escreva nada que deixe ficar mal os filipinos...» O país conta com o turismo para reduzir um grave «defficit» da balança de pagamentos...

A Polícia dos turistas tem curiosos processos entre mãos. Podemos ajuízar de um país pelos seus bandos organizados dde ladrões e pellos seus delinquentes. Os das Filipinas souberam adaptar-se à clientela estrangeira. Um desfile de fotografias: falsos polícias com cara de gente honesta, que embolsam multas ou roubam o interpelado; falsos guias bilingues ou trilingues (sinal dos tempos, o japonês rivaliza com o inglês); escroques da massagem, que esvaziam os bolsos do estrangeiro, ennanguescido pelas carícias distribuídas nas «beauty parlours»; especialistassde «hold-up» em táxi, e, finalmente, a organização da miséria, a dos sindicatos de carteiristas,, que agregam e iniciam criancas.

É difícil abolir a criminalidade numa sociedade violenta. É certo que o **Hino da Nova Sociedade**, cantado nos cinemas por rapazinhos em traje de comunhão ssolene faz lembrar a tranquila **Ave Maria, Stella** e é acompanhado nnno **écran** cascatas, crepúsculos e flores-florestas. Mas este cântico tranquilizadooor nada tem que ver com as realidades do país.

O presidente Ferdinando Marcos

Violentas são também as cores: o vermelho e o verde dos carros pintalgados, o ocre dos caminhos, o malva ou o castanho das camisas, tudo isto avivado pelo sol dos trópicos, que faz resplandecer o reboco imaculado das casas espanholas. Para completar o espectáculo da rua há que juntar os umos cuspidos pelos carros velhos, as incessantes detonações,,, e, um pouco por toda a parte, os homens «caqui»»» e os homens azuis com insígnias metálicasss e divisas douradas.

A MISÉRIA

Não muito longe das riquezas insolentes de Roxas-Boulevard, uma espéciee de «Promenade des Anglais» com as suas palmeiras à beira-mar, ppperto das «subddivisões» de Makati, estes bairros muito residenciais, sumptuosos, guardados por polícias particulares, deparairam-se-nos a vida dos pobres, os pardieiros, as casas de bambu sobre estacas, simples caixotes que oscilam nas águaas sujas. Feliz daquele que consegue escapar ao desemprego e pode ganhar a sua vida por 65 cêntimmos à hora. Fora das cidades, os camponeses continuam à espera que a última reforma agrária, mais uma, não fique no papel para a maioria deles.

Violência da miséria, na cidade como nas «haciendas», onde os dias correm sem esperança, onde o magro prato da véspeera se encontra de novo no dia seguinte, onde três sardinhas são uma fortuna e onde a refeição da noite se organiza à volta de um tomate; mundo insalubre, onde o corpo cedo se desgasta, onde as mulheres têm cinco anos de florescimento físico pelos vinte anos, e depois começam a envelhecer, esgotadas pelas maternidades.

Toda aaa agressividade interior do pobre se exprime nos eeus jogos, como os cruéis coombates de galos. É ver nas aldeias o delírio exultante e insensato dos apostadores, à volta do ringue onde as duas aves votadas à morte vão enfrentar-se. É a «corbbeille» (a) da Bolsa em período de febril especulação. Os saláriosss passam de mão em mão, depois de um combate de dez segundos. Mas que violência, nesta trágica passagem de armas. Primeiro «aquecem-se» os dois galos, apresentando-os um ao outro, sem que eles se possam tocar, imobilizando-—lhes asss patas armadas da terrível faca; dão-lhes assim tempo para se assustarem um com o outro e para aprenderem a odiar-se. Os dois animais não tardam a apontar o bico, a tentar picar, a eriçar-se. Neste momento, stão prontos. Uma últiima carrrícia do proprietário,,, e os dois galináceos mergulham um no outro, a caminho da morte. A crista erguida, o pescoço horizontal como uma adaga, abrindo a cauda, ei-los quue voam um para o outro, através do ringue, acabando por se agarrar, no meio de uma explosão de asas. Um cai, outro encarniça-se sobre o pescoço, o corpo do vencido, continuando a prodigalizar os golpes fatais da lâmina. O combate acaba, quando o agonizante, apresentado ao vencedor, se deixa massacrar, sem reagir, de cabeça pendente.

É claro que uma sociedade destas não pode dispensar o sonho, o sonho de um mundo mais belo, onde o homem não seja mutilado. Não é necessário nem sequer desejável quee esse mundo se faça à imagem e semelhança dos filipinos.

Em Cotabaco, cidade cercada pela insurreição na ilha de Mindanao, continua presente a iconografia religiosa tradicional trazida pela Espanha: os legionários de pernas grossas e sandálias, as mulheres de véu e com vestes que lhes chegam aos tornozelos, Santo António de Pádua de vestido castanho, e Maria, vestida de azul e branco à maneira de Lisieux. Todos eles vieram doutro mundo, que nada tem a ver com este: o legionário não é o paraquedista de uniforme «leopardo» que partirá amanhã para ir abrir caminho, Pôncio Pilatos não é o governador, e estes pobres que rodeiam Jeseus têm tantos músculos e são tão altos que é impossível compará-los com esses homens franzinos e escurecidos pelo sol que aqui vêm rezar.

A Igreja de Santa-Cruz,, aquela precisamente em frente da qual confiámos no «chauffeur» de táxi crapuloso, mantém as portas abertas nas oites de Verão. No seu vidro púrpura, as velas em «bouquet» pareecem brasas incandescentes. Uma figura surrealista domina o coro: um cordeiro esquartejado, do qual escorre uma fonte que jorra sobre a terra com as linhas quebradas de um raio. O pregador discorre, em americano, sobre o belo tema da paz... Mas em que tom. «A Virgem de Fátima bem o disse: a Rússia librar-se-á um dia do comunismo».

A Igreja é, nas Filipinas, uma Igreja de combate. Não diminui a violência, mas consola.

Um extraordinário vazio cultural priva o país da sua identidade. Um cartaz muito espalhado aconselha: «Caminha orgulhosamente, és filipino». Mas muitos filipinos não se fazem rogados para nos confessarem que se sentem humilhados por viverem num país, cuja cultura e cuja economia dependem do exterior.

Quanto ao Governo, esse põe os olhos em Bangcok, e, sobretudo, em Djakarta. «A Indonésia, dizem em privado os funcionários, é um modelo. Conseguiu livrar-se sozinha dos comunistas, sem soldados americanos nem estrangeiros». Aqueles que se lembram dos massacres de 1965 apreciarão decerto esta reflexão.

(a) Espaço reservado no meio da sala comum dos edifícios da Bolsa, onde se reúnem oos agentes de câmbio paaara efectuar as suas transacções.

o seu DATSUN já pode ter os melhores faróis do mundo ...

substituindo as ópticas de origem por ópticas CIBIÉ com lâmpada de iodo H4 nos centros de assistência técnica

AUTOSIL

em: Lisboa · Porto · Coimbra · Viseu Castelo Branco · Setúbal · Évora · Beja · Faro

DURANTE ESTA CAMPANHA DE LANÇAMENTO AS ÓPTICAS DE ORIGEM SERÃO VALORIZADAS

motorrevista

O ANO WATERGATE

Ao ratificar, no dia 21 de Setembro passado, a nomeação de Kissinger para o posto de secretário de Estado, por uma maioria maciça (apenas sete dos seus membros se lhe opuseram, sendo um deles o antigo candidato democrático à Presidência, George McGovern), o Senado americano fez aquilo que se esperava. O que espanta não é que os senadores tenham dado os seus votos à personalidade mais competente que a diplomacia americana teve de longe à cabeça nestes últimos 15 anos, mas sim que, ciosos de manifestarem, uma vez mais, as suas prerrogativas face ao Executivo, eles tenham esperado um mês, contado dia por dia, para aprovarem a escolha do presidente Nixon. O tempo começava a urgir, e tanto assim que Kissinger empreendeu já, entretanto, o seu primeiro acto público, ao tomar a palavra perante a Assembleia Geral da O.N.U.

Exclusivo
«Le Monde»/«DL»

O Departamento de Estado começa assim, vida nova, mas poderemos nós dizer outro tanto da política externa americana? Como era de prever, essa política sofreu este ano os efeitos do caso Watergate. Por mais que este escândalo se tenha vindo a arrastar e tenha começado a fatigar um tanto as opiniões, nomeadamente no estrangeiro, o certo é que está longe de ter terminado, pois o caso das fitas magnéticas, que o presidente se recusa a entregar, ameaça vir a desembocar num conflito constitucional da maior gravidade. Além disso, eis que Nixon se vê agora confrontado com o «problema Agnew» (com quem se avistou já mais de uma vez para discutir as acusações de corrupção de que o vice-presidente é objecto no Estado de Maryland), problema esse que poderá vir a resultar, mais dia, menos dia, na demissão do interessado.

Manietado por estes problemas internos sem precedentes, aos quais veio juntar-se, nos últimos tempos, o do agravamento da inflação, o presidente fica decididamente com bem pouco tempo e autoridade para retomar nas mãos essa «grande política externa» que tantos êxitos lhe granjeou em 1972.

Em especial, o ano corrente, que devia ser o «ano da Europa», tem sido afinal até agora o ano do Watergate. A viagem que o presidente devia efectuar este Outuno ao velho continente parece cada vez mais duvidosa, não só por causa da situação interna americana, mas também — e talvez ainda mais — porque Nixon e Kissinger estão hoje menos convencidos de que ela levaria a resultados tangíveis. O novo secretário de Estado avistou-se, entretanto, em Nova York com Andersen, o emissário dinamarquês dos «Nove», ao qual participou a sua reacção ao projecto de «declaração de princípios» entre a Comunidade e os Estados Unidos, estabelecido no dia 10 do mês passado em Copenhague. Nada indica que este texto tenha satisfeito inteiramente os americanos, e resta ainda entenderem-se sobre um outro documento, este relativo à segurança, que definirá as relações no seio da Aliança. Washington deseja apôr a estes dias documentos uma espécie de «chapéu» geral, que seria uma carta das relações entre o Antigo e o Novo Mundo. Alguns europeus, e, sobretudo a França, vêem com maus olhos este projecto que equivaleria a lançar novamente na mesa as tentativas de globalidade já rejeitadas este Verão, e poderia levar à situação tão receada de regatear as garantias americanas em matéria de defesa em troca das concessões comerciais da Europa.

Insegura já no seu programa europeu, obrigada a um compasso de espera nas suas relações com a China, refreada na sua aproximação com Moscovo pelas objecções do Congresso àcerca das liberdades individuais na URSS, a diplomacia americana tem de encontrar novo alento. Toda a habilidade de Kissinger não será demais para lhe restituir vigor e eficácia.

Nixon — um presidente em dificuldades

DESAFIO À QUALIDADE!...

molygrafite

no topo da técnica
da lubrificação!

o único óleo
com lubrificantes sólidos
incorporados
pronto a ser utilizado

é tempo
de o conhecer!

este o TERCEIRO dos três mais rigorosos testes
a que até hoje um óleo foi submetido:

50 km
percorridos
sem óleo!

mas já usava antes
molygrafite

Carro de série,
habitualmente lubrificado
com MOLYGRAFITE.

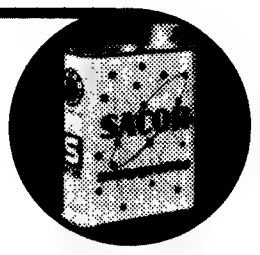
50 quilómetros a percorrer,
SEM ÓLEO NO CARTER!

Quarenta minutos mais tarde,
o teste oficialmente comprovado resultou
e o automóvel encontra-se em estado de mecânica
que permite a marcha normal.

Não quisemos provar que se pode rodar sem óleo, nem lhe pedimos que faça o mesmo. Apenas desejamos pôr em evidência a incrível aderência às superfícies metálicas dos lubrificantes sólidos associados (**bissulfureto de molybdénio e grafite**) contidos no óleo MOLYGRAFITE.

Com efeito, eles constituem uma película protectora muito eficaz, bastante para evitar o contacto metal/metal (e eventualmente gripagem) mesmo nas condições mais severas.

agora
não hesite!...
sacor
molygrafite



SACOR-83

3

Crítica de ALAIN DUHAMEL
Exclusivo «Le Monde» — «D. L.»

O DESAFIO DEMOCRÁTICO

DE GEORGES MARCHAIS

Georges Marchais

O editor é burguês, o título, «schreiberiano», o lançamento, «à americana», mas o livro, esse, é bem comunista. É que «Le Defi Democratique» (O Desafio Democrático) agora publicado por Georges Marchais, é escrito à imagem e semelhança da nova marcha do Partido Comunista Francês, modelo 1973: um partido agressivo, mas respeitável, aberto — em todo o caso, entreaberto — mas disciplinado, candidato a um governo de união da esquerda, para começar, aspirante à revolução proletária, para acabar.

Marchais não esconde o seu objectivo. Para ele, a sociedade francesa está em crise. A economia capitalista está periclitante. Os valores morais estão a afundar-se. A maioria, perseguida de perto pela união da esquerda, só conseguiu evitar o naufrágio, em Março último, graças à organização de uma vasta campanha de intoxicação. O programa da esquerda foi, pois, diz ele, cinicamente caricaturado, o Partido Comunista, sistematicamente caluniado, o verdadeiro rosto dos países do Leste Europeu, deliberadamente deformado. Impunha-se, pois, uma reacção sem tardança. Eis o que se faz com este livro.

Esta campanha de rectificação e promoção fá-la o secretário-geral do Partido Comunista francês à sua maneira. Não se embrenha, nem por um instante, pelos arabescos intelectuais de um Edgar Faure, nem pelos raciocínios imperiosos de um Pierre Mendès France. Não manifesta, nem por uns segundos, o gosto e o talento de escrita de um François Metterand. Não. Basta-lhe uma simplicidade de expressão, feita de frases breves, nas quais repete os **slogans** cuidadosamente rodados durante a campanha eleitoral. Este estilo quase oral não deixa de ter a sua personalidade, e, ao lê-lo, parece-nos muitas vezes, estar a ouvir o autor, martelando pausadamente as frases, com os olhos inquiridores, as sobrancelhas carregadas, ora veemente, ora folgazão, seguro das suas ideias, seguro do seu Partido, seguro de si próprio.

O seu desafio lança-o ele naturalmente, primeiro no terreno das liberdades, pois, como rudemente frisa, «é aqui que nos querem ouvir». E fá-lo sem complexos nem esquivas. Tudo começa por um chamamento brutal de todas as distorções à democracia cometidas nos países ocidentais: autoritarismo de uma «Presidência absoluta» em França, opressão na Grécia ou em Espanha, imperialismo americano, não falta nem um argumento nem um exemplo do requisitório clássico, e a actualidade podia, aliás, fornecer-lhe outros. Em discussão o programa do Partido Comunista francês, e, sobretudo, três esclarecimentos especialmente incisivos.

Compromissos firmes

Em primeiro lugar, a alternativa: desta vez, acabaram as tergiversações, as fórmulas ambíguas ou as garantias em «trompe l'oeil». Georges Marchais promete-no-la solenemente «em todas as circunstâncias» e »para todos» sem reserva nem excepção. É claro que ele se recusa a acreditar que o problema da alternativa se ponha alguma vez, e que os franceses, depois de terem saboreado o socialismo, possam ter a aberração de querer voltar ao capitalismo. Mas, enfim, se por acaso tivessem tal tentação, eram livres de o fazer.

A mesma atitude no que respeita à pluralidade de partidos: a União Soviética seguiu a sua via própria, por razões históricas, que nos são especificadas: a França seguirá a sua, que será diferente. Portanto, nem partido único, nem partido hegemónico, nem entrave, seja ele qual for, às formações opostas ao Governo, e até mesmo ao regime: «Os partidos da oposição terão o seu lugar? A nossa resposta é simples e clara: sim». A livre competição dos partidos é garantida, sem cláusula de salvaguarda, Georges Marchais assim se compromete a fazê-lo.

Por fim, a mesma garantia no que se refere à laicização e neutralidade do Estado: nunca, em matéria nenhuma, haverá que confundir o aparelho governamental com um partido, mesmo com o da classe operária. Nunca, de modo nenhum, poderá haver filosofia oficial imposta em prejuízo de outras correntes de pensamento. O marxismo será ensinado como todas as doutrinas importantes, sem privilégio especial. Se a democracia se funda na livre concorrência dos partidos, dos homens e das ideias, em parte nenhuma estaria mais bem assegurada que na sociedade descrita por Georges Marchais.

É, sem dúvida, a primeira vez que um partido comunista ocidental assume tão vigorosamente compromissos tão firmes. É um acontecimento. Um importante acontecimento. Mas sê-lo-ia ainda mais, se não subsistisse nas afirmações do autor, uma ambiguidade de monta. É que a poucas páginas de distância, Georges Marchais descreve uma democracia de sonho para a França, e defende, com unhas e dentes, a realidade dos países do Leste Europeu, neste preciso domínio. Assim, o pluripartidarismo existe já, precisamente na Bulgária, na Polónia, na República Democrática Alemã (R. D. A.). este último Estado, é mesmo um deputado democrata-cristão que preside à Câmara do Povo. É certo que estas experiências podiam ser melhoradas. Mas já temos aí a existência de partidos concorrentes. O que, de certo modo, constitui um precedente.

Referências inquietantes

Georges Marchais não podia ser mais completo quanto à França socialista que projecta. Também não podia ser mais inquietante na escolha das suas referências. Porque a democracia não pode contentar-se com a pantomina. Os pequenos partidos que subsistem na Polónia ou na R. D. A. fazem apenas figuração. São instalados nas tribunas oficiais, pelo tempo que dura uma cerimónia, e depois, arrumam-nos na prateleira. É, na melhor das hipóteses, o coro admitido a retomar o tema dos heróis. E é evidente que não se pode, sem dar pasto à desconfiança, desposar com uma das mãos o liberalismo político, e ficar com a outra admirador da situação que reina na R. D. A. ou na Polónia. Isso não significa que as novas posições do Partido Comunista Francês não tenham importância. Isso significa apenas que não não dissipam a incerteza.

A isto opõe Georges Marchais dois argumentos. Um é fraco: é que, em matéria de democracia, os países ocidentais fariam melhor se começassem por aplicar os seus próprios princípios. A crítica é muito fundamentada, mas está fora de causa, porque o que ele quer fundar é uma democracia socialista. O segundo é mais subtil: é que o que há a considerar não é uma situação cristalizada em dado momento, mas a tendência durante um largo período. Ora diz ele, em matéria de democracia política o mundo ocidental tende a regredir, o mundo socialista, a avançar. Se considerarmos o Chile e a Hungria, o autor tem, sem dúvida razão. Se considerarmos a França e a União Soviética, não temos provas de tal.

A questão da democracia, o «desafio democrático» é, pois, a questão central do livro. Não é a única. Encontra-se também na obra de Georges Marchais um requisitório vigorosos e que muitas vezes se sente justo contra a «miséria moderna». Em muitos domínios, aflora a evolução do P. C. Assim, o papel do Estado na economia, reduzido à figura de «regulador»; assim a autogestão, abordada com um espírito de abertura que há apenas dois ou três anos, de certeza, não existia ainda. Assim, para os amadores de teoria, a definição de classe operária, que não exclui nem os trabalhadores intelectuais nem mesmo certas camadas médias. Em compensação, imobilismo absoluto sobre a Europa — a divergência com os socialistas é mesmo sublinhada abruptamente — e nenhuma investigação nova no sector económico. Continua

O EXÉRCITO E A POLÍTICA

EXCLUSIVO «LE MONDE»/«DL»

O general da Força Aérea, François Maurin, echefe do Estado-Maior do Exército francês, respondeu, em entrevista à «Europa 1», a um artigo sobre a defesa nacional, publicado no número de Setembro de «Frontière», revista mensal do C. E. R. E. S. (Centro de Estudos, Investigações e Educação Socialistas).

«O Exército francês», disse ele, «não está ao serviço do capitalismo, mas da nação, para garantir a sua independência. (...). O nosso Exército não está ao serviço de nenhum imperialismo estrangeiro.»

Tendo-lhe sido perguntado se existiriam «em potência» generais Pinochet — chefe da Junta chilena — no Exército francês, o general Maurin declarou: «Creio que a situação em França não é comparável à do Chile (...). O Exército francês está ao serviço da República. O Exército francês não está à disposição de um partido ou de uma fracção da sociedade, mas sim às ordens do presidente da República, eleito pelo povo francês.»

. . Depois, o general Maurin referiu-se às declarações que o ministro do Exército, Robert Galley, proferiu na Assembleia Nacional, no dia 13 de

entender-se que as randes sociedades não acionalizadas poderão agar mais impostos, e, o mesmo tempo, au-entar substancialmente s salários, reduzir a du-ação do trabalho, me-horar as condições do abalho, investir, e fazer ace à concorrência in-ernacional.

Mas, com a publi-ação deste «desafio de-nocrático», Marchais uis, em primeiro lugar, rir um debate. Todos s elementos sus-eptíveis de o alimentar e encontram no seu li-ro. Resta agora demons-ar que a discussão po-e desenrolar-se, sem ue o P. C. se erija em rofessor compreensivo, sperando que os seus lunos ainda imaturos se erguem aos seus argu-entos.

unho passado. O minis-o dissera em subs-ancia que, se a França ecidisse livre e demo-raticamente modificar a artilha entre proprieda-e pública e privada e onfiar o Poder a outros rupos políticos que não presente maioria, fa-endo-o no respeito das nstituições da Repúbli-a, o Exército não se poria a tais transfor-

nações.

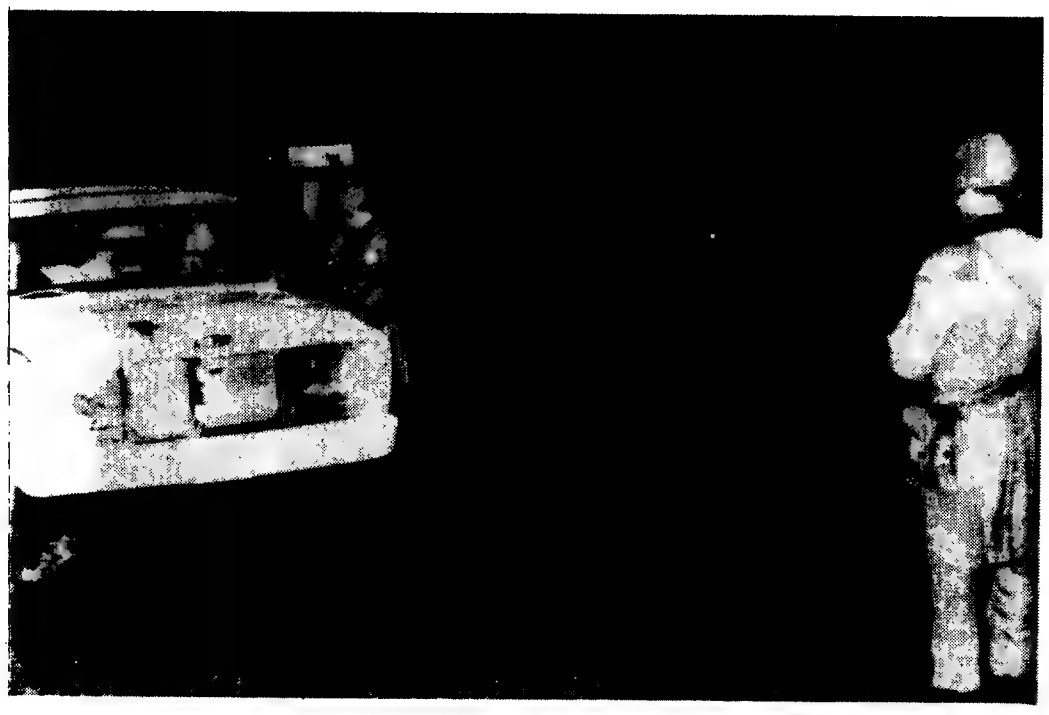
Segundo o general laurin, países como a rança devem disporde m «potencial militar in-iscutível», se querem r uma influência no undo actual, e que esta erdade se aplica «seja qual for o regime que se encontre no Poder». O general acrescentou que «não existia em França o espírito que levasse à destruição dos **stocks** nucleares franceses».

No seu número de Setembro, a revista «Frontière» escrevia nomeadamente: «A esquerda não tem uma verdadeira política militar. Isso deve-se, em parte, à sua tradição e, em parte, à dificuldade de debater, desde já, situações concretas às quais terá de fazer face, quando tiver chegado ao Poder.»

A revista especificava: «A existência de uma doutrina militar não responde unicamente a uma necessidade de reflexão, sendo antes a condição necessária para que uma parte do corpo de oficiais se alie à esquerda. Ora, sem esta licença, será difícil e perigosa a subversão do equilíbrio de forças que a transformação revolucionária supõe. Não esqueçamos a lição de Maio de 1968.»

«A função do serviço militar, escrevia nomeadamente Alain Joxe, tem sido, desde há várias gerações, não a de garantir o êxito das guerras exteriores», que nós temos perdido, «mas sim a aprendizagem da disciplina, e, pela repressão, a reprodução do factor trabalho do capital dentro ou fora do território metropolitano, e a de congelar, em caso de crise grave, sob um regime de excepção de tipo fascista, uma parte da população jovem masculina.»

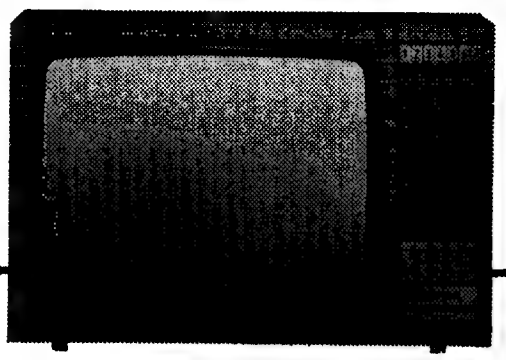
E o autor evocava «uma função inconfessada do dispositivo militar francés actual» (que é) «a mais importante, pois é a única função permanente e real, pelo menos, se aceitarmos uma definição marxista-leninista do Estado. Embora essa função seja tradicionalmente **camuflada** pelo destaque posto na defesa exterior do território, não é **negada** pelos textos legislativos em vigor nem pelos teóricos do Estado burgués. O que se viu na Primavera deste ano foi que esta função de preparação da defesa do Estado burgués, isto é, de preparação para a guerra civil, que o aparelho militar representa por essência, se transformou numa função **transparente** para as gerações jovens, que não conheceram nem a guerra de 1914, nem a invasão de 1940, nem a Libertação, nem a guerra da Indochina, nem a guerra da Argélia. Esta **transparência** é uma aquisição dificilmente reversível da consciência popular, porque as condições internacionais não são, de modo nenhum, favoráveis a uma bela guerrazinha da Argélia, susceptível de repor as coisas nos seus lugares, fornecendo um inimigo externo(...). O conteúdo real das reformas militares depende e dependerá sempre das forças políticas que as põem em acção e do conteúdo de classe do poder de Estado que as impulsiona, como mais um elemento, entre tantos, de uma política global.»



Com o televisor GRUNDIG de 61 cm tem a melhor dimensão de imagem. A garantia da sua perfeita estabilidade deve-se ao alto grau de transistorização de todos os circuitos e ao sistema protector de interferências de sinal. Selecção de programas por impulsos electrónicos. Reprodução de som com altifalante frontal. Vários modelos GRUNDIG de 61 cm, écran grande, electrónicos e ultra-electrónicos (UE).

GRUNDIG

GARANTIA DE QUALIDADE E DURAÇÃO



QUALIDADE GARANTIDA NR SGO ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

mais técnica, melhor serviço

O CAMINHO PARA O SOCIALISMO DEMOCRÁTICO

Por MAURICE DUVERGER Exclusivo «Le Monde» — «D. L.»

O drama do Chile levanta o problema da possibilidade da passagem para o socialismo pela via democrática, em termos bastante diferentes das interpretações feitas pelos partidos políticos franceses da maioria e da oposição. A paralisia económica do país, nos últimos meses do Governo Allende, era evidente, o que a esquerda deixa geralmente no esquecimento. Mas essa paralisisa derivava mais da greve dos camionistas e dos pequenos comerciantes, ferozmente antigovernamentais, e da recusa do Parlamento em votar as leis propostas pelo presidente, do que propriamente da natureza socialista das reformas realizadas por este, ou do desenrolar das nacionalizações «selvagens».

Por seu lado, a direita esquece-se de especificar que as principais vítimas da inflação galopante e da penúria dos produtos de consumo, isto é, os pobres e os assalariados, longe de se voltarem contra Salvador Allende, continuaram a dar-lhe o seu apoio constante e aumentaram-no até, pois a Unidade Popular passou de 36 por cento dos sufrágios, em 1970, para 43 por cento, em Março último. É, pois, falsa a imagem de um Exército levado a intervir pela pressão popular, para expulsar do Poder um Governo que estava a perder a confiança da nação. Apoiado por pouco mais de um terço dos chilenos no começo do seu mandato, o presidente era-o por cerca de metade no momento do golpe de Estado, e precisamente pela metade mais afectada pelas dificuldades materiais.

Aí reside provavelmente a razão número um do **putsch** militar. Enquanto a direita chilena acreditou que a experiência da Unidade Popular iria terminar pela vontade dos eleitores, manteve uma atitude democrática. O respeito pela Constituição merecia que se deixasse passar a tempestade, mas quando receou que a tempestade não passasse e que o jogo das instituições liberais culminasse na manutenção de Salvador Allende no poder e no desenvolvimento do socialismo, então preferiu a violência à lei.

A Comuna de 1871, os fascismos dos anos 30, os comentários da Imprensa sobre o golpe de Estado no Chile mostram que a direita europeia teria reacções análogas nas mesmas circunstâncias. E encontraria, sem dúvida, um apoio idêntico da parte dos militares. Republicano ou não, legalista ou não, neutro ou não, o Exército pende sempre por natureza, para o lado da ordem.

Enquanto o socialismo não estiver estabelecido e enquanto não tiver criado uma nova ordem, o Exército agarra-se instintivamente à ordem capitalista, a única que lhe parece ser ordem. Se se tratar de um Exército evoluído, tradicionalmente submetido ao poder civil, não acostumado aos «pronunciamientos», pode esperar-se que intervenha apenas, se se sentir apoiado por uma grande parte da nação. A atitude da maioria dos oficiais franceses, durante a guerra da Argélia, é, a este respeito, significativa.

Quer isto dizer que as regras do jogo maioritário, características da democracia liberal, não podem explicar-se de igual modo, quando o Governo levado ao Poder por eleições regulares não se limita a gerir a ordem capitalista existente ou a retocá-la por reformas secundárias, mas empreende a sua transformação radical para a substituir por uma ordem socialista. Na maior parte dos regimes ocidentais, maioria e oposição têm forças quase equivalentes e o Poder passa de uma para outra metade do país, graças à deslocação de uma pequena fracção de eleitores marginais. Muitas vezes aliás, a maioria parlamentar está nas mãos de um partido ou de uma coligação, mantida em minoria no país por causa dos sufrágios perdidos por pequenos grupos-charneira. Isto produz-se regularmente na Grã-Bretanha.

Pode mesmo acontecer, pelas bizarrias da lei eleitoral, que o poder caia nas mãos de um partido colocado em segunda posição: assim se passou com a «maioria» parlamentar inglesa, em 1951, e na presidência dos Estados-Unidos, em 1876. Estes governos minoritários não têm tido dificuldades sensivelmente maiores que os outros. Bem vistas as coisas, representam, tal como os governos «maioritários», cerca de metade do país. O sistema pluralista funciona sem atropelos nestas bases, porque a metade que governa não impõe à metade que está na oposição medidas inaceitáveis para esta. Heath e Pompidou não repõem seriamente em causa as vantagens sociais dos trabalhadores, Brandt e Palme não ameaçam o conjunto dos capitalistas. As decisões de uns e de outros são admissíveis para uma grande parte dos seus adversários.

A situação seria diferente, no caso de um Governo de esquerda, decidido a estabelecer um regime socialista democrático. As suas decisões seriam inaceitáveis para todos os seus adversários, que pensassem estar ameaçados de ver degradar profundamente as suas condições de vida e de se verem reduzidos a uma existência mais medíocre. Se toda a oposição estiver nesta situação, não será possível estabelecer o socialismo por métodos liberais e legalistas, seja qual for a boa vontade dos governantes. Podem gerir-se os assuntos correntes ou fazer-se

Continua na pág. nove

FAG

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES
NO PORTO

TODOS OS SERVIÇOS DA
FAG PORTUGUESA, L.DA NO PORTO
ESTÃO AGORA INSTALADOS EM EDIFICIO PROPRIO NA
RUA DELFIM FERREIRA, 719 a 739

compre na BAIXA
compre melhor

meia lua
PRONTO A VESTIR
MALHAS PARA
SENHORA e HOMEM
Rua dos Fanqueiros, 261
Tel. 36 12 54

CONFECÇÕES
Ribalta
para Homem e Senhora
LANIFÍCIOS NOVIDADES
Tel. 87 42 53
Rua dos Fanqueiros, 199

ALCATIFAS
DA
FÁBRICA AO PÚBLICO
VENDAS DIRECTAS
Rua Augusta, 84 — T. 323637

Phoebus
CAMISEIROS
CHAPELEIROS
PRONTO
A VESTIR
Rua Aurea, 287
Telefs. 369153/321123

ELECTRO DOMÉSTICOS
RAIO DE LUZ LDA
SEDE:
RUA DA PRATA, 141-143
TELEFONE 32 81 36
LISBOA
AGORA
NO SEU NOVO
ESTABELECIMENTO
NA RUA DA MADALENA, 115
c/ móveis e decoração
GRANDES LIQUIDAÇÕES
DE ELECTRODOMÉSTICOS
DURANTE AS OBRAS

ALCATIFAS
PAPÉIS PINTADOS
TECIDOS
TODAS AS MARCAS
E AS MAIS LINDAS COLECÇÕES
AOS MELHORES PREÇOS
MAFRAS & CANEÇAS, LIMITADA
R. da Prata, 167 - R. dos Correeiros, 106—T. 366255
MC, Lda.

DISCOS
Fabricantes e editores
VALENTIM DE
CARVALHO, CI SARL

MODAS
Gama
RUA DOS FANQUEIROS,
141-143 — Lisboa-2
Telef. 32 78 28

QUEM NÃO
ANUNCIA
ESCONDE-SE

motor motor

Por Michel Rocard

Secretário nacional do P. S. U. (Partido Socialista Unificado Francês)

Exclusivo «Le Monde» — «D. L.»

MADRID, ATENAS E SANTIAGO

Há três anos que o Chile encerra a esperança das centenas de milhões de homens, que, através do mundo, querem reconciliar o socialismo com a liberdade. Esta esperança está hoje nas mãos daqueles, que, nessa terra, continuam a travar um combate difícil, cujas possibilidades são aqui bem difíceis de medir. Em todo o caso, o nosso apoio está-lhes dado.

O primeiro dever que este apoio nos impõe é o de fazer luz, na medida do possível, sobre as circunstâncias em que a experiência Allende chegou ao fim. O tom de certos comentários é, a este respeito, inadmissível. Estas lágrimas hipócritas, que se vertem pelo fiel Allende, servem de alibi a um denegrir sistemático da gestão da Unidade Popular, a um pesado silêncio sobre a origem do golpe de Estado e a uma aliança apiedade à Junta. Mas, quando olhamos a informação de perto, surge nova luz.

Deixemos à história e mais precisamente à comissão de inquérito dos Estados Unidos da América o cuidado de esclarecer totalmente até que ponto a I.T.T. controla a política americana no Chile. Por agora, bastam-nos mais uns factos, tão conhecidos como incontestáveis.

1) Quando as eleições regulares fazem do socialista Allende o presidente da República chilena, as cotações internacionais do cobre, matéria-prima das mais especulativas, estão em ponto alto. Ora, o Chile é mono-exportador de cobre (80 por cento do valor das suas exportações). Dois anos mais tarde, as manobras sobre as cotações do cobre foram tais que o seu preço se fixa ao nível mais baixo conhecido em oito anos. Esta descida terá custado perto de mil milhões de dólares ao Chile. A farândola de altas, que tocou a todas as matérias-primas no ano passado, atingiu também o cobre, mas não o suficiente para compensar a enorme perda sofrida nem mesmo para fazer voltar as suas cotações ao seu anterior ponto alto. Muito naturalmente, porém, a cotação aumentava de 10 por cento no dia seguinte ao **putsch**.

2) Quando as eleições presidenciais se desenrolaram, o governo Frei, predecessor de Allende, estava em negociações com o Banco Mundial para a concessão de um empréstimo de 250 milhões de dólares. As decisões de princípio estavam tomadas. Tudo, salvo uma ninharia, foi anulado. Todas as sociedades interessadas no empréstimo, que já estavam implantadas no Chile, aumentaram fortemente os seus preços de venda para financiarem, com a inflação, aquilo que não podiam financiar pelo recurso ao crédito do Banco Mundial.

3) A boicotagem jurídica do governo de Allende (um governo legal) pelas direitas foi total. Um exemplo: há seis meses que o Chile não tinha embaixador em Paris. Ora, todas as nomeações importantes, nomeadamente as dos embaixadores, exigem uma ratificação parlamentar no Chile. E a Assembleia, dominada pela democracia-cristã, bloqueava-as a todas. O mesmo se passava no plano interno. Em três anos de mandato, o governo de Allende só conseguiu fazer aprovar uma única lei, a lei referente à nacionalização do cobre. Para tudo o mais, o governo legal via-se obrigado a trabalhar no meio da obstrução sistemática de todos os outros poderes legais. A única supresa, no fundo, é que a Unidade Popular e Allende tenham mantido um respeito tão escrupuloso de uma legalidade, que, como era visível de há um ano para cá, a direita só respeita quando lhe serve os seus interesses. A lição é clara: é importante ter a legalidade pelo nosso lado, e nós havemos de nos lembrar delas.

4) A boicotagem económica foi ainda mais geral. Todos nos lembramos dos processos instaurados para impedir o Chile de vender o seu cobre. Mas não são tao conhecidos os numerosos contratos de fornecimentos interrompidos ou rescindidos por pressão americana.

5) No plano da gestão económica interna, os dados são claros como água. Em cinco anos de presidência Frei, o produto nacional bruto aumentava de 3,5 por cento ao ano. A chegada da Unidade Popular ao poder traduz-se por uma forte vontade de expansão e por um forte aumento do poder de compra dos trabalhadores assalariados e dos camponeses. O resultado é um aumento do produto nacional bruto da ordem dos 9 por cento no primeiro ano, dos 7,5 por cento e dos 6 por cento no terceiro. Mas um tal impulso na expansão pressupunha uma autoridade política suficientemente forte para impor uma redistribuição correctamente doseada e um saque fiscal brutal sobre as camadas mais favorecidas.

O Parlamento, sob controlo democrata-cristão, não o permitiu. Daí resultou uma inflação muito rápida: o bloqueio financeiro exterior impedia que se corrigisse esta evolução por meio de importações maciças. O erro económico que se cometeu é da mesma natureza e teve a mesma amplitude que o erro do governo de De Gaulle, na Libertação, quando se preferiu a tese Pleven à tese Mendès France, em matéria de luta contra a inflação. O resultado em ritmo de inflação, durante três anos, foi idêntico. Mas a responsabilidade é diferente: em França, recaiu unicamente sobre o chefe do governo; no Chile, recai sobre a direita, devido à sabotagem sistemática que ela fez.

6) Assim, assegurado o bloqueio financeiro no exterior e o bloqueio económico no interior, a direita podia passar ao trabalho político. O sindicato dos mineiros, profundamente corporativista, tinha uma direcção democrata-cristã. Porque não lançá-lo em reivindicações salariais, sem, qualquer relação com o nível de vida dos outros trabalhadores chilenos nem com as possibilidades da economia nacional?

O grémio (corporação artesanal dos camionistas) tinha à cabeça um fascista notório, chamado Villarin. A direita serviu-se dele para paralisar totalmente a economia chilena. Todos nos lembramos dessa interminável greve dos camionistas, que se lançaram em novas exigências, mal o acordo estava à vista.

7) Apesar de todas estas sabotagens, deliberadas, e das dificuldades que acarretavam, o apoio do povo à Unidade Popular progredia, como o mostraram os resultados obtidos nas eleições municipais, e, depois, nas legislativas. A via legal estava vedada para a direita, e, por isso, decidiu enveredar pelo agravamento da sabotagem, a criação de um clima de insegurança, a paralisia da economia, mediante a destruição de pontes e centrais eléctricas e a preparação do **putsch**.

Tropas chilenas montam guarda ao consulado americano em Santiago

8) As coisas preparavam-se solidamente. Armas, subsídios e homens passavam pela fronteira boliviana. O Parlamento vota uma lei sobre o controlo das armas, lei à qual Allende não pode opor-se. Quando a aplica, o Exército vai controlar as poucas milícias populares em curso de criação.

9) Finalmente, quando parece soar a hora oportuna, passa-se aos actos, e é ainda a Imprensa americana que o conta. Três escoltadores de esquadra e um submarino americano dirigiram-se para o Chile. Mas tudo se jogou dentro do país, e, no dia 11 de Setembro, pelas 13 horas, esses navios receberam ordem de não de não penetrar nas águas territoriais chilenas.

Estas informações complementarres, aliás de conhecimento público, a uma massa de notícias largamente difundidas, parecem indespensáveis para a compreensão daquilo que se passou.

Depois da Espanha, da Guatemala, de S. Domingos, do Brasil, da Grécia, da Bolívia, do Uruguai do Congo-Kinshasa, temos agora o Chile metido na ordem. Dois revesses apenas para o imperialismo: o Vietnam e Cuba. A legalidade não constitui, pois, uma sujeição para a direita, mas apenas o meio de que ela se serve para entravar o avanço do socialismo. Eis, pois, um elemento que confere toda a relatividade ao debate sobre as instituições.

À luz dos acontecimentos chilenos, compreende-se me-

Continua na pag. dez

MATUR

SOCIEDADE DE EMPREEDIMENTOS TURÍSTICOS DA MADEIRA, SARL

RUA BRAANCAMP, 52 - 5.º — LISBOA

5.º AUMENTO DE CAPITAL

Período de subscrição: 15, 16 e 17 de Outubro.

Elevação do Capital Social de 35 000 000$00 para 200 000 000$00, mediante a emissão de 165 000 novas acções de valor nominal de 1000$00 cada, nas seguintes condições:

1 — 122 500 acções destinadas a serem subscritas pelos actuais accionistas, ao par, acrescido de 282$54 do valor do imposto de mais valia, tendo o direito a subscrever 7 novas acções por cada 2 de que for titular. Todas as acções não subscritas, serão atribuídas, sujeitas a rateio aos accionistas que no acto da subscrição declararam desejá-las ao preço acima referido;

2 — 42 500 acções destinadas a serem subscritas pelo público em geral pelo valor de 2000$00 por acção;

3 — As acções subscritas pelos accionistas no exercício do direito de preferência deverão ser liquidadas:
a) 50% no acto da subscrição, acrescido do imposto de mais valia;
b) Os restantes 50%, três meses a contar do último dia da subscrição;

4 — As acções subscritas pelo público deverão ser integralmente pagas no acto da subscrição;

5 — Todas as novas acções emitidas em decorrência do presente aumento de capital terão direito a perceber a parte do dividendo de 1973 proporcionalmente ao tempo decorrido desde a data da subscrição;

6 — A subscrição deve ser feita nas seguintes entidades de crédito, que tomaram firme a emissão:

BANCO AGRÍCOLA E INDUSTRIAL VISEENSE
BANCO DA AGRICULTURA
BANCO DO ALENTEJO
BANCO BORGES & IRMÃO
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
BANCO FERNANDES DE MAGALHÃES
BANCO FONSECAS & BURNAY
BANCO INTERCONTINENTAL PORTUGUÊS
BANCO NACIONAL ULTRAMARINO
BANCO PINTO DE MAGALHÃES
BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO
BANCO TOTTA & AÇORES
PANCADA, MORAIS & CIA.

7 — No caso de rateio as importâncias relativas às acções atribuídas, serão devolvidas a partir do dia 31 do corrente mês;

8 — Os títulos definitivos serão entregues no prazo de 60 dias a contar da data da liberação da totalidade das acções agora emitidas;

9 — Logo após a troca das cautelas pelos títulos definitivos, será pedida a sua admissão à cotação da Bolsa de Lisboa;

10 — O prospecto com os elementos respeitantes à Sociedade e a esta emissão de acções pode ser obtido nos locais de subscrição;

11 — Chama-se a atenção dos subscritores, para o que se encontra oficialmente estabelecido quanto à identificação.

Lisboa, 12 de Outubro de 1973

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SOCIALISMO DEMOCRÁTICO

Continuação da página oito

reformas limitadas, com 51 por cento de partidários contra 49 por cento de adversários, porque o recurso à violência seria mais traumatizante para estes últimos que a aceitação das decisões da maioria. Não pode estabelecer-se o socialismo nestas condições, se os 49 por cento entenderem que ele os atiraria para uma situação intolerável: porque eles tomarão a iniciativa da violência e encontrarão apoios suficientes para a pôr em execução.

A primeira condição para o caminho democrático do socialismo num país ocidental de tipo francês é que o Governo de esquerda tranquilize as classes médias sobre a sua sorte adentro do futuro regime, a fim de as dissociar do núcleo dos grandes capitalistas condenados, esses sim, a desaparecer ou a ficar sujeitos a um controlo estrito. Isto pressupõe que a evolução para o socialismo seja muito progressiva e muito lenta, de modo a aliar, em cada etapa, uma parte notável daqueles que a princípio o temiam. A sorte das pequenas empresas no futuro regime deve ser, aliás, claramente especificada, pondo em evidência que ela será melhor que dentro do capitalismo dos monopólios e oligopólios. A nacionalização das grandes empresas não deve, em caso nenhum, ser acompanhada de ocupações ou auto-sugestões selvagens, como aconteceu no Chile para mal do Governo Allende. A ordem pública deve ser firmemente mantida, mesmo que isso obrigue a restringir a espontaneidade dos movimentos populares.

Estas condições são draconianas, e compreende-se que os esquerdistas — e alguns outros — as recusem. Haverá que recordar as palavras de Lenine: «Os factos são teimosos» o facto de a realidade ser desagradável não a impede de ser a realidade. Aliás a via revolucionária para o socialismo é ainda mais difícil nas nações do Ocidente que a via democrática. Quando uma sociedade se encontra dividida em dois blocos mais ou menos iguais em número e em força, um deles não pode impor ao outro um regime que este considere inaceitável, a não ser à custa de uma violência extrema ou de terríveis holocaustos.

As revoluções são «doces» (relativamente) e os golpes de Estado «limpos», quando a oposição é fraca. Umas e outras são terríveis quando 51 por cento se opõem a 49 por cento ou quase. Assim, nos países atrasados da América Latina, onde as massas populares são esmagadas pela dominação dos grandes proprietários, das firmas multinacionais (isto é, americanas), pelas potências capitalistas locais, pela C.I.A., os «pronuciamientos» podem fazer-se sem vítimas demasiado numerosos. Nno Chile, mais evoluído, onde o governo socialista suscitou grandes esperança, os militares estão metidos no beco sem saída dos excessos sangrentos, mau grado o seu «republicanismo».

TEMPO DE SUSPEITA

Discórdia em casa do inimigo

Por ANDRÉ FONTAINE

LE MONDE

«Cimeira» dos não alinhados em Argel; viagem de Pompidou a Pequim; encontro dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos «Nove» em Copenhaga para tentar definir uma «identidade europeia»; assembleia parlamentar atlântica em Bruxelas; abertura, em Tóquio, dos trabalhos parlamentares dos «Nixon round»; reunião em Viena dos países exportadores de petróleo; segunda fase — em Genebra — da conferência sobre a segurança e cooperação na Europa: raramente o calendário de uma reabertura diplomática terá sido tão sobrecarregado. Mesmo levando em conta, que não é pequena, as palavras inúteis e o turismo puro e simples, uma tal agitação seria inconcebível se a luta das potências pelo poder não prosseguisse, sob a capa da calma, com uma indomável rudeza.

Há poucos lugares aonde esta evidência seja tão pouco contestada como no Eliseu e no Quai d'Orsey. Mais do que nunca, ali se recusa ver na lua de mel dos dois supergrandes o fundamento de uma paz eterna e da qual a Europa seria, em parte, a dar ouvidos aos seus artífices, a principal beneficiária. Afinal, uma das condições postas por Jobert para a sua participação na reunião europeia de Copenhaga foi que, contrariamente aos votos de vários participantes, e principalmente do Governo de Bona, renuncia a felicitar-se solenemente pelo acordo Nixon-Brejnev de Junho último.

O NEGÓCIO DOS MIRV

A dizer a verdade, a euforia soviético-americana começa a enevoar-se com algumas suspeitas, e seria preciso que Kissinger, tornado secretário de Estado, tivesse mudado muito para que não se lhe reservasse um lugar importante nestas análises globais em que ele se tornou mestre.

Assim acontece, em primeiro lugar, com os armamentos. Como se sabe, os soviéticos experimentaram com êxito, há algumas semanas, foguetões ditos MIRV (Multiple Independently targeted Re-entry Vehicle), cuja originalidade é a de distribuir as cargas nucleares múltiplas que veículam por lugares muito afastados uns dos outros, sem que seja possível ao adversário prever a sua mudança de trajectória.

No quadro das negociações SALT, os americanos tinham assinado, no ano passado, um acordo bilateral de limitação de armamentos estratégicos que dava aos soviéticos uma nítida vantagem quanto ao número dos foguetões autorizados, porque os Estados Unidos pensavam conservar, ainda por muito tempo, o monopólio dos MIRV. Agora que, contrariamente às suas previsões, o Kremlin dispõe também destes engenhos, perguntam-se se não foram enganados. É certo que Nixon declarou, para fazer boa figura, que os soviéticos tinham, nos termos dos acordos, o direito de «modernizar» os seus sistemas de armamentos e que os Estados Unidos procurariam concluir um novo acordo, incluindo os MIRV. Acontece que o seu secretário da Defesa, Schlesinger, havia já admitido que as possibilidades de obter um acordo deste género se tinham **tristemente deteriorado.** De qualquer maneira, o controlo por satélites artificiais de uma limitação dos MIRV é, no dizer dos peritos, praticamente impossível. A isto deve acrescentar-se que o domínio dos foguetões não é o único no qual os soviéticos fazem esforços consideráveis e que as despesas militares continuam a absorver, segundo cálculos normalmente admitidos, perto de 40 por cento do seu produto nacional bruto.

O ECONÓMICO

A cooperação económica, também ela, vai menos bem. Seduzidos por um momento pela amplitude das perspectivas abertas pelos seus interlocutores soviéticos, os homens de negócios americanos começam a interrogar-se sobre a rentabilidade dos investimentos para que são convidados.

A maior parte dos projectos discutidos dizem respeito às matérias-primas que o solo siberiano guarda em quantidades fabulosas. A sua extracção exige créditos igualmente fabulosos. Ora, os soviéticos, devido principalmente à série de colheitas desastrosas que têm registado, estão com falta de divisas. O seu comércio com o Ocidente é largamente deficitário e devem consagrar já metade do produto das suas exportações ao serviço da sua dívida externa. Nestas condições, tudo o que podem oferecer aos seus parceiros, muito frequentemente, é a possibilidade de se pagarem em matérias-primas que o seu concurso tenha permitido extrair; os prazos para tal, em numerosos casos, vão de cinco a 15 anos. Tais condições nada têm de exaltante para os capitalistas habituados a calcular em termos de lucros rápidos. O mesmo não acontece com a compra de gás siberiano que, apesar das dificuldades crescentes de aprovisionamento energético dos Estados Unidos, não começa a perder o seu atractivo: ao fim e ao cabo, as entregas previstas não representariam mais de 2 por cento do consumo americano, o que retira todo o carácter decisivo à utilidade do negócio.

Estas reservas nada têm de político e podem ouvir-se outras análogas na boca de industriais ou de banqueiros japoneses, alemães ou franceses interessados no comércio com a União Soviética. Mas, também os homens políticos as formulam. Descobriram, à luz da actual crise do petróleo, que era pouco avisado meter-se, para o fornecimento de matérias-primas importantes, na dependência de nações que, necessariamente, não serão sempre amigas. Constatam que as vendas maciças de cereais aos países socialistas têm tido como consequência uma alta vertiginosa dos preços mundiais, tendo os contratos oficiais sido completados por numerosas operações levadas a cabo por testas de ferro: isto permite hoje à URSS ceder aos países ocidentais trigo comprado nos Estados Unidos a preços duas ou três vezes inferiores àqueles por que o estão a vender. O secretário do Tesouro americano, Shultz, acaba de admitir que o seu governo se deixou ludibriar.

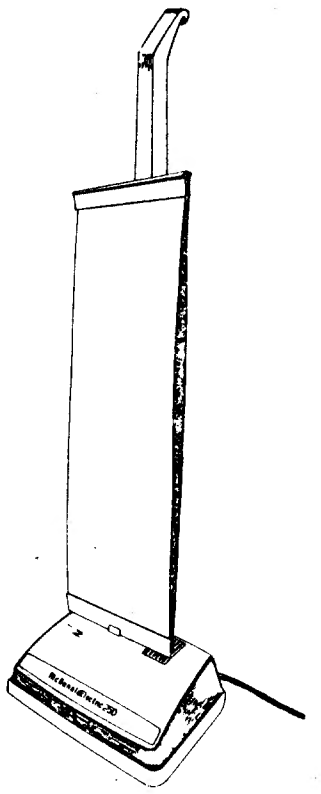
Brejnev não pode, por outro lado, ir demasiado longe no caminho da repressão dos contestatários, sem pôr em perigo o proveito que conta tirar da calma existente para satisfazer os desejos crescentes dos consumidores soviéticos. O Senado americano não aceitará, com efeito, aplicar a cláusula de nação mais favorecida às relações comerciais com a URSS, a menos que esta abrande a sua atitude relativamente às liberdades individuais e à troca de ideias. É sob esta ameaça que o Kremlin se decidiu a deixar uns três mil judeus partir mensalmente da União Soviética. Porém, tudo indica que seria preciso muito mais para que o senador Jackson, autor da emenda apresentada neste sentido, consinta em retirá-la, ou para que a maioria dos seus colegas renuncie a votar em seu favor. E, por outro lado, a Academia Americana das Ciências, que está encarregada do estudo e da execução de numerosos projectos comuns com a URSS, ameaça declarar-se fora do assunto «se Sakharov vier a ser privado da possibilidade de servir o povo soviético e a humanidade».

Sakharov e Soljenitsyne sabem tudo isto. Sabem, também, que a questão de intercâmbio intelectual, terceiro ponto da ordem do dia da conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa, vai ocupar um grande lugar desde a abertura da mesma, na segunda fase dos seus trabalhos. E foi exactamente por isso que eles escolheram o período actual para fazer as suas barulhentas declarações. Seria porém surpreendente se Brejnev pudesse fazer as concessões reclamadas pelo Senado americano. Não se diz que o mandar calar os contestatários é o preço que tem de pagar pela aceitação pelos «duros» da direcção soviética, de uma política de aproximação com o Ocidente, e principalmente com a Alemanha, de que ele próprio disse a vários interlocutores que havia encontrado muita oposição? Em todo o caso, ele é o último a esquecer que Malenkov e Kruchtchev foram derrubados um e outro, por terem explorado um pouco demasiado longe os caminhos de cooperação com o Ocidente. O adiamento da viagem a Praga de Brandt, o apoio dado pelo chanceler federal a Sakharov, bem poderiam mostrar que a calma atingiu, pelo menos provisoriamente, os seus limites.

UMA CALMA «TEMPORÁRIA»?

Deve dizer-se que, como afirmou Chu En-Lai no X Congresso do seu partido, a calma não passa de um **fenómeno temporário e superficial, ao passo que as grandes perturbações continuarão a produzir-se?** A dar-lhe ouvidos, a **rivalidade (dos supergrandes) é absoluta e de longa duração, ao passo que o bom entendimento é relativo e temporário.**

O primeiro-ministro chinês tem, sem dúvida, razão na sua análise a longo prazo. Com efeito, nunca na história o equilíbrio dos armamentos foi suficiente para assegurar uma paz duradoura. A política de partilha das esferas de influência nunca durou mais tempo do que aquele que um dos parceiros considerasse suficiente para estar em condições de modificar a partilha em seu proveito. Acontece que, de momento, os perigos de um conluio soviético-americano não são conjurados pelos chineses.

ASPIRADOR
«McDONALD ELECTRIC 250»
A ÚLTIMA PALAVRA EM ASPIRAÇÃO
ESCOVA... E ASPIRA...
ESPECIAL PARA TAPETES E ALCATIFAS
EFICAZ EM QUALQUER OUTRO TIPO DE SOLO
EFICIENTE... PRÁTICO...
HIGIÉNICO... E ECONÓMICO...
Penetra facilmente debaixo dos móveis... Deposita as poeiras no fundo do saco de papel colocado no interior do saco de lona... Não força a acumulação de poeiras através da poeira do dia anterior. Isso explica o motivo por que é igualmente eficiente até o saco estar cheio.

À VENDA NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE
Importador e Distribuidor:
M. PIRES VITÓRIA
Rua Serpa Pinto, 56 - A — Telefone 24883 — FARO
Distribuido também por:
FERNANDO S. AMARANTE, LDA.
Rua Cidade da Horta, 54 — Telefones 557063 e 46292 — LISBOA

DUAL
HI-FI
GIRA-DISCOS
AMPLIFICADORES
SINTONIZADORES
COLUNAS
ESTEREOFONIA
QUADRIFONIA
ULTRALAR
PR. DE LONDRES, 7-C

MADRID, ATENAS E SANTIAGO

Continuação da página anterior

Ihor o que o redactor de *La Nation* (mais) quer dizer, quando escreve: «... ou então os franceses na sua maioria votam um dia livremente pela esquerda unida, a revolução e o paraíso socialista», e nesse caso advertidos pelo exemplo chileno e tantos outros, terão previamente aceitados as consequências.

EXÉRCITO

O Chile mostra, após tantos outros exemplos, o rosto hediondo de um exército entregue à repressão.

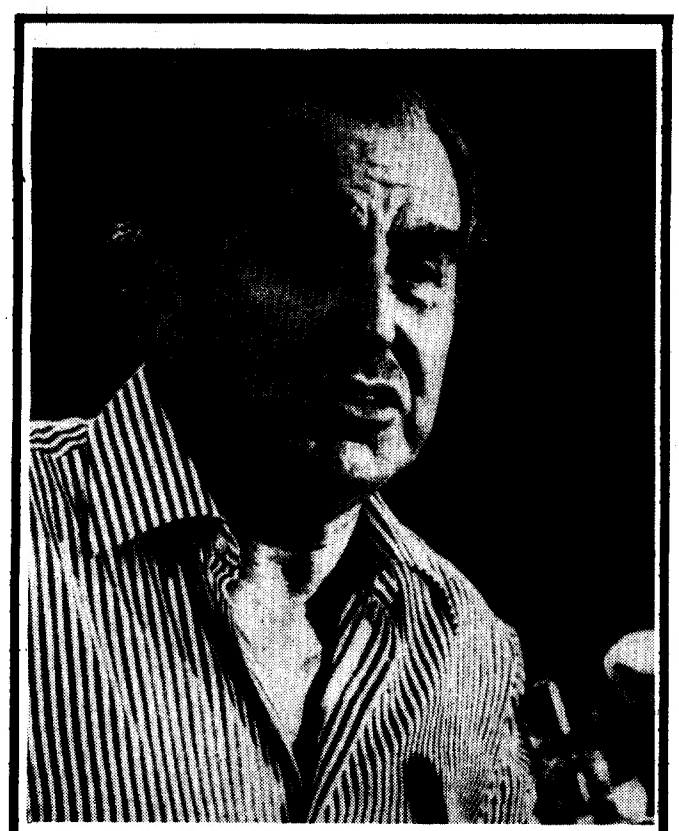
(a) Orgão da U.D.R. partido maoritário da coligação governamental francesa (N.T.)

No fundo, foi ao exército francês e aos seus quadros que se pôs o problema mais grave de todos quantos o caso do Chile suscitam. A luz daquilo que ali se passou, que pensam os oficiais convidados para as manobras sobre o tema: «O exército intrevm para repor o governo no poder»? Que pensam os oficiais da «gendarmerie» postos ao serviço do patronato para ocuparem a Lip ? Que pensam os oficiais da Escola de Guerra, ouvintes de Michel Debré, quando este diz: «A.D.O.T. tem a missão de impedir a repetição de acontecimentos como os que se deram em Maio de 1968»?

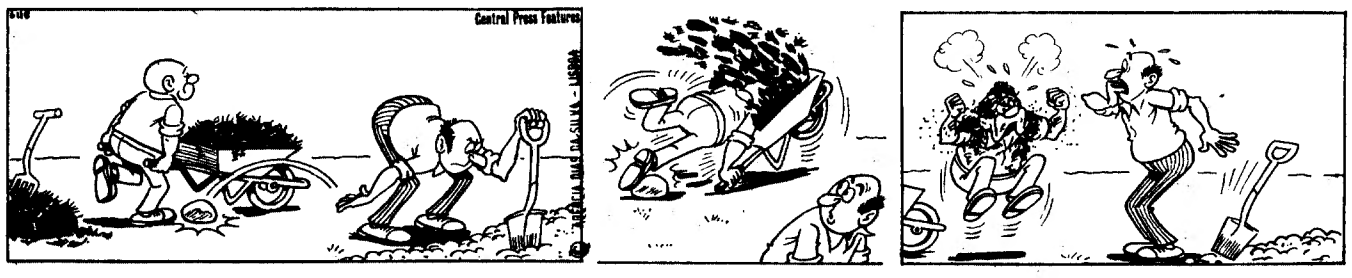
. O exército francês tem uma certa tradição neste sentido, mas menos firme: a grande massa dos quadros militares, unânime embora, por altura do 13 de Maio de 1958 esteve longe de se colocar depois ao lado dos coronéis e generais **putschistas** de Argel.

Seja como for, a lição é clara para as forças socialistas: é preferivel não consentir que o exército se ocupe, e, sobretudo, que não seja ele sozinho a decidir tais problemas.

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS
COTAL
SERVIÇO OFICIAL
TOYOTA
Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telfs. 683131/2/3
Telfs. 631057/8
MERCEDES
BMW
ROVER
MARCAS DA G.M.
TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE
DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS
UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA
SERVIÇO INDEPENDENTE



O general Haim Herzog tem sido nesta guerra israelo-árabe o informador oficial e comentador dos acontecimentos. Já diversas vezes mudou de tom. Herzog, antes de ingressar na reserva, foi chefe dos serviços de espionagem do Exército israelita.



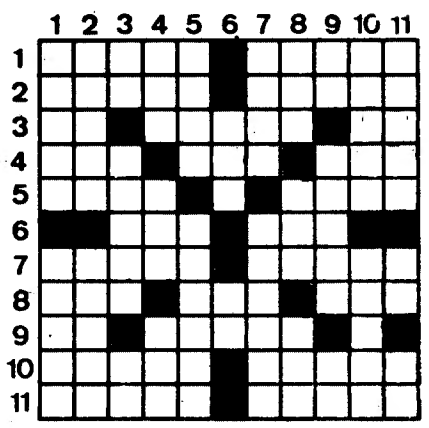
PASSATEMPOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N. 10 578

HORIZONTAIS:

1 Marca com selo. Estacionas.
2 Tornar a ler. Embriaguez (pop.).
3 Artigo indefinido. Simples. Interjeição de dor.
4 Pronome demonstrativo. Doença. Imensidade.
5 Pernadas de sobreiro. Um dos Estados do Brasil.
6 Pequeno símio do Brasil. Maior.
7 Os descendentes. Nome de homem.
8 Grito. Preposição. Medida de superfície.
9 Ema. Habitam.
10 Intimam para comparecer perante a autoridade ou para cumprir uma ordem judicial. Rocem.
11 Guarnecido de asas. Perfume.



VERTICAIS:

1 Antro. Jamais.
2 Mover os remos. Prendeis com elos.
3 O mais. Ágil. Basta.
4 Caminha para cá. Saudável. Madeira.
5 Lavrem. Chego.
6 Freguesia do concelho de Penafiel. Érbio (s. q.).
7 Vantagem. Sugara o leite materno.
8 Preposição e artigo definido. Preposição. Abismo (fig.).
9 Reis. Nome de mulher. Isolado.
10 Recuar. Tramem.
11 Brotara. Ilha francesa do oceano Atlântico. Tumor, o mesmo que arreira.

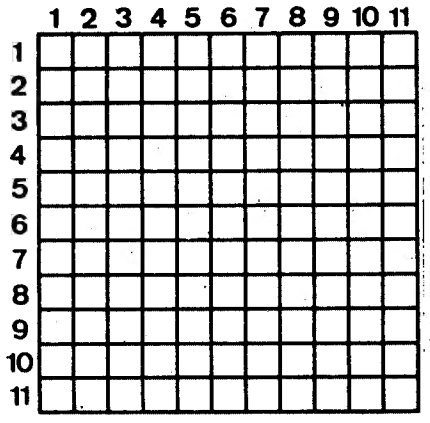
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 735

HORIZONTAIS:

1 Animal da classe dos acarídeos. Assassinas.
2 Reboco grosseiro e pouco resistente feito com areia e cimento. Vila e concelho do distrito de Portalegre.
3 Prendam. Pássaros.
4 Doçura. Planta cujo suco é empregado para envenenar as flechas dos Mandingas. Terceiro.
5 A alma. Moeda de ouro.
6 Rente. Ovários dos peixes.
7 Prata (s. q.). Vasilha com asas. Cento e um em romano.
8 Região. Freguesia do concelho de Coimbra.
9 Tempo do verbo ir. Imposto de transmissão.
10 Chefe etíope. Oceano.
11 Afie. Venera.



VERTICAIS:

1 Dispõe em camadas. Arremessa.
2 Espiolhem. Criam.
3 Chamar em socorro. Alegria.
4 Víscera. Congelara.
5 Grande ribeira da Ásia Russa. Espécie de canoa. Preposição.
6 Plutónio (s.q.).
7 Mil e cem em romano. Socorre. Nota musical.
8 Pedra de altar. Do feitio de ovos.
9 Cidade de Portugal. Versejo.
10 Excito. Emparelhar.
11 Pessoa muito parecida com outra. Rio de França.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. º 10 577

HORIZONTAIS:

1 QUEM. NADA.
2 Brim. Broas.
3 Ar. Er. Os.
4 Anal. Rimava.
5 Nó. Asi. Elar.
6 Grifo. Ira.
7 Mó. Sa.
8 Eu. FAZ. Ró.
9 Lima. Adorar.
10 Atol. Câmara.
11 Sora. Araras.

VERTICAIS:

1 Qb. Ano. Elas.
2 Urano. Muito.
3 Eira. Gó. Mor.
4 MM. Lar. Fala.
5 Siva.
6 Nb. Rif. Zaca.
7 Arei. Os. Dar.
8 DORME. Aroma.
9 Aa. Ali. Orar.
10 Sovara. Ara.
11 Sara. Aras.

Provérbio: QUEM NADA FAZ MUITO DORME.

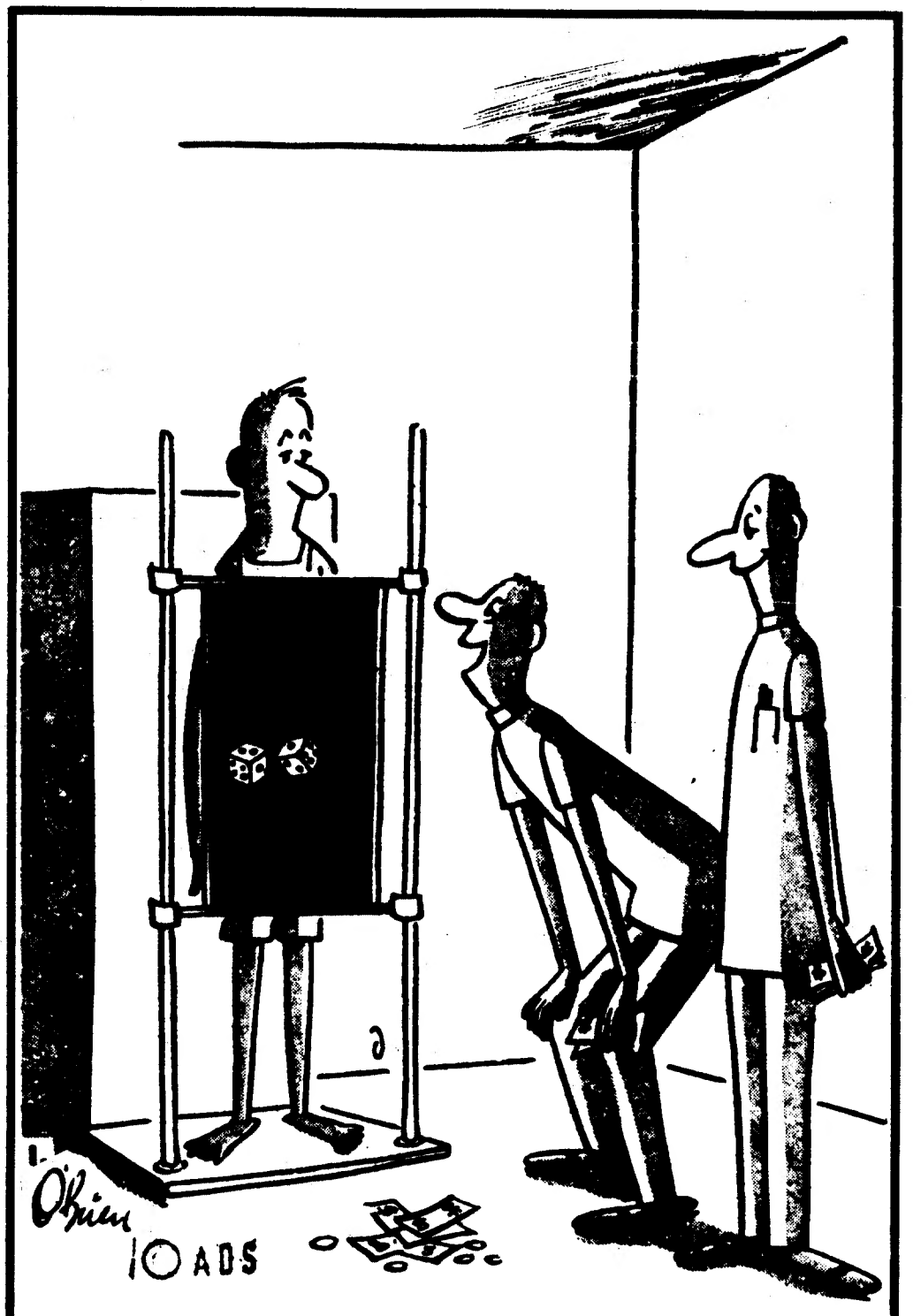
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 734

HORIZONTAIS:

1 Trave. Magos.
2 Destina.
3 Uri. Ter. Sãs.
4 Tu. Camas. Sa.
5 Pelagem.
6 Toma. Eros.
7 MAI. Rum. Rem.
8 Apor. Faia.
9 Casar. Porto.
10 Ad. Ulvar. Am.
11 Rau. São. Ase.

VERTICAIS:

1 Truta. Maçar.
2 Ru. Tapada.
3 Adi. Polos.
4 Vê. Cem. Rau.
5 Estalar. Ris.
6 Tema. Ui. Vá.
7 Miragem. Pão.
8 An. Ser. For.
9 Gás. Morar.
10 Ás. Seitas.
11 Sisal. Maomé.



— Ora tussa lá mais uma vez, se faz favor!

PELO MUNDO

A IGREJA EM ITÁLIA

A Igreja na Itália, sofre da mesma crise que se verifica, no campo espiritual, a nível universal. Uma crise de evolução, visto que, segundo todos os indícios, a religiosidade do povo italiano está submetida a mudanças que podem ter altíssima transcendência perante as incertezas do futuro.

Um inquérito, publicado pelo semanário «Panorama» de Milão, revela que, na realidade, só cerca de 40 por cento dos italianos podem considerar-se realmente católicos, apesar de a Itália ser um país católico, visto que as outras religiões ou confissões cristãs só reúnem cerca de 350 mil fiéis.

O mapa da Igreja na Itália — 292 dioceses — oferece limites preciosos: segundo o estudo realizado, 35 por cento da população assiste habitualmente à missa, enquanto 35 por cento não frequenta nunca a Igreja. E há finalmente o outro terço da população, que passa ocasionalmente pelas igrejas. De acordo com a estrutura sociológica do país, estas percentagens têm as suas variações, sendo o maior o número dos que praticam a religião entre os velhos, as mulheres e as classes mais elevadas da sociedade, enquanto os homens, os jovens e a classe operária se encontram mais longe da Igreja.

Este panorama estatístico, que poderia parecer pessimista a alguns, não é assim interpretado por aqueles que, como numerosos dirigentes eclesiásticos, consideram preferível a qualidade à quantidade.

E afirmam que a carência numérica é largamente compensada pela melhor participação dos fiéis na vida da Igreja. Segundo o depoimento de um pároco romano — citado pelo semanário milanês — o católico italiano está a mudar de aspecto. São menores as assistências à missa, mas são mais numerosas as comunhões (45 por cento), pelo menos uma vez por ano. E durante a celebração da missa nota-se perfeitamente esta modificação, dada a maior participação dos fiéis no sacrifício, com maior consciência da presença eucarística e da sua importância na vida religiosa.

Outros dados estatísticos curiosos: os italianos, numa percentagem de 75 por cento, preferem o uso da sua língua nas cerimónias religiosas, e só 10 por cento continuam partidários do latim — sendo nas classes mais elevadas que se encontram os que preferem a antiga liturgia.

Há ainda quem creia que a crise religiosa é devida à indiferença, ao agnosticismo ou à secularização do mundo. Outros creêm que se trata, antes, do desaparecimento de velhas fórmulas ultrapassadas, de superstições e de costumes sem sentido no mundo de hoje — mas para serem substituídos por uma espiritualidade nova e renovadora, de sentido muito mais profundo que o das devoções particulares e dos múltiplos actos de culto.

O problema da oração pode considerar-se indicativo: há sacerdotes que lamentam o desaparecimento do hábito da oração, especialmente a nível familiar, como é o caso do rosário. Mas outros há que se regozijam com a nova forma de oração que brota espontânea da alma — e é muito mais frequente do que possa imaginar-se — e em que o crente se exprime em frases e pensamentos que não obedecem a uma regra nem a uma fórmula, mas em que as pessoas, nos momentos culminantes da sua vida, nos momentos de angústia ou de felicidade, se dirigem a alguém que os escuta e em que podem confiar.

Este «aggiornamento» é patente no culto dos santos. Certas imagens que eram, num passado recente, objecto de veneração, foram relegadas para um segundo lugar — e a fé centra-se mais directamente no diálogo entre a alma e Deus. Procura-se a oração comunitária e a comunhão muito mais do que a «devoção sentimental» ao Santo. E, apesar disso, nada se perdeu da espiritualidade mariana, embora também o culto à mãe de Deus esteja em evolução, encaminhando-se talvez para uma imagen de nossa senhora mais próxima da realidade teológica e mais afastada das características excessivamente locais. O que, por seu turno, não impede que milhões e milhões de fiéis não continuem a acorrer aos santuários marianos, que são ainda os principais centros de peregrinação.

Mescla de tradição e de inovação, a perspectiva evolutiva suscita graves problemas à Igreja — seja na Itália, seja em qualquer outra região, criando divergências de interpretação entre os fieis.

Na Itália, a hierarquia parece convencida de que lhe compete renovar também os métodos de evangelização, adaptando-os às realidades sociológicas do nosso tempo e ao objectivo de dar a devida importância à prática religiosa, aos sacramentos e à vida espiritual. Importa captar os que vivem longe do redil, mesmo que estes sejam grupos compactos. Há que ter em conta, entre os que vivem longe da Igreja, as grandes linhas características que os diferenciam — há aqueles que, embora sem uma prática religiosa regular, mantêm uma atitude católica perante a vida. Mas outros há que estão separados da Igreja por sentimentos profundos, que lhes emprestam conceitos de oposição à Igreja. É o caso de grande parte do mundo operário, dos jovens contestatários, dos intelectuais da esquerda.

O episcopado italiano trabalha activamente na evangelização desses grupos, mas não conseguiu ainda total coincidência de opiniões. No desejo de atrair os mais rebeldes, há quem pugne pela ideia que os fossos da desconfiança só podem ser superados se a Igreja renunciar aos seus privilégios, se se limitar a anunciar o Evangelho e a comprometer-se na denúncia das injustiças sociais. Mas há também aqueles que se insurgem contra o que consideram uma «secularização» da Igreja, e entendem que esta só pode alcançar vitórias reais se mantiver a sua tradição, porque de qualquer mudança à perda de toda a espiritualidade não vai mais do que um passo — bem difícil de medir. E há ainda os que compreendem que se procure chegar às ovelhas desgarradas, a esses 35 por cento de indiferentes, mas que aceitam que ao catolicismo italiano esteja agora aberto um caminho novo — o de uma fé mais comprometida, com maior vivência da religião, mas por parte de minorias.

FASE - 3

Edward Heat anunciou a fase-3 do seu programa contra a inflação, programa esse que os eleitores parecem considerar insuficiente a muitos injusto. A popularidade do Partido Conservador continua entretanto a baixar sendo hoje, embora o governo, o que menos apoio apresenta nas sondagens á opinião pública.

ERRO DE CÁLCULO

Os peritos em assuntos de defesa reconhecem agora que o equilíbrio militar no Médio Oriente entre os Árabes e os Israelitas, estava muito mal calculado.

As anteriores estimativas, aceites pelos governos ocidentais e pelos seus principais peritos davam persistentemente uma vantagem militar esmagadora a Israel sobre o Egipto e a Síria, no ar na qualidade das armas e nos conhecimentos técnicos.

A luta no Sinai e nas colinas de Golan demonstrou porém ser uma grande supresa para a maior parte dos peritos e colocou em dúvida os seus cálculos — os próprios o reconhecem.

Como motivos principais apontam:

— Os soviéticos parece que forneceram muito mais armas ao Egipto e à Síria do que se supunha.

— Essas armas são melhores e mais modernas do que na generalidade se julgava.

— Os mísseis terra-ar demonstraram ser muito mais perigosos para a força aérea israelita do que o próprio Estado de Israel calculava, apesar de ter experiência de encontros aéreos com tais mísseis, designados por Sam.

— O treino do exército árabe deu origem a uma força de combate com quenão se contava.

— Os árabes resolveram alguns dos complexos problemas técnicos do armamento moderno, incluindo o do funcionamento dos Sams relacionado com radar, aparelhagem electrónica e comunicações.

— Os soviéticos forneceram, aparentemente sem que os israelitas soubessem, vasta quantidade de equipamento de invasão, incluindo carros anfíbios, vasos de guerra e material para contrução de pontes.

— Os árabes melhoraram os seus serviços secretos em Israel, enquanto os israelitas se teriam concentrado mais em actividades de contraguerrilha.

— Os peritos ocidentais em assuntos de defesa estão ainda a tentar descobrir se peritos soviéticos auxiliaram os egípcios e os sírios a prepararem-se, a montarem e a arquitectarem uma força invasora com todos os pormenores necessários a tais operações.

Tudo indica que os soviéticos não participaram activamente na actual luta, mas treinaram os árabes durante anos antes de serem expulsos do Egipto e de mais recentemente haverem sido manietados na Síria.

Ambas as atitudes dos países árabes em relação aos soviéticos podem ter sido parte de uma grande operação de camuflagem, em escala grandiosa.

Os Sams, acima de tudo, desempenharam um papel importante na alteração a favor dos árabes do previsto equilíbrio de poder militar no Médio Oriente.

Estáticos ou móveis demonstraram ser um factor básico na luta contra a força aérea israelita, da qual Israel dependia e continua essencialmente a depender.

Os israelitas não podem enfrentar os árabes em número de homens ou em equipamento convencional, nomeadamente em tanques. Embora as tácticas anti-Sam tenham melhorado, parece que ainda os não conseguem neutralizar. E o que torna o problema mais difícil é a sua crescente mobilidade.

Segundo os actuais indícios, o fulcro da força aérea árabe parece ainda estar intacto factor possivelmente de grande importância para os próximos dias.

MOINHOS DE VENTO

Uma equipa de cientistas reunidos em Genebra constru. um novo tipo de moinhos de vento, capazes de se constituirem em resposta à crise crescente de energia que se verifica em todo o mundo industrializado. Um desses moinhos está já em funcionamento e dá electricidade suficiente para cobrir as necessidades de cinco famílias, incluindo o seu aquecimento.

«A velha queixa contra os moinhos de vento como produtores de electricidade é a de que param quando não há vento. Mas não se trata de uma queixa válida» — diz-nos Walter Schoenball, um alemão de 45 anos vindo de Paderborn e que chefia a equipa dos «cientistas de Genebra».

«As estatísticas meteorológicas demonstram que, na maioria dos locais da terra, há apenas três dias, em média, em que de facto não há vento. Mas não se deve esquecer que a electricidade produzida pelos moinhos de vento pode ser armazenada para ocorrer a esses poucos dias de carência».

Perito em problemas populacionais ao serviço das Nações Unidas em Genebra, Schoenball declara-se convencido de que a solução agora encontrada poderá servir, pelos menos, para os núcleos populacionais residentes em áreas distantes dos grandes centros urbanos, facilitando o seu abastecimento de energia, sem o oneroso transporte desde as grandes cidades.

Outro inconveniente — salienta — dos antigos moinhos de ventto consistia na pequena parte de vento que aproveitam: cerca de 30 por cento. O novo modelo, utiliza 70 por cento do vento que sopra na região onde estão implantados os moinhos e, por vezes, consegue aproveitar 80 por cento do vento.

A ideia, inicialmente, foi de Schoenball, que pediu a um grupo de amigos engenheiros que o auxiliassem a pô-lo em prática. Assim o gerador foi desenhado pelo prof. Marcel Jufer, da universidade de Lausana, o sistema electrónico é o trabalho de Jacques Dufournaud da universidade de Paris, as velas rotativas foram desenhadas e construídas por Hans Golich, dirigente de uma firma de engenharia de Genebra.

«A população mundial cresce em 80 milhões de pessoas por ano, e terá atingido a cifra dos 6 500 milhões de almas no ano 2 000 observa Schoenball.

«As fontes de abastecimento de carvão, de petróleo e de gás natural estarão exaustas, na Terra, num futuro previsível e relativamente próximo. O petróleo, em particular, terá desaparecido da crosta superior da Terra entre 1980 e 2000».

Por outro lado, Schoenball está convencido de que o abastecimento de energia não será possível nos próximos 20 anos e que, em 1980, só poderá ser garantida por reactores nucleares uma quarta parte das necessidades mundiais de energia.

«Mas o vento será uma fonte de energia que estará sempre à disposição da humanidade» — salienta o inventor do «Noah», o moinho de vento do ano 2000.

Munido de duas velas rotativas de onze metros de comprimento — pouco mais baixas, portanto, que todo o moinho, que tem doze metros de altura — o «Noah», além das duas velas que giram em direcções opostas, tem o gerador colocado no eixo da roda central.

«Deste modo, a maior velocidade relativa entre os rotores pode ser plenamente utilizada para a transformar em energia eléctrica»» — diz-nos ainda Schoenball.

As velas do moinho foram inspiradas nas de um moinho dinamarquês, cujo desenho data de 1926. As alterações introduzidas serviram para aumentar a capacidade de captação de vento.

O «grupo de Genebra» não tem a menor preocupação do lucro. Cada um dos seus componentes vive de outros proventos e os lucros que venha a ser possível retirar de cada moinho, que custa cerca de 50 000 dólares, é para ser investido em estudos e experiências de aperfeiçoamento desta nova fonte de energia.

Exclusivo

SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa